



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

RENAN KOIS GUIMARÃES

**UMA SISTEMATIZAÇÃO DA LITERATURA ANALÍTICO-
COMPORTAMENTAL SOBRE O CONCEITO DE
ALTRUÍSMO**

Londrina
2019

RENAN KOIS GUIMARÃES

**UMA SISTEMATIZAÇÃO DA LITERATURA ANALÍTICO-
COMPORTAMENTAL SOBRE O CONCEITO DE
ALTRUÍSMO¹**

Dissertação apresentada ao Programa de Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, da Universidade Estadual de Londrina como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Análise do Comportamento.

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Laurenti.

Londrina
2019

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, processo 1795288.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Guimarães, Renan Kois.

Uma sistematização da literatura analítico-comportamental sobre o conceito de altruísmo / Renan Kois Guimarães. - Londrina, 2019.
181 f. : il.

Orientadora: Carolina Laurenti.

Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, 2019.

Inclui bibliografia.

1. Altruísmo - Tese. 2. Análise do Comportamento - Tese. 3. Comportamento altruísta - Tese. 4. Comportamento molar - Tese. I. Laurenti, Carolina. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento. III. Título.

RENAN KOIS GUIMARÃES

**UMA SISTEMATIZAÇÃO DA LITERATURA ANALÍTICO-
COMPORTAMENTAL SOBRE O CONCEITO DE ALTRUÍSMO**

Dissertação apresentada ao Programa de Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, da Universidade Estadual de Londrina como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Análise do Comportamento.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Laurenti
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Profa. Dra. Nádia Kienen
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Pedro Bordini Faleiros
Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP

Londrina, 11 de julho de 2019.

Agradecimentos

Diz-se que a pesquisa teórica é um “processo solitário”. Pode ser que para alguns realmente seja, mas, no meu caso, não é. Ainda que a bibliografia tenha sido lida por mim e as palavras que compõem este texto foram escritas pelas minhas mãos, eu definitivamente não produzi esta pesquisa sozinho. As análises aqui realizadas são fruto de diversas conversas, com muitas pessoas, tanto analistas do comportamento quanto pessoas que nem mesmo são psicólogos e psicólogas. Dessa forma, seria injusto atribuir um caráter solitário para esta pesquisa, e nada mais justo agradecer àqueles que participaram de todo o processo, direta ou indiretamente.

Primeiro, agradeço à minha família por todo o suporte e incentivo. Aos meus pais, Renato e Júlia, que sempre proporcionaram o conforto e os recursos necessários para que os estudos fossem minha maior preocupação; e às minhas irmãs, Ca e Ju, que sempre estiveram presentes em todos os momentos em que eu necessitei. Vocês são meu porto seguro!

Não poderia deixar de agradecer também uma pessoa que fez parte de todo o período que estive no mestrado e colocou a minha vida de volta nos eixos diversas vezes. Obrigado Priscilla Taccola, você me fez acreditar que a Análise do Comportamento pode realmente ajudar as pessoas!

Aos meus irmãos de coração. Obrigado Silvinho e Thanara por todo o apoio, amizade, companheirismo, preocupação, além de tantas conversas que até hoje não terminaram. Vocês me fazem acreditar que podemos mudar o mundo com nossas ações diárias!

Independentemente dos rumos que nossas vidas tomaram, algumas pessoas da psicologia foram fundamentais para a construção desta pesquisa: Gustavo, Tiemi, Denisse, Luiza e Heitor. Obrigado pelas opiniões, leituras e discussões. Vocês fortalecem a minha esperança no futuro da Análise do Comportamento!

Ao irmão que a psicologia me deu. Você dividiu comigo todas as alegrias e decepções dessa jornada, desde o começo até hoje. Não existem palavras para agradecer todo o companheirismo que temos. Você tem uma grande participação na forma como eu vejo a psicologia e a vida. Muito obrigado, Marcelo!

Agradeço à CAPES o apoio financeiro, que permitiu uma atenção integral nesta pesquisa.

As bancas de qualificação e defesa também são parte essencial de todo esse processo. Agradeço à Profa. Dra. Nádia Kienen e ao Prof. Dr. Pedro Faleiros por aceitarem fazer parte disso, pelas correções e apontamentos gentis e preciosos. Vocês são a prova de que a ciência não precisa ser feita de forma embrutecida e indiferente!

E não poderia deixar de agradecer aos professores que acompanharam toda a minha trajetória acadêmica. Primeiramente, ao Prof. Dr. Carlos Eduardo Lopes, por todos os ensinamentos e pela modelagem dos meus comportamentos científicos. Em segundo lugar, à minha orientadora, Profa. Dra. Carolina Laurenti. Obrigado pela paciência, pelas correções e por todos os ensinamentos. Com toda a certeza, esta pesquisa não seria possível sem você. Todo o respeito e admiração pelo trabalho que vocês fazem. Me sinto honrado de poder chamá-los de orientador e orientadora!

Por fim, tenho que agradecer à minha namorada, Carol, a pessoa que mais leu esta pesquisa. Tenho a impressão de que começamos a conversar sobre altruísmo e nunca mais paramos. As correções, as conversas e as discussões foram fundamentais para esta pesquisa. Você é a prova de que o altruísmo é possível. Obrigado por me fazer acreditar nas pessoas, incluindo eu mesmo!

“Nada como procurar quando se quer achar alguma coisa. Quando se procura geralmente se encontra alguma coisa, sem dúvida, mas nem sempre o que estávamos procurando”

J. R. R. Tolkien

Guimarães, R. K. (2019). *Uma sistematização da literatura analítico-comportamental sobre o conceito de altruísmo* (Dissertação de mestrado), Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brasil.

Resumo

Uma longa tradição de estudo sobre a natureza humana tem como base a dicotomia entre *bem* e *mal*. Nessa perspectiva, a visão de um ser humano essencialmente *mau*, que remonta a Thomas Hobbes, bem como a noção de uma natureza humana substancialmente *boa*, de Jean-Jacques Rousseau, fundamentam muitas das ciências atuais, mesmo que implicitamente. Na contramão dessa dicotomia, alguns biólogos buscam mostrar que as tendências humanas não se situam totalmente de um lado ou de outro. Características *egoístas* e *altruístas* podem ser vistas, ao mesmo tempo, nos animais. Dentre as vertentes psicológicas, a Análise do Comportamento parece ir ao encontro dessa visão evolucionista, defendendo que o comportamento é selecionado em diferentes níveis (filogenético, ontogenético e cultural). Além disso, há diversas formas de investigação do altruísmo na Análise do Comportamento (pesquisa teórica, básica e aplicada) e também distintas possibilidades de interpretação desse fenômeno. Considerando esses aspectos, o objetivo desta pesquisa foi sistematizar a literatura analítico-comportamental sobre o conceito de altruísmo. Para tanto, uma revisão integrativa de literatura foi realizada, cujas fontes foram artigos que discutem o altruísmo de acordo com o referencial da Análise do Comportamento. A seleção desse material envolveu o uso de combinações de palavras-chave, relacionadas à terminologia da Análise do Comportamento e os termos *altruísmo* e *altruísta*, nas revistas *RBTCC*, *ReBAC* e *Perspectivas*, e nas bases de dados *PsycINFO*, *IndexPsi* e *Scielo*. O procedimento foi realizado em seis etapas: delimitação das palavras-chave; definição dos critérios de inclusão e exclusão; busca e organização das publicações; seleção das publicações; leitura e sistematização das fontes; e análises bibliométricas e interpretativas dos dados. Mediante as buscas, 16 artigos foram analisados. Os resultados bibliométricos apontaram um aumento nas publicações a partir de 2001, sendo que as pesquisas básicas são mais numerosas do que estudos teóricos e aplicados. Além disso, o debate sobre altruísmo parece acompanhar outras discussões, por exemplo, comportamento molar, autocontrole, cooperação e jogos comportamentais. As análises interpretativas indicaram que aspectos filogenéticos e culturais do altruísmo foram explicitados por alguns artigos. Contudo, as variáveis ontogenéticas foram mais discutidas nos textos. Nesse contexto, o altruísmo foi discutido como uma classe de comportamentos, com topografias variadas, desde as mais passivas como: a conservação de lugares públicos, a doação de moedas e chocolate, a divisão de lucros, a devolução de objetos encontrados; até topografias mais agressivas, como a eutanásia. As ações altruístas poderiam ser definidas como quaisquer ações que sejam, em algum grau, custosas para o indivíduo que se comporta e que produzam benefícios ao(s) outro(s). Esse comportamento acontece em situações antecedentes que envolvem regras e autorregras. O altruísmo também é caracterizado e mantido por consequências imediatas: reforçadores arbitrários (e.g., elogio, reconhecimento), ou pela remoção de punição (i.e., fuga e esquivas); e consequências reforçadoras positivas atrasadas, que caracterizariam o altruísmo como um padrão comportamental molar e autocontrolado. Além disso, essa relação de contingência pode ser influenciada por operações estabelecedoras como a empatia. Para além disso, esta pesquisa pode fomentar práticas que favoreçam o comportamento altruísta, dando indícios das contingências que promovem e mantêm esse comportamento.

Palavras-chave: Altruísmo. Análise do Comportamento. Comportamentalismo radical. Comportamento altruísta. Comportamento molar.

Guimarães, R. K. (2019). *Uma sistematização da literatura analítico-comportamental sobre o conceito de altruísmo* (Dissertação de mestrado), Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brasil.

Abstract

A long tradition of study of human nature is based on the dichotomy between *good* and *evil*. In this perspective, the view of an essentially *evil* human being, dating back to Thomas Hobbes, as well as Jean-Jacques Rousseau's notion of a substantially *good* human nature, underlies many of today's sciences, albeit implicitly. Against this dichotomy, some biologists seek to show that human tendencies do not lie entirely on one side or the other. *Selfish* and *altruistic* characteristics can be seen at the same time in animals. Among the psychological aspects, Behavior Analysis seems to be in line with this evolutionist view, arguing that behavior is selected at different levels (phylogenetic, ontogenetic and cultural). In addition, there are several forms of investigation of altruism in Behavior Analysis (theoretical, basic and applied research) and also different possibilities of interpretation of this phenomenon. Considering these aspects, the purpose of this research was to systematize the analytical-behavioral literature on the concept of altruism. In order to do so, an integrative literature review was carried out, whose sources were articles that discuss altruism according to the Behavior Analysis framework. The selection of this material involved the use of keyword combinations, related to the terminology of Behavior Analysis and the terms *altruism* and *altruistic*, in the journals *RBTCC*, *ReBAC* and *Perspectivas*, and in the *PsycINFO*, *IndexPsi* and *Scielo* databases. The procedure was carried out in six phases: delimitation of the keywords; definition of the inclusion and exclusion criteria; search and organization of publications; selection of publications; reading and systematization of sources; and bibliometric and interpretative data analyzes. Through the searches, 16 articles were analyzed. The bibliometric results pointed to an increase in publications from 2001, and the basic researches are more numerous than theoretical and applied studies. In addition, the debate on altruism seems to accompany other discussions, for example, molar behavior, self-control, cooperation and behavioral games. Interpretive analyzes indicated that phylogenetic and cultural aspects of altruism were explained by some articles. However, the ontogenetic variables were more discussed in the texts. In this context, altruism was discussed as a class of behaviors, with varied topographies, from the most passive like: the conservation of public places, the donation of coins and chocolate, the profit sharing, the return of finding objects; to more aggressive topographies, such as euthanasia. Altruistic actions could be defined as any actions that are, to some degree, costly for the individual who behaves and produces benefits for the other(s). This behavior happens in some antecedent occasions that involve rules and self-rules. Altruism is also characterized and maintained by immediate consequences: arbitrary reinforcers (e.g., praise, recognition), or by removal of punishment (i.e., escape and avoidance); and positive reinforced delayed consequences, that would characterize altruism as a molar and self-controlled behavioral pattern. In addition, this contingency relation can be influenced by established operations as empathy. Furthermore, this research can foster practices that promote altruistic behavior, giving evidence of the contingencies that promote and maintain this behavior.

Keywords: Altruism. Behavior Analysis. Radical behaviorism. Altruistic behavior. Molar behavior.

Lista de Figuras

- Figura 1** – Fluxograma dos artigos selecionados por meio das buscas nas bases de dados e periódicos especializados..... 34
- Figura 2** – Distribuição de artigo por estratégia investigativa em Análise do Comportamento..... 42
- Figura 3** – Distribuição temporal das publicações selecionadas para análise 43
- Figura 4** – Componentes do comportamento altruísta..... 78

Lista de Tabelas

Tabela 1 –	Combinações de palavras-chave em português que foram buscadas em portais eletrônicos	28
Tabela 2 –	Combinações de palavras-chave em inglês que foram buscadas em portais eletrônicos.	28
Tabela 3 –	Caracterização da seleção e exclusão de artigos.....	36
Tabela 4 –	Caracterização das referências selecionadas para análise.....	39
Tabela 5 –	<i>WebQualis</i> dos periódicos nos quais os artigos selecionados foram publicados	45
Tabela 6 –	Palavras-chave mais citadas pelos artigos analisados.....	47
Tabela 7 –	Jogos econômicos e sujeitos/participantes das pesquisas básicas.....	49
Tabela 8 –	Sistematização bibliométrica	180
Tabela 9 –	Análise de pesquisa aplicada	180
Tabela 10 –	Análise de pesquisa básica.....	180
Tabela 11 –	Análise de pesquisa teórica.....	181

Sumário

Introdução	10
Objetivos	25
Geral	25
Específicos	25
Método	25
Natureza da Pesquisa	25
Natureza das Fontes	26
Bases de dados	26
Periódicos especializados	27
Procedimento	27
Etapa 1: delimitação das palavras-chave	27
Etapa 2: definição dos critérios de inclusão e exclusão	29
<i>Critérios de inclusão</i>	29
<i>Critérios de exclusão</i>	29
Etapa 3: busca e organização das publicações	30
Etapa 4: seleção das publicações	30
Etapa 5: leitura e sistematização das fontes	31
Etapa 6: análise de dados	32
<i>Análise bibliométrica</i>	32
<i>Análise interpretativa</i>	32
Resultados e Discussão	33
Análises Bibliométricas	33
Análises Interpretativas	50
Delimitação de conceitos	50
Análise descritiva do comportamento altruísta	54
<i>Variáveis filogenéticas</i>	55
<i>Variáveis culturais</i>	59
<i>Variáveis ontogenéticas</i>	63
<i>Ação</i>	64
<i>Situação antecedente</i>	66
<i>Consequências</i>	69
<i>Operações estabelecedoras</i>	72
Comportamento molar: o altruísmo como um padrão comportamental	74
Caracterização dos componentes do comportamento altruísta	78
Considerações Finais	79
Referências	83
Apêndices	97
Apêndice A – Análises Bibliométricas	98
Apêndice B – Análises Interpretativas Aplicadas	105
Apêndice C – Análises Interpretativas Básicas	110
Apêndice D – Análises Interpretativas Teóricas	151
Anexos	179
Anexo A – Tabelas de sistematização	180

Introdução

É de longa data que a relação entre ser humano e natureza vem sendo tomada como objeto de análise; mas, no decorrer dos séculos, esse debate assumiu um caráter dicotômico, valendo-se de noções distintas e antagônicas, como as ideias de *bem* e *mal*, para esclarecer essa relação (Abbagnano, 1971/2007). Foi nesse cenário, e com o advento da modernidade, que alguns filósofos passaram a explicar as relações humanas em termos de contrato social. Segundo Bobbio, Matteucci e Pasquino (1983/1998), o contrato social seria um “acordo que assinalaria o fim do *estado natural* [ênfase adicionada] e o início do estado social e político” (p. 272). É esse contrato social que representa a cisão entre a condição humana mais primordial e a associação, por meio de um pacto, dos seres humanos. Contudo, dentre os diferentes autores contratualistas, concepções distintas sobre a natureza humana também surgiram (Bobbio, Matteucci, & Pasquino, 1983/1998).

Um dos primeiros e principais representantes do contratualismo é Thomas Hobbes (1588-1679) (Chiappin & Leister, 2010), que compreende o estado de natureza como sendo constituído por competição e paixões (Hobbes, 1642/2002, 1651/2008; Silvia, 2009; Souza & Oliveira, 2009). Tendo por base essas características, o autor alega que os interesses pessoais se sobressaem aos benefícios de outrem. Sendo assim, para que as paixões de um sujeito sejam realizadas, a competição com outros indivíduos se faz necessária. Nas palavras do autor: “a condição dos homens fora da sociedade civil (condição esta que podemos adequadamente chamar de estado de natureza) nada mais é que uma simples guerra de todos contra todos” (Hobbes, 1642/2002, p. 16), uma luta na qual todos almejam a realização de seus próprios objetivos. Nesse contexto bélico, a autopreservação torna-se fundamental, uma vez que o ser humano, em seu estado natural, seria essencialmente *ruim*. É nessa circunstância que se faz necessário um contrato, para distanciar o ser humano do seu estado de natureza, no

qual “a vida do homem é, então, solitária, pobre, embrutecida e curta” (Hobbes, 1651/2008, p. 96).

Em oposição à visão *hobbessiana* de natureza humana, Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) defende que o estado de natureza é justamente a condição na qual se encontra o ser humano *livre* (Bobbio, Matteucci, & Pasquino, 1983/1998), e é nessa *liberdade natural* que o indivíduo pode desfrutar dos prazeres da vida. Juntamente com a inocência, a vida do homem natural é envolvida por felicidade (Rousseau, 1754/2015).

A liberdade natural também é a ausência dos vícios sociais. O homem civil vive preso ao *amor próprio*, inebriado pela vaidade, ganância, egoísmo, etc. Se os vícios sociais aprisionam o homem, pode-se deduzir que a ausência desses, deixa-o livre. Com outros termos, a inocência do homem natural proporciona-lhe uma vida livre e tranquila. (Barbosa, 2013, p. 43)

Contudo, o convívio social faz com que o ser humano se afaste do estado natural, acarretando os males sociais, como a infelicidade e a desigualdade: o ser humano nasce livre, mas a sociedade o “agrilhoa” (Rousseau, 1762/1999). Uma vez em sociedade, a impossibilidade do retorno ao estado natural demanda que leis, normas e regras sejam estabelecidas, para que as vontades individuais e vaidades sejam suprimidas em detrimento da vontade geral, regida por uma *consciência coletiva*.

Ainda assim, mesmo que o processo civilizatório seja a causa de diversos problemas humanos, ele também traz algumas vantagens: “a evolução do pensamento contribuiu para a evolução do homem em muitas áreas da vida. As pequenas convivências vão tornando o homem mais curioso. . . . Então, o progresso é uma realidade inevitável” (Barbosa, 2013, pp. 36-37). Mesmo que Rousseau entenda que o processo civilizatório seja inevitável, e ainda exista a *liberdade civil* no estado social, o autor concebe o ser humano como um ser substancialmente *bom* em seu estado natural. Por conta dessa concepção, Rousseau é

denominado, por alguns autores, de “filósofo do bom selvagem” (Leopoldi, 2002; Otte, 2016; Soëtard, 2010).

As obras desses dois autores contratualistas fundamentam, até os dias atuais, muito do pensamento sobre a natureza humana. A dicotomia entre *bem* e *mal* que pautou essas duas filosofias diferentes é o alicerce de discussões sobre uma natureza humana substancialmente ruim (i.e., visão *hobbesiana*) ou essencialmente boa (i.e., visão *rousseauuniana*):

Desde a modernidade, a maldade humana é pensada a partir de uma contraposição entre natureza e cultura, o que deu origem a dois posicionamentos antagônicos em relação ao assunto. De um lado, a vertente “hobbesiana” viu na natureza a fonte dos problemas humanos . . . do outro lado, a vertente “rousseauuniana” culpou a civilização pelas mazelas da humanidade. (Lopes & Laurenti, 2015, p. 15)

No século XIX, Auguste Comte (1798-1857) também se debruçou sobre a questão da natureza humana. Contudo, o autor abdicou do conceito de estado de natureza, utilizado pelos contratualistas, e desenvolveu a sua doutrina positiva em torno do *altruísmo* (Martins, 2010). Esse conceito vem em oposição à ideia de *egoísmo*. Para o autor, ainda que existam instintos egoístas, a educação positiva deveria ter como sua principal função a redução dessas tendências em favor de ações altruístas (Abbagnano, 1971/2007). Nesse contexto, o altruísmo poderia ser definido como o ato de se doar ao próximo: “. . . a máxima moral do positivismo: viver para outrem” (Comte, 1852/1988, p. 88).

A partir de Comte a discussão sobre a natureza humana passa a se apoiar na dicotomia *altruísmo versus egoísmo*, mas a ideia de bem e mal ainda orienta essa “nova” discussão, sendo o *altruísmo* correspondente à parte boa da humanidade, e o *egoísmo* à porção ruim. Nesse cenário, chegando na contemporaneidade, a ciência também se propõe a explicar o que seria a natureza humana, tendo como base esse novo paradigma, e o questionamento “o ser humano é *essencialmente* bom ou mau?” acaba encontrando amparo nas ciências evolutivas.

No campo das ciências biológicas, mais especificamente na etologia, alguns autores buscam demonstrar que existem diversos tipos de padrões comportamentais que se mantêm entre animais humanos e não humanos (e.g., Alcock, 2009/2011; Del-Claro, 2004; Neves, 2012; Palermo-Neto & Alves, 2010). Segundo Vieira (1989), direcionar o olhar para outras espécies possibilita um vislumbre de padrões morfológicos e comportamentais entre os seres humanos e outras espécies aparentadas. É por meio desses comportamentos compartilhados entre espécies que se argumenta sobre os limites dos instintos e da aprendizagem.

Se o altruísmo também é parte da dotação genética humana, então, deveria haver indícios evolutivos desse tipo de comportamento. Para tanto, pesquisas com primatas vêm sendo realizadas ao longo de décadas para comprovar esses vestígios (Mitchell, 1969; Small, 1993; Wright, 1990). Entretanto, no campo da zoologia, alguns autores apresentam os animais como egoístas (De Waal, 2009/2010). Esses argumentos se amparam em alguns princípios evolucionistas darwinistas, como, por exemplo, a existência de *variação*, *seleção* e, por consequência, *competição*².

Segundo Baum (2006), para que a seleção natural atue, é necessário que três características estejam presentes: primeiramente, um *fator ambiental* que torne uma dada característica fenotípica vantajosa para um organismo; em segundo lugar, é fundamental que essa característica seja codificada e passível de transmissão, como é o caso das *variações genéticas*³; em terceiro lugar, é necessária uma “pressão” ambiental que gere *competição*.

Essa competição pode ser fomentada pelo ambiente de diferentes maneiras: por competição sexual, pela escassez de alimento, por meio da limitação de lugares seguros para o

² Ainda que se embase nos princípios darwinistas, essa visão de seleção natural, voltada sobretudo à *competição*, foi difundida por T. H. Huxley (1825-1895). Contudo, há dissonância nesse debate: “uma polêmica com Thomas Huxley dá grande visibilidade à interpretação de Kropotkin de que a Natureza não é um espaço de competição ferrenha, mas também permeada por cooperação” (Costa, 2015, p. 11).

³ Não é consensual a natureza das variações genéticas: “o neodarwinismo explica todo processo evolutivo em termos da seleção de variações genéticas randômicas, assim, o que acontece no âmbito da história de vida do indivíduo, no desenvolvimento e na aprendizagem, não interfere no curso evolutivo. Já a teoria neolamarckista defende a existência de múltiplas fontes de variação, nem sempre randômicas, sobre as quais a seleção opera; ela também admite que desenvolvimento e aprendizagem podem influenciar a evolução” (Lopes & Laurenti, 2016a, p. 257).

descanso, entre outros. Nas palavras de Baum (2006): “quanto maior a aptidão de um genótipo, maior será a tendência de que tal genótipo predomine no decorrer das gerações” (p. 75) e “os indivíduos que se comportam mais eficientemente têm maior aptidão” (p. 76). Como consequência desse pensamento, alega-se que os organismos seriam egoístas, visando apenas a própria sobrevivência e reprodução.

Contrariando a centralidade dada à competição no esclarecimento do processo evolutivo, De Waal (2009/2010) argumenta que a competição não é a única característica humana: “obviamente, a competição faz parte do cenário, mas os homens não podem viver somente de competição” (p. 19). Com isso, o autor não exclui a possibilidade dessa característica, mas também não atribui a ela um *status* predominante. Ainda que se verifiquem na natureza hostilidade, competição e disputas, há também cooperação e sensibilidade: “os homens são animais gregários, altamente cooperativos e sensíveis à injustiça, bélicos às vezes, mas na maior parte do tempo amantes da paz” (De Waal, 2009/2010, p. 16).

Se o ser humano fosse um animal exclusivamente belicoso, nenhuma sociedade poderia se manter. De um ponto de vista histórico e sociológico, é indubitável que as guerras tenham sido devastadoras. Ainda assim, na maior parte do tempo, a humanidade passou por longos períodos de tranquilidade (Pinker, 2011/2013). Mesmo que existam ameaças, é inviável que as guerras aconteçam, efetivamente, na maior parte do tempo, uma vez que se houvesse apenas guerra, não haveria como produzir alimentos e vestimentas; restariam poucos lugares habitáveis e seguros para o descanso e a procriação.

Da mesma maneira que alguns autores se apoiam nos princípios darwinistas para defender a tese da natureza egoísta do ser humano, De Waal (2009/2010) alega que “é verdade que quase sempre se recorre à biologia para justificar uma sociedade baseada em princípios egoístas. Mas não devemos nos esquecer que a nossa biologia produz também a liga que mantém as comunidades unidas” (p. 10).

Indo além, ainda que existam características selecionadas, egoístas e altruístas, elas podem adquirir funções distintas daquelas relacionadas aos contextos nos quais originalmente foram selecionadas. Independentemente de o motivo de ter sido selecionada na filogênese, uma determinada característica pode assumir outras funções durante a história de vida dos indivíduos, muitas vezes se tornando até mesmo prejudiciais. Um exemplo disso pode ser visto na sensibilidade humana ao açúcar. Há uma grande vantagem evolutiva nessa sensibilidade, uma vez que a disponibilidade de fontes energéticas era escassa (Skinner, 1953/1965). Todavia, quando o ambiente que selecionou essa sensibilidade é alterado por meio da cultura, e pelo aprimoramento de tecnologias, por exemplo, a sensibilidade ao açúcar pode favorecer altas taxas de resposta de consumo de açúcar, se tornando prejudicial aos indivíduos, e até mesmo chegando a causar doenças (e.g., diabetes *mellitus* tipo 2).

Assim como outros padrões de comportamento, a ajuda ao próximo também pode ser produto da seleção natural:

A assistência aos outros é um traço que evoluiu para servir ao autointeresse, como nas situações em que a ajuda é dirigida aos parentes próximos ou aos companheiros inclinados a retribuir o favor. É assim que a seleção natural opera. Ela produz comportamento que, usualmente, e a longo prazo, beneficiam aqueles que os adotam. (De Waal, 2009/2010, p. 67)

Entretanto, a afirmação de que o comportamento de assistência foi selecionado filogeneticamente com a função de beneficiar os indivíduos que exibiram esse padrão não significa dizer que, ao longo da vida, comportamentos altruístas sempre serão emitidos com finalidades egoístas. Da mesma maneira que estruturas, padrões comportamentais, sensibilidades foram filogeneticamente selecionados por contingências ambientais *específicas*, mas passam a assumir outras funções em contextos diferentes, o altruísmo

também pode ter uma raiz filogenética voltada ao autointeresse, mas a ontogênese pode sobrepor-se a essa função:

Mas isso não quer dizer que os humanos ou os animais só ajudem uns aos outros por motivações egoístas. O comportamento não se deixa restringir necessariamente pelas razões que são relevantes do ponto de vista da evolução. Os indivíduos seguem suas próprias tendências e, às vezes, comportam-se de uma maneira que não lhes traz benefício algum. Um homem que salta sobre os trilhos do trem para salvar um estranho, um cachorro que pula à frente de uma criança para protegê-la de uma cascavel ou os golfinhos que formam um círculo protetor ao redor de uma pessoa nadando em águas infestadas de tubarões não estão procurando recompensas futuras. Do mesmo modo como o sexo nem sempre visa à reprodução e o cuidado dos pais não necessariamente favorece sua descendência, a assistência prestada aos outros não requer que o indivíduo que a coloca em prática saiba se ele extrairá benefícios disso ou não. (De Waal, 2009/2010, pp. 67-68)

Ainda que argumente em favor da existência do altruísmo, o autor não está defendendo que a natureza humana é essencialmente boa: “ao mesmo tempo, é preciso que eu esclareça que não tenho absolutamente nenhuma ilusão quanto ao lado abominável da nossa espécie” (De Waal, 2009/2010, p. 69). Com uma definição mais pluralista de ser humano, o autor diz que:

Como outros primatas, os humanos podem ser descritos como animais altamente cooperativos que precisam se esforçar para manter sob controle seus impulsos egoístas e agressivos ou como animais altamente competitivos que, a despeito disso, são capazes de se entender com os outros e de participar de relações de troca. (p. 71)

Uma primeira implicação desse pensamento é uma concepção pluralista de natureza, uma vez que o ser humano não é totalmente egoísta, ao mesmo tempo que não é

completamente altruísta (Lopes & Laurenti, 2015). Além disso, De Waal (2009/2010) também diz que por mais que os biólogos ressaltem a existência de competição na natureza e falem de genes egoístas, isso não significa *reduzir* o fenômeno do egoísmo e do altruísmo ao nível filogenético, visto que “o reino animal está repleto de traços que se desenvolveram para uma determinada finalidade, mas são usados também para outras” (De Waal, 2009/2010, p. 65). Esse reconhecimento exigiria um estudo interdisciplinar do fenômeno, pois ele pode ser compreendido para além da filogênese.

Ultrapassando o campo estritamente biológico, um autor que parece compactuar com essa visão mais abrangente e plural da natureza é B. F. Skinner (1904-1990). Ao longo de sua extensa obra (Andery, Micheletto, & Sério, 2004), que abarca cerca de sessenta anos de publicação, ele se ateu a diversos fenômenos comportamentais, tendo discutido desde a gênese e evolução do comportamento (Skinner, 1984); fazendo críticas à própria psicologia vigente à sua época, sobretudo ao mentalismo e ao cognitivismo, e se diferenciando até mesmo de outros comportamentalistas (Skinner, 1945, 1950, 1977, 1990); elaborando uma proposta educacional (Skinner, 1968); estruturando a sua psicologia como “ciência do comportamento” (Skinner, 1953/1965); e chegando até mesmo a discutir problemas sociais, éticos e políticos (Skinner 1971/2002, 1978, 1987).

Dentre essas preocupações, o autor também versou sobre o *altruísmo* (Skinner, 1981, 1989/1995). Assim como outros fenômenos, o comportamentalismo radical busca descrever o altruísmo em termos comportamentais. Na visão tradicional, o altruísmo, usualmente, é tomado como a ajuda ao próximo; uma assistência que não tem “segundas intenções”, não visa ao benefício próprio, sem a pretensão de se receber algo em troca. O altruísmo seria, então, sinônimo de *doação pura*: o indivíduo buscaria primeiramente o bem-estar do outro antes do próprio bem.

Um exemplo dessa visão tradicional de altruísmo fica demarcada por sua definição no dicionário: “1.1 amor desinteressado ao próximo; filantropia, abnegação” (Houaiss & Villar, 2001, p. 171). Indo além, essa concepção de *doação integral e neutra* também se explicita em máximas como: “faça o bem sem olhar a quem”. Essa visão tradicional compreende o altruísmo como ações que visem o bem de outras pessoas, sem vantagens para quem o pratica. Uma pessoa altruísta é considerada, então, aquela que age sem esperar nada em troca. Em última instância, esse altruísmo seria aquele que não tem *consequências* ou *recompensas* para quem se comportou.

Tomando como base de análise os pressupostos filosóficos do comportamentalismo radical, há um obstáculo, a princípio, para se pensar o altruísmo dessa maneira. A concepção de que o comportamento altruísta beneficia apenas quem recebe a ajuda esbarra na principal tese skinneriana: todo comportamento é controlado pelo ambiente e, na mesma medida, também controla o mundo (Skinner, 1974/1976). O autor amplia ainda a sua concepção de controle do comportamento pelo ambiente com a proposição do comportamento operante. Segundo Skinner (1953/1965): “as consequências do comportamento podem retroagir sobre o organismo. Quando isto acontece, elas podem alterar a probabilidade de o comportamento que as produziu ocorrer novamente” (p. 59)⁴.

Nesse cenário, uma análise de um comportamento altruísta pode seguir dois caminhos. O primeiro é dizer que o comportamento está sendo mantido por *reforçamento negativo*. De acordo com Skinner (1953/1965), classifica-se uma consequência como reforçadora negativa quando a mudança operada no mundo pelo comportamento consiste na retirada de um estímulo aversivo já posto, aumentando a probabilidade desse tipo de comportamento ocorrer novamente:

⁴ A ideia de a *consequência* ser o fenômeno de destaque na obra skinneriana fez com que alguns autores discutissem até mesmo se seria adequado enquadrá-lo dentre os comportamentalistas (Abib, 2004; Chiesa, 1994).

Alguns reforçamentos consistem na *apresentação* de estímulos. . . . Esses são denominados de reforçadores *positivos*. Outros consistem na *remoção* de alguma coisa – por exemplo, de um barulho alto, uma luz muito brilhante, de frio ou de calor extremos, ou de um choque elétrico – da situação. Esses se denominam reforçadores *negativos*. Em ambos os casos o efeito do reforçamento é o mesmo: a probabilidade da resposta é aumentada. (Skinner, 1953/1965, p. 73)

Esses estímulos aversivos eliminados pelo comportamento de ajuda podem ser a punição social (e.g., a alcunha de pessoa insensível, mesquinha etc.), ou até mesmo a ameaça de uma “punição eterna” ou de “ir para o inferno” (i.e., um comportamento de ajuda governado por regras). Em ambos os casos, um comportamento de ajuda que está sendo mantido por reforçamento negativo parece estar consideravelmente longe do que se entende, tradicionalmente, por altruísmo.

Um segundo caminho possível para avaliar o comportamento altruísta é pressupor que ele está sendo mantido por *reforçamento positivo*. Uma consequência reforçadora positiva pode ser assim nomeada quando há a apresentação de um estímulo posteriormente a uma ação, aumentando a probabilidade desse tipo de comportamento voltar a ocorrer (Skinner, 1953/1965). Nesse caso, é possível pensar em reforçadores sociais (e.g., pessoas caridosas são bem aceitas socialmente, recebem elogios, têm destaque dentre grupos que valorizam a doação ao próximo etc.) do comportamento altruísta.

É com base nessa situação que alguns autores defendem a ideia de que todo altruísmo seria *interessado*⁵. Essa tese não descarta a possibilidade de um organismo ajudar ou se preocupar com outrem. Ainda assim, esse altruísmo sempre envolveria os interesses pessoais acima dos interesses públicos. Assim, ainda que um indivíduo defenda os interesses alheios,

⁵ Abib (2001) argumenta que a ideia de *altruísmo interessado* está atrelada ao egoísmo ético: “de acordo com o egoísmo ético, as pessoas colocam os interesses privados acima dos públicos e mesmo quando agem em prol dos últimos só o fazem por motivos pessoais, ou seja, na melhor das hipóteses todo altruísmo é interessado (Frankena)” (p. 114).

ele só o faz para satisfazer os seus próprios interesses (Dittrich, 2004). Portanto, todo comportamento altruísta traria algum tipo de consequência reforçadora para quem está se comportando; trata-se, então, de um comportamento controlado pelo *bem pessoal* (Skinner, 1971/2002).

Todavia, a discussão teórica na Análise do Comportamento sobre altruísmo não é unânime com respeito a esse ponto, sendo que alguns autores propuseram uma leitura alternativa do fenômeno por meio do conceito de *altruísmo desinteressado* (Abib, 2001; Dittrich, 2004; Melo, 2004, 2008).

Estamos considerando o comportamento como sendo uma espécie de “altruísmo interessado” quando este pode permitir o fortalecimento da cultura, mas promove, concomitantemente, o “bem” do indivíduo. Por outro lado, estamos considerando o comportamento como um “altruísmo desinteressado” quando este fortalece a cultura e não deriva reforços que promovem o “bem” do indivíduo. Tal comportamento estaria relacionado com o legítimo “bem” da cultura. (Melo, 2004, pp. 74-75)

Se comportamentos voltados ao *bem* da cultura forem emitidos sob controle de reforçadores condicionados, esse altruísmo seria chamado de *interessado*, pois os *bens* pessoais estariam envolvidos. Para haver uma preocupação *genuína* com a sobrevivência das culturas, é necessário que os indivíduos estejam sensíveis às consequências futuras de seu comportamento, mesmo que essas não os afetem.

Assim, uma vez que se defende a concepção de Homem em Skinner como um Homem que se comporta para o ‘bem’ da cultura, então a cultura deve proporcionar que o comportamento humano seja sensível a um tipo diferente de consequência: consequências que vão além do tempo de vida do indivíduo. (Melo, 2004, p. 75)

Dessa forma, o *bem da cultura* é o *bem dos outros*, mas os *outros do futuro*. No entanto, para que esse *altruísmo desinteressado* surja são necessárias contingências que

promovam a preocupação com a sobrevivência das culturas, e, no início, essas contingências seriam de reforçamento arbitrário. Melo (2004) defende que a gênese dessa prática seria de um comportamento *interessado*. Posteriormente, uma vez sensível a essas consequências, a cultura poderia retirar esses reforçadores condicionados, pois os indivíduos já teriam tal repertório instalado. Com isso, seria possível a concepção de um *altruísmo desinteressado* (Melo, 2004): “a cultura pode se utilizar de reforços condicionados para preencher o intervalo entre o comportamento e suas consequências mais remotas, ou se utilizar de reforços suplementares até que os reforços remotos entrem em ação” (p. 83).

Essa ideia de um *altruísmo desinteressado* não seria então o mesmo que defender um altruísmo tradicional, pois isso implicaria na inexistência das *consequências* do comportamento altruísta. O argumento defendido por Melo (2004) é de que as consequências, mesmo no *altruísmo desinteressado*, ainda existem, só que vão para além do comportamento de quem se comportou, afetando os indivíduos que ainda estão por vir.

Sendo assim, três ideias decorrem dessa concepção dos diferentes *bens* proposta por Skinner (1971/2002): (i) os comportamentos relacionados ao *bem do indivíduo* podem ser entendidos como comportamentos egoístas, cujo maior beneficiado é o próprio organismo que está se comportando; (ii) os comportamentos relacionados ao *bem dos outros do presente* podem ser entendidos como comportamentos altruístas interessados; (iii) os comportamentos relacionados ao *bem dos outros do futuro* podem ser entendidos como comportamentos altruístas desinteressados (Melo, 2004).

Além da discussão teórica sobre o altruísmo, pesquisas básicas vêm sendo desenvolvidas por analistas do comportamento sobre o assunto. Locey e Rachlin (2013), por exemplo, trazem uma discussão voltada à gênese do altruísmo, explicitando algumas vantagens evolutivas do comportamento altruísta. Entretanto, os autores indicam que alguns padrões comportamentais ultrapassam os limites biológicos. Defendendo que alguns tipos de

comportamento devem ser analisados de maneira molar (e.g., altruísmo e autocontrole), os autores buscam demonstrar como esses comportamentos podem ser modelados como padrões complexos de comportamento. Para tanto, os autores realizaram um experimento no qual pombos foram submetidos a contingências que foram se complexificando ao longo do experimento, mostrando que um padrão comportamental deve ser analisado de modo distendido no tempo. Locey e Rachlin (2013) concluíram que um comportamento pode ser mantido não apenas pelas consequências contíguas e imediatas, mas fortalecido como um padrão de comportamento complexo. Assim, o altruísmo deve ser analisado de forma molar, e não apenas por suas consequências diretas e imediatas.

No campo da Análise Aplicada do Comportamento, a pesquisa de Goldstein, Minkin, Minkin e Baer (1978) pode ser um exemplo de como estudar o altruísmo. Os autores identificaram que havia uma grande discrepância entre a quantidade de publicações de pertences perdidos e encontrados (mais anúncios de objetos perdidos e poucos de objetos encontrados). Nesses jornais, tanto os anúncios de itens perdidos quanto os de encontrados eram pagos. Com base nessas informações, os autores propuseram uma intervenção de linha de base múltipla em três jornais, na qual haveria a isenção desse valor para anúncios de pertences encontrados. Os resultados mostraram que houve um aumento na quantidade dos anúncios de objetos encontrados e, posteriormente, uma análise mostrou que também ocorreu o aumento na quantidade de itens recuperados. Sendo assim, Goldstein, Minkin, Minkin e Baer (1978) argumentam que a emissão de comportamentos altruísticos pode se tornar mais frequente com a promoção de contingências favoráveis.

A Análise do Comportamento pode, então, trazer contribuições para o tema, uma vez que há a possibilidade de produção de conhecimento em três modalidades de pesquisa no âmbito desse *corpus* científico-filosófico: pesquisa teórica, pesquisa básica e pesquisa

aplicada (Carvalho Neto, 2002; Tourinho, 2003; Tourinho, Carvalho Neto, & Neno, 2004)⁶. Contudo, isso não necessariamente garante que sempre haverá convergências e acordos sobre os temas pesquisados, podendo existir divergências no mesmo campo de pesquisa, e também entre campos distintos (Lopes, 2016). Considerando as distintas possibilidades de interpretação do altruísmo na Análise do Comportamento (e.g., altruísmo interessado e desinteressado), as diversas estratégias investigativas do tema (i.e., pesquisa teórica, básica e aplicada), bem como diferentes acepções do termo que podem orientar essas pesquisas, este estudo foi orientado pelas seguintes questões: o que a literatura analítico-comportamental tem produzido sobre altruísmo? Como ela tem gerado conhecimento sobre esse tema? Quais são as convergências e divergências com respeito aos seus resultados?

Uma pesquisa com o intuito de sistematizar os textos já publicados sobre essa temática também pode auxiliar na operacionalização do conceito altruísmo. Uma investigação das acepções desse conceito pode mostrar se os analistas do comportamento utilizam o termo altruísmo para descrever diferentes fenômenos, diminuindo as divergências causadas pela confusão conceitual e, por consequência, promovendo uma prática mais coesa: “se essa fosse uma questão meramente teórica, nós não teríamos razões para alarde; mas as teorias afetam a prática. . . . Confusão na teoria significa confusão na prática” (Skinner, 1953/1965, p. 9).

Esta pesquisa também pode mostrar como a ciência comportamental está abordando o altruísmo, abrindo o flanco para que novas pesquisas sobre o tema possam ser realizadas. Ademais, James G. Holland voltou o olhar a própria Análise do Comportamento, buscando apontar quais seriam as contribuições dessa ciência para a resolução de problemas sociais (Holland, 1978), além de ter dissertado acerca de como os princípios comportamentais podem ser úteis para embasar lutas sociais (Holland, 1974). Leugi e Guerin (2016) evidenciaram o

⁶ Algumas pesquisas apontam que mesmo sendo um *corpus* científico-filosófico, muitas vezes as pesquisas teóricas, básicas e aplicadas se mantêm isoladas em suas próprias áreas de investigação, não havendo citações, diálogos e intercâmbio de informações entre elas (e.g., Strapasson, Magalhães, & Custódio, 2013; Poling, Alling, & Fuqua, 1994).

conhecimento comunitário como base de revoluções sociais; Sá (2016), por sua vez, salientou a importância do contra-controle nessas lutas. Dessa forma, a Análise do Comportamento já se mostrou presente em discussões sobre problemas sociais, também podendo contribuir para o debate sobre o altruísmo, pois assim como outros comportamentos sociais, o conceito de altruísmo também tem lacunas que precisam ser estudadas.

Para além da discussão no próprio campo dessa ciência, a Análise do Comportamento também pode contribuir buscando interfaces com outras ciências, uma vez que a história comportamental não se restringe à ontogenia de um organismo (Skinner, 1981). Um exemplo dessa interface pode ser visto em Diller e Boornazian (2015), que buscaram aproximações e distanciamentos entre a visão de Skinner e de De Waal acerca da moralidade, dos valores e do próprio altruísmo. Outro exemplo de diálogo entre áreas distintas foi estabelecido por Lopes e Laurenti (2015). Os autores argumentaram que a concepção analítico-comportamental do ser humano se aproximaria da visão pluralista de De Waal (2009/2010), ao mesmo tempo que se distanciaria tanto de uma postura *hobbesiana* quanto de uma postura *rousseauuniana* em relação à natureza humana: “encontramos na natureza um conjunto de predisposições, não só egoístas e violentas, mas também empáticas e cooperativas” (Lopes & Laurenti, 2015, pp. 16-17).

Essa visão abrangente do fenômeno pode fomentar novos debates, uma vez que a discussão sobre o altruísmo não precisa estar restrita a uma área específica do conhecimento. A Biologia tem a contribuir para a discussão mostrando possíveis indícios evolutivos desse fenômeno. A Sociologia e a Antropologia podem mostrar como as culturas promovem ou suprimem esses comportamentos. Da mesma maneira, a Psicologia é capaz de demonstrar as nuances de cada história comportamental e identificar contingências que favorecem tais comportamentos. Sendo assim, a sistematização e o delineamento de um panorama da discussão analítico-comportamental sobre altruísmo podem indicar mais precisamente os

caminhos para uma integração entre as diferentes pesquisas na área e uma eventual interlocução com outras áreas de conhecimento que também tratam dessa temática.

Objetivos

Geral

- Sistematizar a literatura analítico-comportamental sobre o conceito de altruísmo.

Específicos

- Caracterizar a natureza dos estudos sobre altruísmo na Análise do Comportamento.
- Avaliar os dados bibliométricos dos artigos selecionados para análise.
- Examinar as definições do conceito altruísmo na literatura analítico-comportamental.
- Identificar as convergências e divergências das discussões sobre o conceito altruísmo.

Método

Natureza da Pesquisa

A pesquisa bibliográfica é aquela realizada com base em materiais já publicados (Fonseca, 2002; Gil, 2002). Nesse tipo de pesquisa é possível investigar o método utilizado para estudar um determinado fenômeno, quais concepções e operacionalizações estão sendo utilizadas para um conceito, a qualidade das publicações em uma área, as contribuições que os estudos trazem para a ciência (Romanowski & Ens, 2006). Segundo Gil (2002), a vantagem de uma pesquisa bibliográfica é a amplitude de fenômenos que ela pode focalizar, além de poder estender a análise por um longo tempo, tendo grande valor histórico.

O interesse por pesquisas que abordam “estado da arte” deriva da abrangência desses estudos para apontar caminhos que vêm sendo tomados e aspectos que são abordados

em detrimento de outros. A realização destes balanços possibilita contribuir com a organização e análise na definição de um campo, uma área, além de indicar possíveis contribuições da pesquisa para com as rupturas sociais. A análise do campo investigativo é fundamental neste tempo de intensas mudanças associadas aos avanços crescentes da ciência e da tecnologia. (Romanowski & Ens, 2006, pp. 38-39)

Esta pesquisa caracteriza-se como uma revisão integrativa, uma modalidade de pesquisa bibliográfica que “consiste na construção de uma análise ampla da literatura, contribuindo para discussões sobre métodos e resultados de pesquisas, assim como reflexões sobre a realização de futuros estudos” (Unesp, 2015, p. 6). Para tanto, é necessário que se mantenha o rigor de uma pesquisa científica, com um método claro e com a divulgação acessível dos resultados e análises feitas com base na bibliografia analisada. Além disso,

o método de revisão integrativa permite a combinação de dados da literatura empírica e teórica que podem ser direcionados à definição de conceitos, identificação de lacunas nas áreas de estudos, revisão de teorias e análise metodológica dos estudos sobre um determinado tópico. (Unesp, 2015, p. 2)

Assim, considerando que esta pesquisa visa sistematizar e discutir as convergências e divergências da literatura analítico-comportamental sobre o conceito de altruísmo, ela se ajusta aos objetivos e ao escopo de uma revisão integrativa de literatura.

Natureza das Fontes

O material bibliográfico que serviu como fonte de análise consistiu em artigos, buscados em:

Bases de dados.

Os artigos foram buscados em bases de dados nacionais e internacionais, sendo elas *IndexPsi*, *SciELO* e *PsycINFO*. A escolha das bases nacionais se deu por indexarem muitos

periódicos da Psicologia (*Psicologia USP; Psicologia em Estudo; Psicologia: Reflexão e Crítica; Psicologia: Teoria e Pesquisa*). Já a *PsycINFO* foi escolhida por contemplar os principais periódicos de Análise do Comportamento (*Acta Comportamentalia; Analysis of Behavior; Analysis of Verbal Behavior; Behavior and Social Issues; Journal of Applied Behavior Analysis; Journal of the Experimental Analysis of Behavior; Psychological Record*), bem como alguns periódicos da Psicologia em geral (*Journal of Economic Psychology; The Journal of Neuroscience; Child Development*).

Periódicos especializados.

Devido ao afastamento da Análise do Comportamento de outras abordagens psicológicas, sobretudo no Brasil⁷, também foi realizada a busca, por meio das palavras-chave, nas principais revistas analítico-comportamentais nacionais (*Revista Brasileira de Análise do Comportamento; Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva; Revista Perspectivas em Análise do Comportamento*).

Procedimento

O procedimento desta pesquisa foi composto por seis etapas, sendo elas:

Etapa 1: delimitação das palavras-chave.

Na primeira etapa, palavras-chave em português (*altruísmo* e *altruísta*) e inglês (*altruism* e *altruistic*) foram escolhidas. Da mesma maneira, palavras-chave em português (*Análise do Comportamento, comportamentalismo, behaviorismo, seleção pelas consequências, condicionamento operante, comportamento operante, reforçamento e reforço*) e inglês (*behavior analysis, behaviorism, selection by consequences, operant conditioning,*

⁷ Strapasson, Zuge e Cruz (2017) realizaram uma pesquisa bibliométrica na qual investigaram a comunicação entre as diferentes áreas da Psicologia no Brasil e a Análise do Comportamento. Segundo os autores, “os resultados sugerem que a literatura generalista em Psicologia praticamente ignora as contribuições da Análise do Comportamento, constituindo uma forma de isolamento específica da Análise do Comportamento na literatura nacional” (p. 94).

operant behavior, reinforcement e reinforcing) referentes à Análise do Comportamento foram selecionadas. Ao todo, 30 combinações foram elaboradas e utilizadas para fazer as buscas nos portais eletrônicos (ver Tabela 1 e 2).

Tabela 1

Combinações de palavras-chave em português que foram buscadas em portais eletrônicos

Nº de pesquisa	Combinações
1	Altruísmo AND “Análise do Comportamento”
2	Altruísmo AND Comportamentalismo
3	Altruísmo AND Behaviorismo
4	Altruísmo AND “Seleção pelas consequências”
5	Altruísmo AND “Condicionamento operante”
6	Altruísmo AND “Comportamento operante”
7	Altruísmo AND Reforçamento
8	Altruísmo AND Reforço
9	Altruísta AND “Análise do Comportamento”
10	Altruísta AND Comportamentalismo
11	Altruísta AND Behaviorismo
12	Altruísta AND “Seleção pelas consequências”
13	Altruísta AND “Condicionamento operante”
14	Altruísta AND “Comportamento operante”
15	Altruísta AND Reforçamento
16	Altruísta AND Reforço

Tabela 2

Combinações de palavras-chave em inglês que foram buscadas em portais eletrônicos

Nº de pesquisa	Combinações
17	<i>Altruism</i> AND “ <i>Behavior analysis</i> ”
18	<i>Altruism</i> AND <i>Behaviorism</i>
19	<i>Altruism</i> AND “ <i>Selection by consequences</i> ”
20	<i>Altruism</i> AND “ <i>Operant conditioning</i> ”
21	<i>Altruism</i> AND “ <i>Operant behavior</i> ”
22	<i>Altruism</i> AND <i>Reinforcement</i>
23	<i>Altruism</i> AND <i>Reinforcing</i>
24	<i>Altruistic</i> AND “ <i>Behavior analysis</i> ”
25	<i>Altruistic</i> AND <i>Behaviorism</i>
26	<i>Altruistic</i> AND “ <i>Selection by consequences</i> ”

27	<i>Altruistic AND “Operant conditioning”</i>
28	<i>Altruistic AND “Operant behavior”</i>
29	<i>Altruistic AND Reinforcement</i>
30	<i>Altruistic AND Reinforcing</i>

Etapa 2: definição dos critérios de inclusão e exclusão.

Na segunda etapa os seguintes critérios de inclusão e exclusão foram definidos:

Critérios de inclusão.

Foram examinadas fontes que apresentaram, ao menos duas vezes, os termos *altruísmo* e/ou *altruísta* no título, resumo, palavras-chave e/ou corpo do texto, sendo que pelo menos uma das ocorrências deveria ser, necessariamente, nesse último campo. Além disso, fontes que continham termos característicos da Análise do Comportamento (e.g., *behaviorismo*, *seleção por consequências*, *comportamento operante*) também foram incluídas. Textos em inglês e português foram selecionados, independentemente de suas datas de publicação⁸.

Critérios de exclusão.

Foram descartados os textos de Análise do Comportamento que não versaram sobre *altruísmo*. Da mesma forma, os textos que apresentaram palavras relacionadas ao *altruísmo*, mas que não discutiram o conceito de uma perspectiva analítico-comportamental foram excluídos (e.g., *psicologias cognitivistas*, *psicologia positiva*). Também foi excluída a bibliografia que apresentou os termos referentes ao *altruísmo* apenas no título, resumo, palavras-chave, referências bibliográficas, mas que o trataram apenas periféricamente (e.g., citando-o apenas como exemplo de um fenômeno mais central, ou descrevendo uma classe específica de comportamentos e usando o *altruísmo* como um termo genérico para exemplificar ou nomear essa classe). Por fim, artigos que apresentaram palavras-chave

⁸ Não houve restrição de data devido ao baixo número de artigos encontrados.

referentes à Análise do Comportamento (i.e., *reforçamento*, *reforço* e as palavras análogas em inglês), mas não estiveram de acordo com os pressupostos filosóficos analítico-comportamentais ou utilizaram esses termos no sentido coloquial (i.e., *corroborar* e/ou *confirmar*) também foram excluídos.

Etapa 3: busca e organização das publicações.

As buscas foram realizadas entre os dias 3 e 13 de maio de 2018 nas bases de dados; e no dia 18 de março de 2019 nos periódicos nacionais. Após as buscas nas bases de dados, foi feito o *download* das fontes encontradas. O material foi arquivado em pastas nomeadas, primeiramente, pelo nome da base e, em segundo lugar, com o número de pesquisa referente à combinação de palavras-chave utilizada na busca. Já o procedimento utilizado para as buscas nas revistas brasileiras especializadas em Análise do Comportamento se deu pelo *download* de todos os volumes e números dos periódicos em *PDF*, sendo eles organizados em pastas, primeiramente com o nome do periódico e, posteriormente, com o volume.

Etapa 4: seleção das publicações.

Na quarta etapa foi realizada uma inspeção por repetições, na qual os materiais reincidentes foram identificados e excluídos. Posteriormente, foi utilizado o recurso *ctrl+f* para buscar as palavras contidas nas Tabelas 1 e 2. Uma palavra do título foi escolhida para o teste em cada artigo. Se a busca encontrasse a palavra do título, outras buscas eram feitas com as palavras-chave selecionadas. O parágrafo todo em que estava contida a palavra era lido. Caso necessário, outros parágrafos também eram analisados, para que fosse possível contextualizar o conceito analisado. Mediante essa leitura preliminar, os textos foram selecionados ou excluídos, com base nos critérios definidos na segunda etapa. Quando o mecanismo *ctrl+f* não encontrava a palavra do título escolhida para teste, o texto era lido na

íntegra e selecionado ou excluído. Para a seleção dos artigos recuperados nos periódicos brasileiros, o recurso *ctrl+f* foi utilizado. O radical *altruís* foi utilizado em todos os artigos baixados. As combinações com palavras-chave que delimitam as buscas à Análise do Comportamento não foram necessárias na medida em que os periódicos já são especializados nessa vertente psicológica.

Etapa 5: leitura e sistematização das fontes.

Esta etapa consistiu em uma organização sistemática do material previamente selecionado. Para tanto, foram feitos quatro tipos de registros: (a) análise bibliométrica (ver Tabela 8 em anexo); (b) análise de pesquisa aplicada (ver Tabela 9 em anexo); (c) análise de pesquisa básica (ver Tabela 10 em anexo); (d) análise de pesquisa teórica (ver Tabela 11 em anexo). No caso da sistematização bibliométrica, a Tabela 8 especifica informações sobre dados bibliométricos: a referência do artigo, os autores, a natureza do trabalho, o ano de publicação, o periódico e o respectivo *qualis*, a instituição, as palavras-chave e as citações de Skinner. Já as Tabelas 9 e 10 solicitam informações que permitam a compreensão geral da pesquisa, como objetivos, sujeitos, procedimento e as variáveis manipuladas; bem como as definições e explicações de altruísmo. A Tabela 11 também busca explicitar as definições e explicações do conceito de altruísmo, assim como as principais teses defendidas e criticadas nos textos analisados. Para tanto, a primeira e segunda etapa do Procedimento de Interpretação Conceitual de Texto (PICT), proposta por Lopes e Laurenti (2016b), foram utilizadas. Essas etapas consistem no levantamento dos principais conceitos do texto e na caracterização das teses do texto. Segundo Lopes e Laurenti (2016b), as “(i) *teses tradicionais* [são] afirmações feitas por outros autores, teorias ou doutrinas, e que serão discutidas e criticadas pelo autor do texto; (ii) *críticas* [são] os problemas que o autor do texto menciona

em relação às teses tradicionais; (iii) *teses alternativas* [são] a(s) proposta(s) do autor para substituir as teses tradicionais criticadas evitando seus problemas” (p. 57).

Etapa 6: análise de dados.

Na sexta etapa, as análises realizadas foram divididas em:

Análise bibliométrica.

Neste tipo de análise foram elaborados gráficos com o intuito de mostrar em qual(is) período(s) as publicações sobre o tema foi(ram) mais frequente(s); quais os periódicos que mais publicam artigos com esse tema; o *WebQualis* desses periódicos; se houve um aumento ou um decréscimo nessas publicações ao longo do tempo. Além disso, esta análise teve como objetivo identificar quais as palavras-chave mais utilizadas para estabelecer a relação entre altruísmo e Análise do Comportamento. Esta análise também procurou identificar a quantidade de publicações com relação à natureza dos trabalhos (i.e., pesquisa teórica, básica ou aplicada) sobre o tema e os principais autores que discutem o assunto, bem como verificar os principais modelos experimentais utilizados nas investigações sobre altruísmo.

Análise interpretativa.

O objetivo da análise interpretativa foi sistematizar as informações obtidas a respeito do altruísmo. A bibliografia selecionada foi analisada visando as definições e explicações do conceito. Para tanto, os trechos nos quais os autores versaram sobre altruísmo foram retirados dos textos e sistematizados nas Tabelas 9, 10 e 11 (ver em anexo). Em um primeiro momento, pautando-se nesses materiais, comparações entre as definições e explicações foram estabelecidas, buscando as semelhanças e dessemelhanças entre elas. Uma definição prévia de altruísmo foi esboçada, partindo da consistência entre as definições, assim como foram apontadas as inconsistências e incompatibilidades nessa conceituação. Em um segundo

momento, por meio das tabelas, foram levantadas as variáveis filogenéticas, ontogenéticas e culturais discutidas em relação ao altruísmo. Além disso, as variáveis manipuladas nos experimentos e as descritas nas pesquisas teóricas foram sistematizadas em três categorias: variáveis antecedentes; ações; e variáveis consequentes. Essas informações foram utilizadas para compor uma análise descritiva do comportamento altruísta, explicitando possíveis situações que favorecem esse comportamento, as topografias das ações, e as principais consequências mantenedoras descritas nos artigos. Outros aspectos também foram levantados, como, por exemplo, as operações estabeledoras. Por fim, algumas limitações para a ocorrência do comportamento altruísta foram discutidas, bem como as potencialidades de pesquisas acerca do tema.

Resultados e Discussão

Análises Bibliométricas

Tendo em vista que o objetivo desta pesquisa é apresentar uma sistematização da literatura analítico-comportamental sobre o conceito de *altruísmo*, foram realizadas buscas nas bases de dados e revistas especializadas. A Figura 1 mostra o resultado das buscas nas bases de dados e periódicos especializados, contendo o número de artigos encontrados, recuperados, pré-selecionados para elegibilidade, excluídos e selecionados para análise.

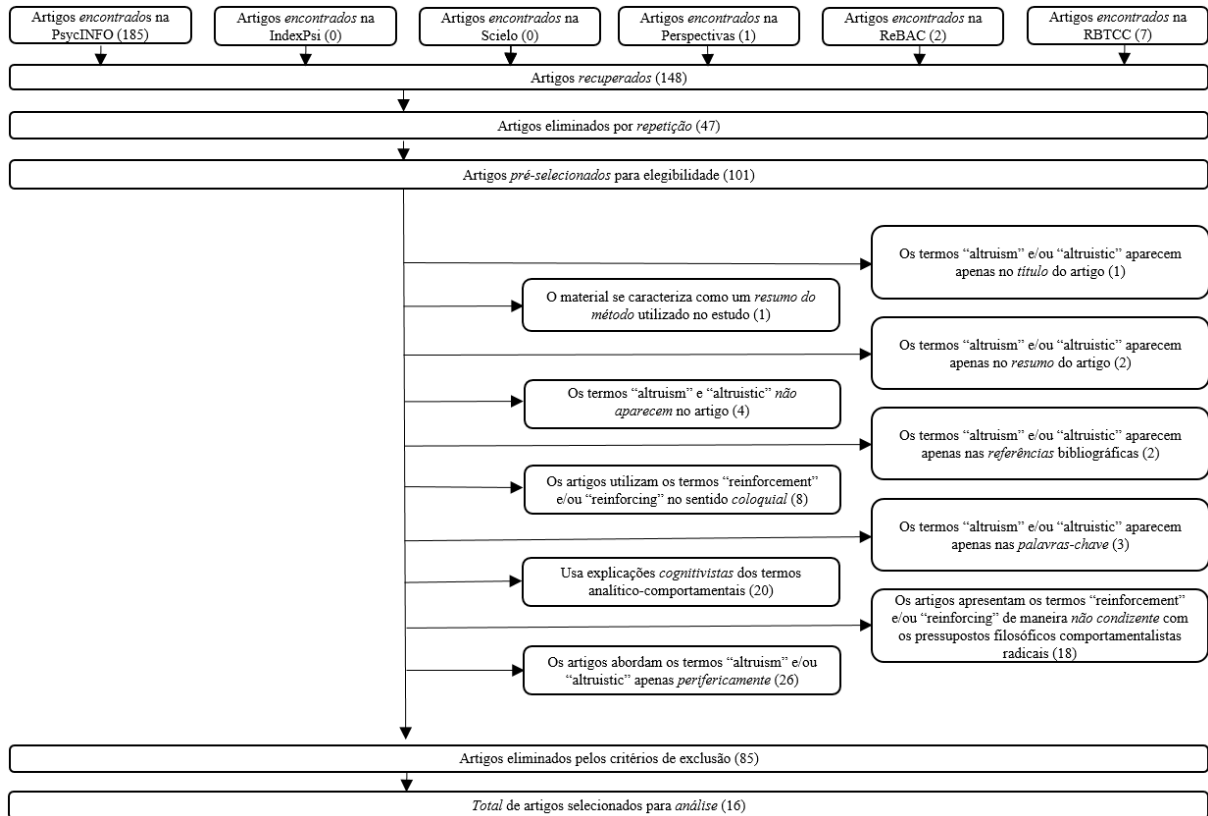


Figura 1. Fluxograma dos artigos selecionados por meio das buscas nas bases de dados e periódicos especializados

As buscas realizadas nas bases de dados nacionais com os 30 descritores não retornaram artigos. A busca na *PsycINFO* resultou em 185 artigos, dos quais 138 foram recuperados⁹. As buscas nos periódicos especializados retornaram 10 artigos, sendo dois na *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*; sete na *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*; e um na *Revista Perspectivas em Análise do Comportamento*. Ao todo 148 artigos foram recuperados, sendo que 47 foram excluídos por repetição.

A partir dessas exclusões, 101 artigos foram pré-selecionados para a leitura, sendo que os artigos que apresentaram os termos relacionados ao altruísmo (*altruism* e *altruistic*) apenas nas referências, palavras-chave, resumo ou título foram excluídos. Nesses casos, o tema dos textos eram, por exemplo, o comportamento pró-social, o voluntarismo, a generosidade, a

⁹ São denominados “artigos encontrados” todos aqueles que foram encontrados pela base de dados quando utilizadas as palavras-chave. Já os “artigos recuperados” foram aqueles que além de serem encontrados, também foi possível fazer o *download*. Artigos que precisavam ser pagos, em outras línguas que não português ou inglês, ou artigos cujos periódicos não estão mais disponíveis não foram recuperados.

moralidade (e.g., Bickel, Jarmolowicz, Mueller, Franck, Carrin, & Gatchalian 2012; Maes, 2012; Tasimi & Young, 2016). Nessas situações, os termos referentes ao altruísmo foram utilizados de maneira genérica nos campos supracitados, como sinônimos dos fenômenos discutidos no artigo ou como o nome da classe geral de comportamento que era o foco do estudo.

Por meio do recurso *ctrl+f* e da leitura de excertos dos artigos pré-selecionados, 26 foram excluídos também por tratarem periféricamente os termos relacionados ao altruísmo (i.e., *altruism* e *altruistic*). Esses artigos apenas citavam o altruísmo como exemplo de *uma ampla classe de comportamentos*, sendo algumas delas o comportamento de compartilhar, doar sangue, treinamento de habilidades para o cuidado de enfermos (e.g., Ferrari, Barone, Jason, & Rose, 1985). Alguns textos trouxeram os termos relacionados ao altruísmo como parte do método empregado em uma revisão sistemática, mas o altruísmo não era o foco da revisão (e.g., Fidelis & Faleiros, 2017). Artigos que apenas utilizaram os termos relacionados ao altruísmo em citações, mas não eram o foco do artigo também foram excluídos por discutirem o tema periféricamente (e.g., Abib, 2016; Fernandes & Rezende, 2016; Leugi & Guerin, 2016).

Da bibliografia restante, 18 artigos foram excluídos por terem apresentado os termos referentes à Análise do Comportamento (i.e., *reinforcement* e *reinforcing*) de maneira não condizente com os pressupostos filosóficos do comportamentalismo radical. Os dois artigos de Rao (2014a, 2014b) têm como base a *psicologia positiva* e a *psicologia indiana*, e os demais artigos adotam a *psicologia social* de Albert Bandura (1925-) como principal referencial teórico. Em oito situações, as palavras relacionadas à Análise do Comportamento foram utilizadas no sentido coloquial de “reforçar uma ideia” ou “reforçar o *status quo*”: os termos aparecem como sinônimos de *corroborar* e/ou *confirmar*. Um dos textos recuperados caracterizou-se apenas como um resumo do método utilizado no estudo, sem apresentar

introdução, resultados ou conclusão (e.g., Israely & Guttman, 1983). Outros 20 artigos apresentaram explicações cognitivistas¹⁰ dos termos analítico-comportamentais ou utilizaram princípios básicos comportamentais na metodologia, sem que a discussão estivesse embasada pelos pressupostos filosóficos do comportamentalismo radical (e.g., Cialdini, Baumann, & Kenrick, 1981; Hartmann, Eisend, Apaolaza, & D’Souza, 2017; Kwak, Pearson, & Huettel, 2014). Assim, 16 artigos foram selecionados para análise. A Tabela 3 apresenta as 14 combinações em inglês usadas nas buscas e um panorama geral dos artigos encontrados, recuperados, excluídos, repetidos, e selecionados para análise.

Tabela 3
Caracterização da seleção e exclusão de artigos

Nº de pesquisa	Combinações	Artigos encontrados	Artigos recuperados	Artigos excluídos	Artigos repetidos	Artigos analisáveis
17	<i>Altruism AND “Behavior analysis”</i>	18	16	8	0	8
18	<i>Altruism AND Behaviorism</i>	4	3	1	2	0
19	<i>Altruism AND “Selection by consequences”</i>	0	0	0	0	0
20	<i>Altruism AND “Operant conditioning”</i>	6	6	5	0	1
21	<i>Altruism AND “Operant behavior”</i>	0	0	0	0	0
22	<i>Altruism AND Reinforcement</i>	72	51	40	6	5
23	<i>Altruism AND Reinforcing</i>	16	14	11	3	0
24	<i>Altruistic AND “Behavior analysis”</i>	8	7	1	6	0

¹⁰ Trata-se de explicações que recorrem a processos cognitivos que medeiam as relações entre organismo e ambiente, como, por exemplo, processos cerebrais, neuroquímicos, mentais; representações internas; explicações associacionistas (Skinner, 1977).

25	<i>Altruistic AND Behaviorism</i>	2	0	0	0	0
26	<i>Altruistic AND "Selection by consequences"</i>	0	0	0	0	0
27	<i>Altruistic AND "Operant conditioning"</i>	4	4	0	4	0
28	<i>Altruistic AND "Operant behavior"</i>	0	0	0	0	0
29	<i>Altruistic AND Reinforcement</i>	46	30	7	21	2
30	<i>Altruistic AND Reinforcing</i>	9	7	2	5	0
Total de artigos		185	138	75	47	16

Das 14 combinações utilizadas na busca na base de dados *PsycINFO*, as que mais encontraram textos foram as que envolviam os termos *behavior analysis*, *reinforcement* e *reinforcing*. Um número expressivo de textos foi encontrado principalmente com o termo *reinforcement*, tanto com *altruism* (i.e., combinação 22) quanto com *altruistic* (i.e., combinação 29). Ainda assim, essas combinações também foram as que mais tiveram artigos descartados pelos critérios de exclusão. Agrupando as duas combinações que tinham *reinforcement*, 47 artigos foram excluídos, representando 62,6% das exclusões totais. Dessas exclusões, 12 foram por uso de explicações cognitivistas do fenômeno e outras 15 por apresentarem os termos comportamentalistas de maneira não condizente com os pressupostos filosóficos comportamentalistas radicais. Baseado nessa quantidade significativa de exclusões com as combinações 22 e 29, é possível observar que o termo *reinforcement* é muito utilizado em outros campos da psicologia, principalmente por abordagens cognitivistas, e até mesmo por outras áreas da ciência, como as neurociências. A combinação 17 (i.e., *altruism and behavior analysis*) também recuperou um número significativo de artigos, além de ter sido a combinação que gerou um maior número de artigos analisáveis, superando até mesmo as

combinações com o termo *reinforcement*. Proporcionalmente, a combinação 17 gerou 50% de artigos analisáveis, tendo como base os 16 artigos recuperados por essa combinação. Já a combinação 22 (i.e., *altruism and reinforcement*) gerou menos de 10% de artigos analisáveis, tendo como base os 51 artigos recuperados. Para além dessas combinações que trouxeram resultados pertinentes à pesquisa, algumas combinações não geraram nenhum artigo encontrado. As buscas que envolviam os termos *selection by consequences* (i.e., combinações 19 e 26) e *operant behavior* (i.e., combinações 21 e 28) não se mostraram eficientes, não tendo encontrado nenhum artigo. A ausência do termo *selection by consequences* relacionado ao altruísmo é um ponto interessante, visto que *seleção por consequências* pode ser considerado um modelo causal de explicação de origem e evolução de características típicas das espécies, comportamentos e práticas culturais (Leão e Carvalho Neto, 2016; Skinner, 1981). Além disso, de acordo com esse modelo, o comportamento humano, em particular, pode ser entendido como “produto de três histórias de variação e seleção: filogenética, ontogenética e cultural” (Leão & Carvalho Neto, 2016, p. 293).

Haja vista que *seleção pelas consequências* é usualmente considerado o modelo explicativo da Análise do Comportamento, é um dado relevante que o termo não esteja sendo utilizado em discussões analítico-comportamentais na interface com o altruísmo. Além disso, “*Selection by consequences*” é um dos textos no qual Skinner disserta mais abertamente sobre o comportamento altruísta, sendo uma das poucas vezes em que o autor aborda esse tema (e.g., Skinner, 1948/1972, 1981, 1989/1995). O autor mostra diferentes perspectivas de análise do comportamento altruísta: (i) como produto da história filogenética (e.g., por meio da seleção de parentesco); (ii) fundamentado em uma história ontogenética (e.g., mantido por reforçamento por quem está sendo beneficiado por esse comportamento); (iii) e gerado por contingências culturais (e.g., valorização de mártires e heróis) (Skinner, 1981). Assim, é significativo que uma ciência calcada no comportamentalismo radical não considere esse

texto quando discute o altruísmo. Ademais, as citações de textos de Skinner nos artigos analisados também são escassas, como mostra a Tabela 4.

Tabela 4
Caracterização das referências selecionadas para análise

Referência	Natureza da pesquisa	Texto de Skinner citado
Brayko, C. A., Housmanfar, R. A., & Ghezzi, E. L. (2016). Organized cooperation: A behavioral perspective on volunteerism. <i>Behavior and Social Issues</i> , 25, 77-98.	Teórica	Science and human behavior
Rachlin, H. (2012). Making IBM's computer, Watson, human. <i>The Behavior Analyst</i> , 35, 1-16.	Teórica	Verbal behavior
Rachlin, H., & Locey, M. (2011). A behavioral analysis of altruism. <i>Behavioural Processes</i> , 87, 25-33.	Teórica	The behavior of organisms Behaviorism at fifty
Peláez, M. (2001). Morality as a system of rule-governed behavior and empathy. <i>Behavioral Development Bulletin</i> , 1, 8-14.	Teórica	Science and human behavior
Fantino, E., Gaitan, S., Kennelly, A., & Stolarz-Fantino, S. (2007). How reinforcer type affects choice in economic games. <i>Behavioural Processes</i> , 75(2), 107-114.	Teórica	-
Locey, M. L., & Rachlin, H. (2013). Shaping behavioral patterns. <i>Journal of the Experimental Analysis of Behavior</i> , 99(3), 245-259.	Básica	The behavior of organisms
Killeen, P. R., & Snowberry, K. (1982). Information and cooperative behavior. <i>Behaviour Analysis Letters</i> , 2(6), 353-360.	Básica	Verbal behavior Two "synthetic social relations"
Zin, G., Escobal, G., Esteves, G., & Goyos, C. (2015). Sharing Game: Influence of gender, cost of response, history of reinforcement, and amount of money in the resource distribution of undergraduate students. <i>Behavior Analysis: Research and Practice</i> , 15(1), 65-80.	Básica	-
Bethlehem, D. W. (1973). Cooperation, competition and altruism among schoolchildren in Zambia. <i>International Journal of Psychology</i> , 8(2), 125-135.	Básica	-
Weiner, H. (1977). An operant analysis of human altruistic responding. <i>Journal of the Experimental Analysis of Behavior</i> , 27, 515-528.	Básica	-

Chater, N., Vlaev, I., & Grinberg, M. (2008). A new consequence of Simpson's paradox: Stable cooperation in one-shot prisoner's dilemma from populations of individualistic learners. <i>Journal of Experimental Psychology: General</i> , 137(3), 403-421.	Básica	-
Grusec, J. E., & Redler, E. (1980). Attribution, reinforcement, and altruism: A developmental analysis. <i>Developmental Psychology</i> , 16(5), 525-534.	Básica	-
Parish, T. S. (1977). The enhancement of altruistic behaviors in children through the implementation of language conditioning procedures. <i>Behavior Modification</i> , 1(3), 395-404.	Básica	-
Baker, F., & Rachlin, H. (2002). Teaching and learning in a probabilistic prisoner's dilemma. <i>Behavioural Processes</i> , 57(2-3), 211-226.	Básica	-
Watson, T. S. (1996). A prompt plus delayed contingency procedure for reducing bathroom graffiti. <i>Journal of Applied Behavior Analysis</i> , 29(1), 121-124.	Aplicada	-
Goldstein, R. S., Minkin, B. L., Minkin, N., & Baer, D. M. (1978). Finders, keepers? An analysis and validation of a free-found-ad policy. <i>Journal of Applied Behavior Analysis</i> , 11(4), 465-473.	Aplicada	-

Analisando os 16 artigos selecionados, apenas seis deles citaram Skinner em algum momento, caracterizando 37,5% dos textos. Esses dados, mais uma vez, mostram que mesmo sendo uma ciência embasada no comportamentalismo radical de Skinner, muitos dos textos da área não fazem referências ao autor. Dos seis textos que citam Skinner, quatro são pesquisas teóricas (66%) e dois são pesquisas básicas (33%). Com esses dados é possível argumentar, de um lado, que as pesquisas teóricas, principalmente as conceituais, buscam elucidar o significado dos conceitos de uma teoria consultando os textos originais do autor de interesse. Por outro lado, a escassez de citações a Skinner nos demais textos sugere que a Análise do Comportamento tem extrapolado as próprias produções do autor, em especial no âmbito básico e aplicado.

Além disso, a disparidade nas citações entre as pesquisas teóricas, básicas e aplicadas talvez possa corroborar a ideia de uma separação entre as diferentes modalidades de pesquisa da Análise do Comportamento, como já foi apontado por Strapasson, Magalhães e Custódio

(2013). Considerando os textos que citaram Skinner, alguns artigos fizeram menção a mais de uma obra do autor, sendo que cinco textos diferentes foram citados. Dos textos citados, os que mais chamam atenção são *Science and human behavior*, *The behavior of organisms* e *Verbal behavior*, mencionados duas vezes cada um. Todavia, os textos skinnerianos não foram citados para fundamentar a discussão do altruísmo propriamente dita, mas para contextualizar uma concepção analítico-comportamental de *self* (“*Behaviorism at fifty*”); definir o comportamento como objeto de estudo científico, explicitar o paralelo entre ontogênese e filogênese (*The behavior of organisms*); explicar as bases do comportamento moral (*Science and human behavior* e *Verbal behavior*); estabelecer relações entre as relações sociais e a pesquisa básica (“*Two ‘synthetic social relations’*”).

Um autor que se destaca como referência no assunto é Howard Rachlin (1935-)¹¹. Dos 16 artigos selecionados para análise, quatro são de autoria dele, totalizando 25%. Outro autor que se repetiu foi Matthew Locey¹², tendo participado em dois artigos, ambos em colaboração com Rachlin. Esses dados mostram que Rachlin se destaca como um dos pesquisadores do altruísmo em Análise do Comportamento. Além disso, Rachlin foi o autor mais citado nos 16 artigos selecionados, tendo sido utilizado como referência em oito dos artigos analisados (50%), sobretudo para a definição do altruísmo como um *comportamento molar*.

Da mesma maneira que há uma disparidade entre textos teóricos e básicos que fazem referência a Skinner, também há um desequilíbrio entre a produção de conhecimento analítico-comportamental teórica, básica, e aplicada no tema altruísmo. Dos 16 artigos selecionados, nove deles são referentes a pesquisas básicas (56,2%), cinco são artigos teóricos (31,2%) e dois são resultados de pesquisas aplicadas (12,5%).

¹¹ Howard Rachlin é professor da *Stony Brook University*. A linha de pesquisa do autor é marcada pelo estudo das escolhas e tomadas de decisões, além de autocontrole, cooperação e altruísmo. Recuperado de https://www.stonybrook.edu/commcms/psychology/faculty/faculty_profiles/hrachlin

¹² Matthew Locey é professor assistente da *University of Nevada*. Os principais temas de pesquisa do autor são o autocontrole, cooperação, escolhas e altruísmo. Recuperado de <https://www.unr.edu/psychology/faculty/matthew-locey>

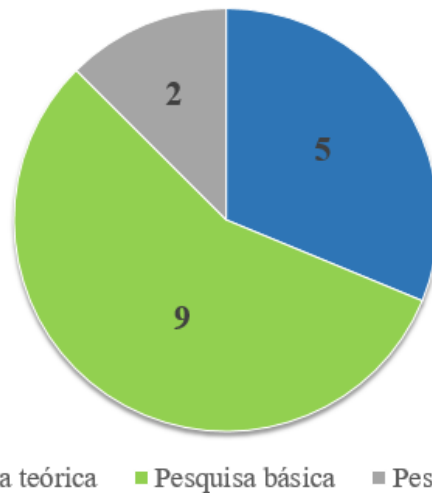


Figura 2. Distribuição de artigo por estratégias investigativas em Análise do Comportamento

De acordo com Tourinho (2003), essa disparidade entre pesquisas teóricas, básicas e aplicadas é, muitas vezes, efeito da falta de produção sobre um tema em uma ciência, ou da própria ciência ainda não ter estabelecido bases sólidas de discussão. Em uma área ou ciência ainda incipiente, muitas pesquisas básicas e teóricas são produzidas, uma vez que elas são os fundamentos para a discussão e o intercâmbio de dados com outras áreas do conhecimento (Tourinho, 2003). Ainda para Tourinho (2003), o grande número de pesquisas básicas seria explicado pela busca da Análise do Comportamento em se firmar como uma ciência, e a grande quantidade de pesquisa teórica é resultante de uma condição inerente à própria ciência, que necessita de uma base para que as outras formas de pesquisa sejam realizadas:

O trabalho conceitual não é apenas condição para a instauração de programas de pesquisa, mas também para o desenvolvimento da investigação empírica. Na verdade, uma vez constituído um sistema explicativo psicológico, as diferentes áreas parecem ir permanentemente se influenciando umas às outras; a produção de um domínio vai sendo permanentemente regulada pela produção nas demais. Desse modo, as três áreas são não apenas complementares, mas, também, interdependentes. (Tourinho, 2003, p. 37)

O argumento de Tourinho (2003), de que as três áreas são interdependentes, passa pela ideia de que é necessário que sejam feitas pesquisas teóricas e básicas antes de se avançar para a aplicação. A incidência de pesquisas teóricas, básicas e aplicadas em um campo de pesquisa ajuda a aferir o desenvolvimento científico dessa área, uma vez que a quantidade de um determinado tipo de pesquisa indica se há termos conceituados de forma coerente e lógica e se existe uma base consistente de dados experimentais. Portanto, no âmbito deste estudo, o número menor de pesquisas aplicadas, em comparação com os demais tipos, pode se justificar pelo fato de que o tema altruísmo ainda é pouco pesquisado pela Análise do Comportamento, tendo uma escassez de dados experimentais que expliquem as regularidades desse fenômeno, bem como uma insuficiência de textos teóricos que examinem o fenômeno tanto em termos comportamentais quanto buscando uma interlocução com outras ciências.

Um panorama geral das publicações ser visto na Figura 3, que mostra a frequência acumulada das publicações entre 1973 e 2016 (da primeira até a última publicação selecionada para análise, respectivamente).

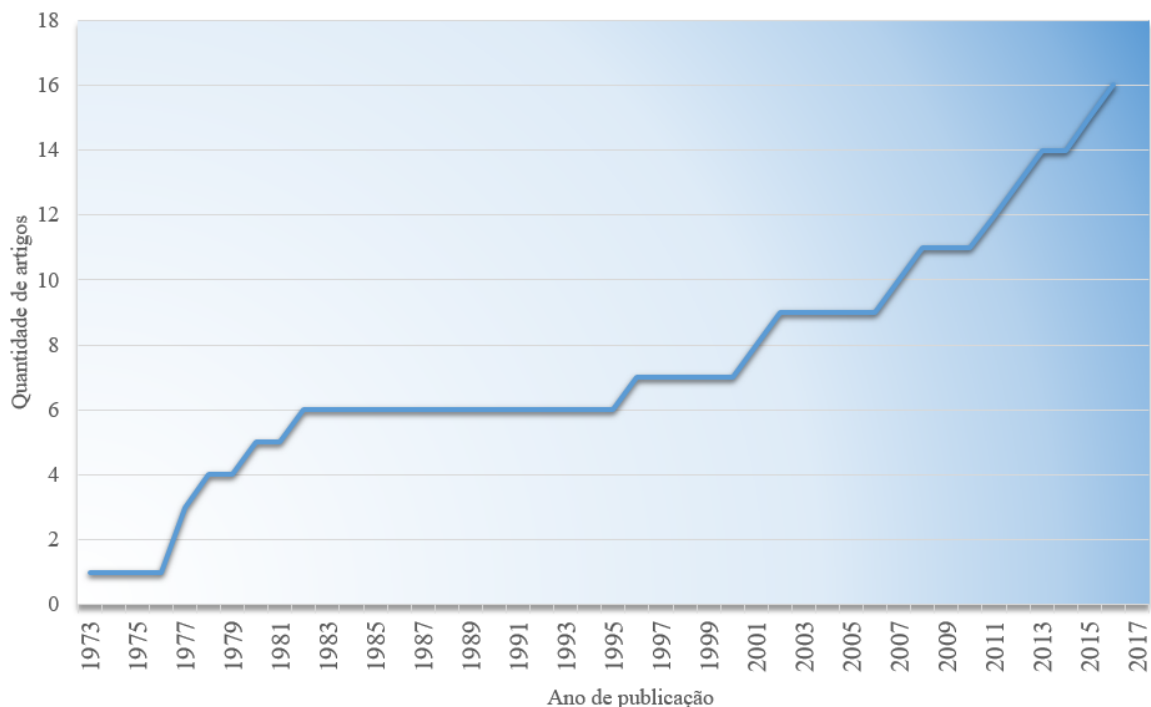


Figura 3. Distribuição temporal das publicações selecionadas para análise

A primeira publicação selecionada data de 1973. Mesmo havendo uma ausência de publicações até 1977, 25% dos artigos selecionados foram publicados na década de 1970, e são publicados seis artigos entre 1973 e 1982. Depois disso, a próxima publicação selecionada ocorre apenas em 1996. Resgatando uma discussão realizada anteriormente, o texto “*Selection by consequences*”, no qual Skinner versa mais especificamente sobre altruísmo, foi publicado em 1981. Entretanto, durante 14 anos após a publicação desse texto, nenhum artigo sobre o tema foi publicado por cientistas que têm como fundamentação teórica o comportamentalismo radical, considerando as bases de dados pesquisadas no âmbito deste estudo.

Já após o ano de 2001, há um aumento em comparação com as publicações das décadas anteriores, sendo que 56,5% das publicações ocorreram após essa data. Esse aumento nas publicações no século 21 parece acompanhar o aumento de publicações em outros temas analítico-comportamentais relacionados ao altruísmo. Fidelis e Faleiros (2017), em uma revisão sistemática, mostraram que quase 30% dos textos analisados sobre Dilema do Prisioneiro também foram publicados a partir de 2010. Esse aumento parece estar atrelado ao interesse pelo estudo de fenômenos como autocontrole e cooperação (Fidelis & Faleiros, 2017). Tendo em vista que autocontrole, cooperação e altruísmo são fenômenos sociais, também é possível pensar a relação entre o aumento na quantidade de publicações sobre esses fenômenos e o progressivo interesse por questões sociais na área relatado por Holpert (2004), sobretudo relacionado à produção de conhecimento empírico acerca do comportamento social (e.g., metacontingências e jogos econômicos).

Ademais, o aumento da quantidade de publicações a partir de 2011 coincide com as discussões feitas por outras áreas de conhecimento e pela própria Análise do Comportamento: conflitos políticos e econômicos ameaçam o mundo; a intolerância tornou-se pauta de muitos debates, de cunho racial, social, religioso, sexual. Em contraponto a esse cenário, o interesse

sobre o altruísmo, embora antigo, ainda encontra ressonâncias contemporâneas (e.g., Andreoni, Rao, & Trachtman, 2017; Farrelly, Clemson, & Guthrie, 2016). Até mesmo a grande mídia passou a abordar este tema. Uma evidência disso é a produção recente de um documentário intitulado “*The Altruism Revolution*” (2015), o qual mostra exemplos de comportamentos altruístas em meio a catástrofes ambientais, guerras e acidentes naturais.

Além de sua atualidade, a relevância do tema pode ser verificada também pela própria qualidade das publicações. Segundo Krzyzanowski e Ferreira (1998), muitas críticas em relação à qualidade das publicações científicas vêm sendo feitas. Entre essas críticas estão:

irregularidade na publicação e distribuição da revista; falta de normalização dos artigos científicos e da revista como um todo; pouca penetração da língua portuguesa no exterior; falta do corpo editorial e de *referees* (autoridade da revista) . . . baixo grau de originalidade e novidade dos artigos científicos publicados. (p. 165)

Uma alternativa para tal problema é o *WebQualis*. Esse é um sistema de categorização criado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES) que pretende avaliar a consistência de um periódico científico, estabelecendo categorias que buscam aferir a qualidade das publicações vinculadas nas revistas. Sobre esse ponto, a Tabela 5 mostra os periódicos nos quais os artigos selecionados foram publicados, bem como os respectivos *qualis*¹³.

Tabela 5
WebQualis dos periódicos nos quais os artigos selecionados foram publicados

Periódico	WebQualis	Número de artigos
<i>Behavioural Processes</i>	A1	3

¹³ “O Qualis afere a qualidade dos artigos e de outros tipos de produção, a partir da análise da qualidade dos veículos de divulgação, ou seja, periódicos científicos. A classificação de periódicos é realizada pelas áreas de avaliação e passa por processo anual de atualização. Esses veículos são enquadrados em estratos indicativos da qualidade – A1, o mais elevado; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C – com peso zero” (Capes, 2018).

<i>International Journal of Psychology</i>	A1	1
<i>Journal of Applied Behavior Analysis</i>	A1	2
<i>Journal of Experimental Psychology: General</i>	A1	1
<i>Journal of the Experimental Analysis of Behavior</i>	A1	2
<i>Behavior and Social Issues</i>	A2	1
<i>The Behavior Analyst</i>	A2	1
<i>Behavior Analysis: Research and Practice</i>	B1	1
<i>Behavioral Development Bulletin</i>	B5	1
<i>Behavior Modification</i>	-	1
<i>Behaviour Analysis Letters</i>	-	1
<i>Developmental Psychology</i>	-	1

Dos textos selecionados para a análise, três deles foram publicados em periódicos que não têm *WebQualis* definido na Plataforma Sucupira¹⁴, pelo menos até a data da consulta de 29 de outubro de 2018. Dos 13 artigos restantes, dois foram publicados em periódicos classificados como B (15%), e 11 em periódicos classificados como A, representando quase 85% das publicações. Desses 11 periódicos A, nove deles foram classificados nesse quadriênio (2013-2016) como A1. De acordo com a Plataforma Sucupira, o *qualis* A1 é o mais elevado, representando a pertinência das produções de um determinado periódico, uma maior capacidade de circulação, bem como a qualidade das próprias produções. Tendo em vista que 56% dos artigos selecionados foram publicados em periódicos com o *qualis* mais elevado, é possível afirmar que a produção de conhecimento do tema está sendo veiculada em revistas de muito prestígio. Esse dado mostra também a importância desses textos e da

¹⁴ Os artigos publicados nos periódicos que não possuem o *qualis* definido pela Plataforma Sucupira são datados de 1977, 1980 e 1982. Esses periódicos não estão mais em circulação.

discussão do altruísmo, uma vez que os periódicos classificados como A são de maior impacto e têm um acesso maior comparado ao de outros estratos.

Além da avaliação do *qualis* dos periódicos, um dado bibliométrico relevante são as palavras-chave trazidas logo abaixo do resumo do artigo. Essas palavras explicitam os principais conceitos que serão explanados nos artigos, bem como as relações gerais entre os temas abordados. Considerando esse aspecto, a Tabela 6 mostra quais foram as palavras-chave mais utilizadas nos 16 artigos selecionados para análise, permitindo a visualização dos principais descritores para discutir altruísmo, além de temas que tangenciam essa discussão.

Tabela 6

Palavras-chave mais citadas pelos artigos analisados

Palavra-chave	Número de usos
<i>Altruism</i>	8
<i>Cooperation</i>	4
<i>Self-control</i>	4
Prisoners' dilemma	3
Economic games	2
Sharing Game	2

Dessas palavras, *altruism* apareceu em oito textos (50%). As outras palavras mais utilizadas foram *self-control* e *cooperation*, que apareceram quatro vezes. Além desses termos, *economic games* (jogos econômicos), *prisoners' dilemma* (Dilema do Prisioneiro), *sharing game* (Jogo da Partilha) e *dictator game* (Jogo do Ditador) são algumas das formas que a Análise do Comportamento utiliza para pesquisar comportamentos de cooperação, indicando que há uma relação entre tal comportamento e o comportamento altruísta. Se esses dois comportamentos têm alguma correspondência, esses modelos experimentais seriam um bom indício de como estudar o altruísmo, uma vez que ainda não existe um número significativo de pesquisas e, por consequência, uma metodologia sólida para pesquisar esse tema, como apontado por Fantino, Gaitan, Kennelly e Stolarz-Fantino (2007).

Esses jogos econômicos têm proximidades com a teoria dos jogos. A teoria dos jogos “trata do comportamento de pessoas em interações com outras (tanto reais, quanto simuladas). . . . Tais situações podem ser descritas como interações estratégicas; nelas, a decisão sobre o que fazer depende da consideração sobre o que o outro fará” (Benvenuti, 2018, p. 15). Contudo,

sob a ótica da economia, é importante respeitar a distinção entre os jogos e a teoria dos jogos. A teoria analítica de jogos econômicos constitui uma derivação matemática a respeito do que os atores com capacidades cognitivas diversas provavelmente farão durante os jogos. . . . Além disso, não se sustenta em observações sistemáticas a respeito dos comportamentos das pessoas durante o desempenho em jogos, mas, sim, em introspecções e possíveis interpretações sobre o desempenho dessas pessoas. (Escobal, Zin, Esteves, & Goyos, 2018, p. 108)

Os jogos econômicos, por sua vez, foram propostos para analisar o comportamento das pessoas enquanto jogam, contribuindo para a extensão da teoria dos jogos. Tais jogos estão sendo usados por diversas áreas de conhecimento, como a Biologia, Filosofia, Economia, Psicologia: “a utilização de jogos econômicos, que envolvem a distribuição de recursos, tem sido útil como modelo experimental para o estudo dos processos de tomada de decisão, tanto para economistas, quanto para psicólogos, principalmente no contexto da interação social complexa” (Escobal, Zin, Esteves, & Goyos, 2018, p. 108). Dentre os principais jogos estão o Jogo do Dilema do Prisioneiro (*Prisoner's Dilemma Game*), Jogo do Ditador (*Dictator's Game*), o Jogo da Partilha (*Sharing Game*), e o Jogo do Ultimato (*Ultimatum Game*) (Escobal, Zin, Esteves, & Goyos, 2018, p. 109)¹⁵.

A Tabela 7 mostra a lista das pesquisas básicas, os jogos empregados e os sujeitos/participantes envolvidos em cada uma delas.

¹⁵ Esses jogos econômicos estão fundamentados no *paradigma de escolha* proposto por H. Rachlin.

Tabela 7

Jogos econômicos e sujeitos/participantes das pesquisas básicas

Referência	Jogo utilizado	Sujeitos/Participantes
Killeen, P. R., & Snowberry, K. (1982).	-	Pombos
Locey, M. L., & Rachlin, H. (2013).	-	Pombos
Grusec, J. E., & Redler, E. (1980).	-	Humanos
Parish, T. S. (1977).	-	Humanos
Zin, G., Escobal, G., Esteves, G., & Goyos, C. (2015).	Jogo da Partilha	Humanos
Baker, F., & Rachlin, H. (2002).	Dilema do Prisioneiro	Humanos
Bethlehem, D. W. (1973).	Dilema do Prisioneiro	Humanos
Chater, N., Vlaev, I., & Grinberg, M. (2008).	Dilema do Prisioneiro	Humanos
Weiner, H. (1977).	Dilema do Prisioneiro	Humanos

Um dos textos teóricos analisados caracterizou-se como revisão de artigos que utilizaram o Jogo da Partilha como estratégia investigativa, buscando averiguar a efetividade da utilização de dinheiro hipotético (e.g., Fantino, Gaitan, Kennelly, & Stolarz-Fantino 2007). Dos nove artigos básicos analisados, os jogos econômicos foram aplicados em cinco pesquisas, tendo sido o Jogo da Partilha empregado em uma delas (e.g., Zin, Escobal, Esteves, & Goyos, 2015), enquanto quatro experimentos tiveram o Dilema do Prisioneiro como principal jogo econômico utilizado (e.g., Baker & Rachlin, 2002; Bethlehem, 1973; Chater, Vlaev, & Grinberg, 2008; Weiner, 1977).

De acordo com Escobal, Zin, Esteves e Goyos (2018), “o Jogo da Partilha (JD) apresenta um modelo experimental . . . para estudar o fenômeno da generosidade ou do *altruísmo* [ênfase adicionada], de particular interesse, dentro do âmbito da cooperação, por sua importância social e de sobrevivência da espécie” (p. 110). Assim, é possível presumir que esse seria o jogo mais utilizado, uma vez que um dos principais focos dele é o comportamento altruísta. Todavia, dos cinco experimentos que aplicaram jogos como modelo

experimental, apenas um deles utilizou o Jogo da Partilha. A maioria dos experimentos (80%) empregou o Dilema do Prisioneiro como modelo. Segundo Fidelis e Faleiros (2018), o Dilema do Prisioneiro “engloba o paradoxo fundamental da *cooperação* [ênfase adicionada]” (p. 25) e, ainda, “especificamente na análise experimental do comportamento, o jogo Dilema do Prisioneiro tem sido empregado na investigação de variáveis relacionadas ao comportamento social, autocontrole e metacongintências” (p. 26). Assim, a utilização do jogo Dilema do Prisioneiro como principal modelo experimental de análise do altruísmo parece questionável, já que o foco desse jogo é a investigação da cooperação. Dos outros quatro artigos básicos que não utilizaram jogos, dois foram com pombos (e.g., Killeen & Snowberry, 1982; Locey & Rachlin, 2013) e outros dois foram realizados com humanos (e.g., Grusec & Redler, 1980; Parish, 1977).

Análises Interpretativas

Delimitação de conceitos.

Como mencionado, a Análise do Comportamento vem buscando novas formas de estudo do altruísmo para além das questões teóricas abordadas por Skinner (1981, 1989/1995). Contudo, algumas perguntas acerca do tema parecem que ainda não foram esclarecidas, gerando uma confusão conceitual, uma vez que não há uma delimitação teórica em relação ao conceito. Os jogos econômicos, por exemplo, se mostram como uma boa estratégia investigativa para analisar o altruísmo, pois são estratégias já consolidadas em relação à investigação de comportamentos sociais. Entretanto, os jogos econômicos também trazem confusão conceitual, pois, ao mesmo tempo que estudam o altruísmo, também são utilizados para investigar outros fenômenos (e.g., cooperação). Dessa forma, uma análise teórica do comportamento altruísta parece ser importante visando a delimitação do conceito.

Para tanto, pautando-se nas sistematizações feitas por meio das Tabelas 9, 10 e 11, verificou-se que conceitos como *cooperação* e *ajuda* foram tratados como sinônimos de altruísmo pelas fontes analisadas, uma vez que os textos não trouxeram uma definição explícita de altruísmo. Primeiramente, dos termos supracitados, o conceito de *ajuda* foi o que mais careceu de definições nos textos, parecendo ser utilizado de forma similar aos usos feitos pelo senso comum. Assim, recorreu-se à definição de ajuda do dicionário para elucidar o conceito: “1. ato ou efeito de ajudar 1.1 ação de auxiliar, de socorrer, assistência 1.2 favor que se presta a alguém; obséquio” (Houaiss & Villar, 2001, p. 131). Quando se define ajuda nesse sentido, não se explicita quais são as consequências para quem se comporta, mas apenas que alguém será assistido. A utilização do termo *ajuda* parece, então, não ser incoerente com os conceitos de altruísmo e cooperação apresentados nos artigos analisados, uma vez que ambos os termos são entendidos como uma ação que traz benefícios para outra pessoa. Contudo, o comportamento altruísta e a cooperação apresentam algumas especificidades em relação ao comportamento de ajuda (i.e., as consequências para quem se comporta), de forma que o altruísmo e a cooperação podem ser entendidos como classes mais específicas do comportamento de ajuda.

Tendo definido que altruísmo e cooperação são parte de uma classe maior denominada *comportamento de ajuda*, faz-se necessária a distinção entre esses conceitos. Recorrendo aos textos analisados, não foram identificadas inconsistências nas definições do conceito de cooperação, sendo entendido como um comportamento no qual tanto o indivíduo que se comporta quanto outro(s) indivíduo(s) teriam benefícios: “a cooperação é geralmente concebida como um comportamento que beneficia coletivamente o indivíduo e o grupo” (Brayko, Houmanfar, & Ghezzi, 2016, p. 84). Nessa acepção, é de suma importância que todos os indivíduos que participam dessa relação obtenham vantagens por agir

coordenadamente (i.e., reforçadores positivos adquiridos e/ou a remoção de eventos aversivos por meio do comportamento cooperativo).

Também houve concordância entre os autores com respeito às definições de altruísmo, sendo que a principal foi em relação ao *custo* para quem se comporta: em alguma medida, quem age de forma altruísta precisa ter algum tipo de prejuízo. Contudo, a maior discordância entre as definições foi em relação à existência ou não de *benefícios* para quem se comporta de maneira altruísta. Segundo Zin, Escobal, Esteves e Goyos (2015), existe um prejuízo para quem se comporta altruisticamente, mas o custo não impede que o indivíduo ainda tenha algum tipo de benefício: “um indivíduo é considerado altruísta quando suas escolhas beneficiam outros indivíduos, levando em conta o custo e o benefício para si” (p. 66). Indo além, para esses autores, o prejuízo no altruísmo seria marcado por uma *redução de ganhos*, mas a vantagem seria necessária:

A interação é classificada como altruísmo apenas no caso de um dos indivíduos ter um *ganho menor* [ênfase adicionada] em comparação com a outra pessoa com a qual ele está interagindo (o altruísta tem uma perda devido ao ganho do outro), o oposto seria considerado egoísta (aqui o indivíduo tem um *ganho maior* [ênfase adicionada] em relação ao outro; isto é, o outro perde em função do ganho do primeiro). (Zin, Escobal, Esteves, & Goyos, 2015, p. 77)

O comportamento altruísta estaria muito próximo da cooperação, uma vez que ambos os comportamentos trariam vantagens para os participantes da relação, ainda que esse benefício venha acompanhado de alguma redução no ganho no caso do altruísmo. Essa proximidade ficou marcada em alguns dos artigos analisados, sendo que o altruísmo chegou até mesmo a ser classificado como uma forma de cooperação: “aparentemente, o comportamento *cooperativo altruísta* [ênfase adicionada] é tipicamente visto como intrigante

de um ponto de vista normativo, dada a presunção de que as pessoas são agentes racionais de interesse próprio” (Chater, Vlaev, & Grinberg, 2008, p. 403).

Afastando-se da obrigatoriedade de benefícios para quem se comporta altruisticamente, Weiner (1977) defende que essa é uma possibilidade: “quanto maior a quantidade de doações em relação à obtenção, maior o altruísmo. Assim, dar sem obter é mais altruísta do que dar com a obtenção” (p. 515). O altruísmo poderia ser então definido em *graus*, no qual o custo para quem se comporta de maneira altruísta seria o parâmetro de análise. Ainda que abra possibilidade de vantagens para quem se comporta, essa definição não carrega um caráter de obrigatoriedade em relação ao benefício, marcando, então, a separação entre o comportamento altruísta e a cooperação.

Avançando na distinção entre os conceitos de cooperação e altruísmo, Parish (1977) define o altruísmo como um comportamento com benefício a outrem, mas que não tenha um benefício *pré-estabelecido* e *externo* para quem se comporta (i.e., reforçamento arbitrário). Essa concepção de altruísmo não impossibilita a existência de reforçadores para quem se comporta, mas limita essas consequências a eventos que não eram previstos e externos (i.e., abre o flanco para a discussão de reforçadores naturais que possam manter o comportamento altruísta).

Grusec e Redler (1980) radicalizam a discussão buscando as bases do *verdadeiro altruísmo*: “presumivelmente, tanto o autoconhecimento quanto o conhecimento dos outros têm em comum a propriedade de poderem facilitar o altruísmo praticado independentemente da esperança de recompensa ou do medo de punição. Nesse sentido, então, estamos lidando com o verdadeiro altruísmo” (Grusec & Redler, 1980, p. 529). O comportamento altruísta parece não ser compatível com uma *esperança de recompensa* ou um comportamento com função de fuga ou esquiva. Para que o comportamento seja altruísta, as condições que o

mantêm não podem ser aversivas, mas também as condições reforçadoras não podem ser explícitas (Grusec & Redler, 1980).

Aderindo a essa concepção de que o altruísmo se caracteriza pela ausência de reforçadores que o manteriam, Killeen e Snowberry (1982) argumentam que o comportamento cooperativo é mais fácil de se manter, uma vez que todos os organismos envolvidos têm benefícios. Já o altruísmo, segundo os autores, é um comportamento que inevitavelmente irá enfraquecer e parar de ser emitido, pois não existem consequências reforçadoras para quem se comporta:

Quando o responder de um organismo resulta em recompensa para o próprio organismo e para outro, geralmente há pouca dificuldade na manutenção do comportamento. . . . Quando o efeito do comportamento é a recompensa somente para o outro organismo, a situação é instável e se deteriora inevitavelmente. (Killeen & Snowberry, 1982, p. 355)

Assim, pautando-se nos artigos analisados, a distinção entre cooperação e altruísmo não é precisa. Para tanto, uma análise detalhada do comportamento altruísta poderia elucidar essa discussão.

Análise descritiva do comportamento altruísta.

Como exposto anteriormente, o comportamento altruísta pode ser entendido de diversas formas. Mostrando a complexidade envolvida no altruísmo, Rachlin e Locey (2011) exemplificam diversas situações em relação a esse comportamento:

Se você coloca um dólar em uma máquina e outra pessoa pega (e come) a barra de chocolate, seu ato é altruísta de acordo com a definição acima. Pode ser que poucos de nós pagariam um dólar para dar a um estranho uma barra de chocolate, mas poderíamos muito bem pagar um centavo. Ou, se o benefício para o estranho fosse

muito alto (digamos, ele estivesse morrendo de fome), poderíamos pagar um dólar ou até mais do que um dólar – para dar a ele uma barra de chocolate. Ou, se o beneficiário não fosse um estranho, mas nosso próprio filho (e não estivéssemos no momento nos preocupando com cáries ou obesidade), muitos de nós pagariam o dólar. (Rachlin & Locey, 2011, p. 25)

Nesse excerto, os autores expõem algumas variáveis importantes para o altruísmo: questões relacionadas ao custo de resposta; as consequências para outra pessoa; a relação entre quem se comporta altruisticamente e quem recebe a ajuda. Tomando como base a complexidade desse comportamento, esta seção tem por objetivo explorar as definições comportamentais do altruísmo expostas pelos textos analisados.

Nesta etapa, a análise descritiva irá explicitar as variáveis filogenéticas, ontogenéticas e culturais apresentadas nos estudos analisados, considerando que “como o comportamento altruísta é tão comum e tão útil na sociedade humana, parece-nos provável que três mecanismos evolutivos (biológicos, comportamentais e culturais) trabalhem juntos para produzi-lo” (Rachlin & Locey, 2011, p. 27). Considerando que a análise descritiva do comportamento altruísta tem como objetivo explicitar as variáveis mencionadas pelos textos no estudo desse comportamento, este tópico buscará, principalmente, descrever as possíveis relações entre as situações antecedentes, as ações e as consequências envolvidas no comportamento altruísta.

Variáveis filogenéticas.

Ainda que não seja o foco de estudo da Análise do Comportamento, não é raro que variáveis filogenéticas sejam levadas em conta nos estudos dessa vertente psicológica. Nos textos analisados, essas variáveis foram abordadas por alguns autores. Rachlin e Locey (2011), por exemplo, argumentam que “é claro que o comportamento altruísta, como todo o

comportamento aprendido, depende fortemente da *herança biológica* [ênfase adicionada]” (p. 28) e, ainda, “os biólogos argumentam que nós humanos *herdamos tendências altruístas* [ênfase adicionada], que a evolução atua tanto em grupos quanto em indivíduos” (Rachlin, 2012, p. 12). Essa herança biológica pode, então, ser entendida como tendência comportamental. Buscando explicar essa questão, Locey e Rachlin (2013) expuseram que esse tema é problemático na biologia:

A existência de tendências altruístas representa um problema para a evolução biológica e comportamental. Vamos considerar a evolução biológica primeiro. *O altruísmo foi definido em termos econômicos como atos custosos para um indivíduo e que geram benefícios a outros indivíduos* [ênfase adicionada] (Fehr & Fischbacher, 2003). *Um ato custoso é aquele que diminui a capacidade de um indivíduo sobreviver em seu ambiente (sua “aptidão”)* [ênfase adicionada]. Por exemplo, um animal individual que levanta um alarme na presença de um predador atrairá a atenção para si mesmo (a um custo para sua própria aptidão), mas o grupo se beneficiará. (p. 245)

Discutindo aspectos biológicos do altruísmo, Zin, Escobal, Esteves e Goyos (2015) apresentaram uma concepção semelhante à descrita, afirmando que “do ponto de vista biológico, o altruísmo refere-se a todos os comportamentos de um animal que favorecem o outro à custa de seu próprio benefício” (p. 66). Em uma perspectiva filogenética, o custo de uma ação altruísta seria a diminuição das chances de sobrevivência de um organismo (i.e., sua aptidão). Essa definição traria, então, problemas para a explicação de tendências altruístas selecionadas na filogênese, uma vez que a sobrevivência do organismo é um dos principais aspectos da seleção natural.

Locey e Rachlin (2013) questionam os motivos de um indivíduo se comportar altruisticamente, uma vez que essa ação acarretaria um prejuízo para o organismo que se comporta, e no nível filogenético isso significa diminuir as chances de sobrevivência desse

organismo: “surge a pergunta: por que organismos altruístas (organismos que ao menos ocasionalmente agem altruisticamente) sobrevivem em uma população?” (p. 245). Uma possível solução é proveniente de uma concepção de evolução voltada ao gene, que defende que o veículo da evolução é o material genético codificado e não o organismo em si: “uma resposta é que os genes, e não os organismos individuais, são os veículos primários da evolução (Dawkins, 1989). Os organismos podem sacrificar sua própria sobrevivência em relação aos parentes próximos, preservando, assim, a sobrevivência dos genes que compartilham” (Locey & Rachlin, 2013, p. 245).

Nessa concepção, um organismo teria genes altruístas, e dividiria esses genes com a espécie, podendo trazer benefícios para esse grupo quando se coloca em risco. O comportamento altruísta, nesse caso, traz prejuízos ao organismo altruísta, mas beneficia o grupo no qual o gene é compartilhado: “por exemplo, um animal que cria um alarme ao avistar um predador reduz sua própria aptidão (chamando a atenção para si mesmo), mas aumenta a aptidão do grupo como um todo” (Locey & Rachlin, 2013, p. 246). Essa concepção poderia explicar tendências altruístas de uma espécie.

Para além dos textos sistematizados por esta pesquisa, na Biologia a concepção de *altruísmo biológico* parece ser coerente com a definição apresentada. Essa noção de altruísmo tem como base a *seleção de parentesco*, proposta de Hamilton (1963), e que sugere que o grau de parentesco é fundamental para a seleção do altruísmo em organismos geneticamente aparentados. De acordo com Baravalle (2014), a seleção de parentesco pode ser definida como “um mecanismo evolutivo que induz os organismos a defender a prole dos parentes próximos (com os quais compartilham parte da dotação genética, pela primeira lei de Mendel), além da própria, com a finalidade de maximizar a chamada *aptidão inclusiva*” (p. 105). Nesse sentido, “o grau de ‘altruísmo’ dependerá do grau de parentesco genético” (Lencastre, 2010, p. 115).

Entretanto, essa concepção de *altruísmo biológico* é questionada até mesmo por biólogos. A contestação dessa explicação está fundamentada na ideia de que altos graus de altruísmo podem ser vistos em animais não aparentados (De Waal, 2009/2010). Lencastre (2010) também mostra limitações nessa concepção de *altruísmo biológico*:

O poder explicativo do modelo de Hamilton para o “altruísmo” genético não conseguiu, no entanto, resolver o problema dos comportamentos “altruístas” entre animais não aparentados. Como compreender, à luz do modelo da vantagem inclusiva, que um animal ajude ou se sacrifique por outro com o qual não tem nenhuma ligação genética? (p. 115)

Essa lacuna explicativa do modelo genético já tinha sido abordada por Skinner (1989/1995). Expondo as limitações de explicações comportamentais que recorrem aos genes, o autor argumentou que comportamentos filogeneticamente selecionados podem ser suplantados pelo condicionamento operante, sobretudo quando contingências culturais estão selecionando e mantendo tais comportamentos. Skinner (1989/1995) questionou as explicações genéticas acerca do altruísmo: “existem genes altruísticos ou agressivos?” (p. 79). Respondendo ao próprio questionamento, o autor não inviabilizou a discussão filogenética desse tema, mas explicitou que um comportamento complexo como o altruísmo precisa ser discutido de maneira ampla, levando em conta os diversos níveis de seleção:

Se dizemos que o comportamento é altruístico se ao mesmo tempo ajuda o outro e ameaça a quem presta auxílio e que é agressivo quando ameaça o outro e, ao mesmo tempo, ajuda quem ameaça, estamos dando exemplos de *todos os três níveis de seleção* [ênfase adicionada]. A seleção natural presumivelmente explica por que um inseto macho copula e morre e por que o leão mata e come a gazela. O condicionamento operante presumivelmente explica por que *a mãe sacia a fome do filho enquanto ela própria permanece com fome* [ênfase adicionada] e por que um

assaltante rouba uma bolsa. A evolução da cultura presumivelmente explica por que *soldados morrem pela pátria* [ênfase adicionada] e por que um país devasta outro. . . . Pode-se argumentar que o altruísmo, como traço genético, meramente torna mais *provável* que a mãe socorra o filho ou que soldados morram pela pátria. (Skinner, 1989/1995, p. 79)

A discussão filogenética se faz necessária na medida em que dá pistas sobre a probabilidade de um organismo se comportar altruisticamente, mas essa explicação, por si só, não parece ser completa. Tanto a história de vida do indivíduo (i.e., ontogênese) quanto a cultura na qual ele está inserido são essenciais para a elucidação desse comportamento.

Variáveis culturais.

Além de explicações filogenéticas, o analista do comportamento muitas vezes irá se deparar com questões culturais que afetam o comportamento de um indivíduo. De acordo com Andery (2011),

uma cultura define-se, portanto, como uma entidade abstrata que tem temporalidade indefinida, mas que certamente envolve práticas comportamentais e produtos destas práticas – que são fenômenos comportamentais e ambientais – que se reproduzem entre indivíduos e gerações de indivíduos. Uma cultura é constituída de miríades de práticas culturais, definidas como padrões de comportamento aprendido que se reproduzem entre indivíduos e gerações de indivíduos. (p. 207)

No caso do altruísmo, alguns autores apontaram a importância do *comportamento verbal* como uma variável cultural. Killeen e Snowberry (1982) expuseram que o comportamento verbal é fundamental nas relações altruístas, pois práticas verbais podem favorecer a emissão desses comportamentos (e.g., *obrigado* e *por favor* podem servir como reforçadores ou estímulos para o altruísmo).

Indo ao encontro desse argumento, Peláez (2001) defende que essas práticas estão na base da moralidade: “os comportamentos morais são estabelecidos por meio de experiências pró-sociais, como compartilhar, cuidar, ajudar e cooperar” (p. 12). O autor também defende que

o comportamento moral tem certas características exclusivas que o diferenciam de outros comportamentos sociais: (a) o comportamento é intencional ou deliberado; (b) o comportamento é percebido, nomeado ou pensado como “certo” ou “bom” pelo agente e não tem consequências benéficas que sejam diretas e óbvias ou aparentes para quem se comporta; e (c) o comportamento é governado por regras verbais. (p. 8)

As três características da moralidade apontadas por Peláez (2001) estão assentadas no comportamento verbal e o comportamento moral seria, então, modelado por uma comunidade verbal. Tendo em vista que as práticas verbais são parte de uma cultura, tais práticas seriam importantes para o estabelecimento de comportamentos morais. Além disso, a compreensão do comportamento verbal e moral é importante na medida em que Peláez (2001) argumenta que o altruísmo é um tipo de comportamento moral, sendo que as três características apresentadas pelo autor também seriam aplicadas ao altruísmo.

No primeiro ponto, o altruísmo então necessitaria de algum nível de consciência. Visto que Peláez (2001) não apresentou uma definição do conceito, recorreu-se à definição skinneriana: “contingências práticas levam os indivíduos a apresentar, uns aos outros, perguntas que resultam na auto-observação que denominamos *consciência* [ênfase adicionada]; outras perguntas geram o comportamento de autogoverno a que damos o nome de *pensamento* [ênfase adicionada]” (Skinner, 1989/1995, p. 77). Machado (1997) também tratou desse tema, argumentando que a *consciência* é a “capacidade de descrever o que se está fazendo, de forma verbal, manifesta ou encoberta” (p. 101). Além disso, de acordo com a

autora, a consciência também tem relação com as regras, uma vez que “seguir regras é ser consciente, no sentido de que quem se comporta ‘sabe o que está fazendo’” (p. 101)¹⁶.

Já no segundo ponto, Peláez (2001) introduz a consequência como variável para definir o que é o altruísmo. Vale ressaltar que a ideia de não ter consequências benéficas diretas óbvias ou aparentes para quem se comporta não faz com que essa seja uma definição tradicional (i.e., a ausência de consequências para quem se comporta altruisticamente), uma vez que podem existir consequências não óbvias ou aparentes. O terceiro ponto complementa os dois anteriores, dizendo que esse tipo de comportamento é governado por regras (i.e., ênfase nas variáveis antecedentes). Articulando as análises, é possível conjecturar que existem consequências que não são diretas e óbvias que mantêm o comportamento de quem está se comportando de maneira altruísta.

Além disso, os artigos analisados também expuseram limitações à ocorrência do altruísmo, principalmente relacionadas ao contexto social. Goldstein, Minkin, Minkin e Baer (1978), por exemplo, apontaram que as estratégias de planejamento do altruísmo precisariam de incentivos institucionais, além de mudanças políticas e, até mesmo, de pensamento, uma vez que muito de nossas vidas está baseada no lucro, na venda, no comércio etc.

A pesquisa realizada por Bethlehem (1973) buscou explicações culturais para o altruísmo, bem como explicitou algumas possíveis contingências que poderiam influenciar esse tipo de comportamento. Em um primeiro momento, o autor afirmou que a sociedade zambiana promoveria práticas culturais altruístas, e que elas estariam fundamentadas em um *ethos* (i.e., um conjunto de hábitos e costumes dessa comunidade):

Há várias razões para esperar diferenças culturais no comportamento cooperativo.

Uma é que o *ethos* das sociedades tradicionais no sul e no centro da África é amplamente aceito para enfatizar a cooperação e desencorajar o comportamento

¹⁶ A relação entre regras e o altruísmo será explorada no subtópico “*situação antecedente*”, no contexto das variáveis ontogenéticas envolvidas no comportamento altruísta.

competitivo e explorador. A filosofia humanista da Zâmbia está muito preocupada em manter este *ethos*. (Bethlehem, 1973, p. 125)

O autor argumenta que as práticas culturais zambianas seriam diferentes daquelas mantidas por países ocidentais: “este *ethos* [da Zâmbia] está em contraste com a orientação competitiva da sociedade ocidental” (p. 126). Buscando averiguar se esse *ethos* aumentaria a probabilidade de crianças zambianas se comportarem altruisticamente em comparação com crianças brancas de origens ocidentais, Bethlehem (1973) distribuiu-as em diferentes grupos e utilizou o Dilema do Prisioneiro como método investigativo. Entretanto, o experimento não mostrou discrepância significativa entre escolhas altruístas e competitivas em nenhuma das situações propostas. O autor defendeu que esses dados são surpreendentes, visto que estudos anteriores indicavam que essa discrepância pudesse existir.

A explicação de Bethlehem (1973) destacou mudanças que as práticas culturais do país sofreram. A competição vem sendo mais presente para as crianças zambianas, uma vez que o ambiente escolar e de trabalho, por exemplo, são contextos que envolvem a competição. Além disso, o autor também argumentou que a ocidentalização da Zâmbia pode contribuir para os dados obtidos, pois as contingências competitivas promovidas por essa cultura já estão bastante difundidas no país. Por fim, o autor afirma: “a ausência de cooperação e altruísmo, o desejo de ganhar e também de acumular recompensas observadas nesses experimentos mostram que o espírito da ‘civilização’ ocidental . . . está entre as crianças urbanas da Zâmbia” (Bethlehem, 1973, p. 135). Sendo assim, o cenário social ocidental contemporâneo parece estar longe de promover práticas altruístas, uma vez que esse “espírito da civilização ocidental” parece caracterizar-se em práticas como o individualismo, que são cada vez mais fomentadas pela economia, indústria, mídia e meios de comunicação (Elliott, 2018).

Variáveis ontogenéticas.

Como explicitado anteriormente, o foco desta etapa é descrever as variáveis associadas à análise do comportamento altruísta. Tendo como base a noção de contingência exposta por Skinner (1953/1965, 1969/1980), e entendendo que esse conceito é fundamental na explicação comportamental, este subtópico explicitará as principais contribuições dos artigos analisados em termos de tríplice contingência. Segundo Todorov (1985),

uma contingência tríplice específica (1) uma situação presente ou antecedente que pode ser descrita em termos de estímulos chamados discriminativos pela função controladora que exercem sobre o comportamento; (2) algum comportamento do indivíduo, que se emitido na presença de tais estímulos discriminativos tem como consequência (3) alguma alteração no ambiente, que não ocorreria (a) se tal comportamento fosse emitido na ausência dos referidos estímulos discriminativos ou (b) se o comportamento não ocorresse. (p. 75)

Amparando-se nos artigos analisados, os autores argumentam que a análise do altruísmo precisa de outros aspectos além dos filogenéticos (i.e., incluindo também as variáveis ontogenéticas e culturais). Nas palavras de Rachlin e Locey (2011):

Os organismos podem aprender a ser altruístas sem uma tendência altruísta em si, nem com um senso inato de justiça. A tendência hereditária crucial necessária para a *aprendizagem* [ênfase adicionada] do altruísmo pode ser uma sensibilidade direta às consequências de padrões de ações temporalmente estendidas. (p. 28)

Dessa forma, a análise subsequente explorará as ações, as situações antecedentes, as consequências e as operações estabelecedoras que estão envolvidas no comportamento altruísta.

Ação.

Partindo da ação, os artigos analisados expuseram diversas topografias de ação do comportamento altruísta. As pesquisas que utilizaram os jogos econômicos como modelo experimental observaram, por exemplo, a ação de compartilhar recursos ou a doação de moedas para o outro jogador (e.g., Weiner, 1977). A ação de doação também foi a topografia analisada por outros estudos básicos. Grusec e Redler (1980) tiveram como foco a ação de uma criança doar parte dos lucros para outras crianças, e Parish (1977) examinou a doação de chocolate para outros colegas. As pesquisas experimentais observaram duas topografias diferentes: Goldstein, Minkin, Minkin e Baer (1978) tomaram o anúncio de objetos encontrados em uma Universidade como a ação altruísta; já para Watson (1996), a ação alvo foi a diminuição de pichações em banheiros.

Algumas outras topografias também foram exploradas por Rachlin e Locey (2011):

- Viajantes: cada um vai mais rápido se dirigir, mas se todos dirigirem, cada um vai mais devagar do que se todos pegassem ônibus;
- Soldados: cada um estará mais seguro se ele se virar e correr, mas se todos fizerem, mais serão mortos do que se nenhum deles o fizer;
- Pescadores: quando o mar é superexplorado, pode ser melhor para cada um se ele tentar pegar mais, pior para cada um se todos tentarem;
- Camponeses: quando a terra está superlotada, pode ser melhor para cada um se ele ou ela tiver mais filhos, pior para cada um se todos tiverem. (p. 26)

Outro exemplo abordado por Rachlin (2012) foi o de um jogador se doar para o time, jogando em função de um resultado coletivo maior, abrindo mão da individualidade (e.g., abrindo mão de fazer mais pontos ou da artilharia do campeonato) para a conquista de prêmios coletivos (e.g., o campeonato).

Peláez (2001) também averiguou topografias de ação do comportamento altruísta, e defendeu que o altruísmo não se dá somente na topografia de *simpatia*, mas pode ter uma topografia mais *agressiva*, tanto em situações em que é necessário atacar alguém para defender uma pessoa que não pode se defender sozinha quanto em contextos em que é necessário ter uma topografia agressiva com outra pessoa, impedindo que esse indivíduo seja ainda mais prejudicado se não houver essa atitude (e.g., no caso de comportamentos autolesivos). Segundo o autor, a ação altruísta pode chegar a níveis extremos. Em uma dada situação, a ação altruísta pode variar desde *dar a vida por uma causa ou pessoa*, até tirar a vida de alguém, como no caso da eutanásia. Nas palavras do autor:

Por exemplo, ela pode aparecer como agressão em direção a um atacante, como quando alguém luta para defender os direitos do outro. Ela também pode aparecer como comportamento agressivo em direção à vítima – como no caso da eutanásia. Outras vezes, a empatia pode desencadear a auto depreciação ou a retirada de uma dada situação, como quando a pessoa que está prestes a receber comida em uma prisão ou campo de concentração se abstém dela por causa de outra pessoa faminta ou doente (Peláez, 2001, p. 12)

O *custo de resposta* também foi um fator importante investigado e que está relacionado à ação altruísta. Goldstein, Minkin, Minkin e Baer (1978) mostraram que restrições estabelecidas e imposição de taxas poderiam ser fatores que diminuiriam a probabilidade de o comportamento altruísta ser emitido, pois aumentariam o custo de resposta. Buscando amparo na literatura analítico-comportamental, Soares, Costa, Aló, Luiz e Cunha (2017) expuseram três acepções de custo da resposta:

- (a) o aumento do esforço físico necessário para emissão de uma resposta; (b) mudanças nos parâmetros da contingência programada que envolvem aumento da exigência para que o reforço seja liberado, como, por exemplo, o aumento na razão de

um programa de reforço; e (c) a perda de reforçadores (como pontos ou fichas) contingente à resposta operante. (p. 260)

Explorando essa definição, a redução do custo de resposta poderia ser útil para o favorecimento de comportamentos altruístas. Na pesquisa de Goldstein, Minkin, Minkin e Baer (1978), o custo de resposta parece estar relacionado à perda de reforçadores arbitrários para quem se comporta altruisticamente (i.e., o pagamento da taxa). Nos exemplos desenvolvidos por Rachlin e Locey (2011), os viajantes teriam um maior custo se viajassem de ônibus, pois chegariam mais vagorosamente (i.e., perderiam reforçadores, pois teriam menos tempo); também teriam que se deslocar até a rodoviária, ao invés de sair da própria casa (i.e., aumento do esforço físico necessário).

Ainda assim, mesmo que a redução do custo de resposta possa aumentar a probabilidade de o comportamento altruísta ser emitido, o custo ainda existiria em algum nível. Além disso, comportamentos altruístas que são emitidos com um alto custo de resposta poderiam ser considerados *mais altruístas*, seguindo a definição de Weiner (1977). Contudo, independentemente da topografia que o altruísmo possa ter, esse comportamento só pode ser assim definido dependendo da função que ele apresenta, e essa função é estabelecida na relação entre a ação e as situações antecedentes e consequentes.

Situação antecedente.

Das diversas situações manipuladas pelas pesquisas analisadas, a regra foi a que teve maior destaque. Watson (1996) manipulou a explicitação de uma regra e a interferência dessa exposição no comportamento altruísta. De acordo com o autor, a explicitação de *contingências altruístas* afeta diretamente o comportamento em questão:

Uma das principais diferenças entre a mensagem deste estudo e as mensagens de estudos anteriores foi que o sinal não especificava uma consequência punitiva, um

aviso ou uma consequência reforçadora direta para o leitor em relação ao cumprimento da mensagem. De fato, o sinal é especificamente uma *contingência altruísta* [ênfase adicionada] (i.e., o dinheiro será doado à United Way para cada dia em que a parede permanecer sem pichações). (p. 123)

Nessa pesquisa, a regra “se o banheiro não for pichado, dinheiro será doado para uma instituição de caridade” era a situação antecedente, que foi considerada uma *contingência altruísta* na medida em que evidenciava as consequências benéficas apenas para outrem, e não para quem iria pichar o banheiro. Indo além, as discussões acerca das regras e o comportamento altruísta não se mantiveram apenas em regras explicitadas por outras pessoas, mas também levaram em conta as próprias autorregras:

O comportamento governado por regras pode ser capaz de explicar as condições sob as quais os indivíduos se voluntariam quando nenhuma contingência de ação direta é aparente. Por exemplo, um indivíduo pode gerar a regra implícita: “se eu me voluntariar, *sou uma boa pessoa* [ênfase adicionada]”. (Brayko, Houmanfar, & Ghezzi, 2016, p. 87)

O conceito de *autorregra* também foi abordado como *autoimagem*, sendo ela uma descrição verbal a respeito do próprio comportamento e do próprio corpo, podendo ser entendida como parte das contingências verbais que contribuem para que uma pessoa se sinta e se perceba ajudando o próximo. A autoimagem pode ter uma relação direta com a consciência, que está relacionada com a auto-observação gerada pelas perguntas da comunidade verbal em que um indivíduo está inserido (Skinner, 1989/1995). Segundo De Rose (1982),

consciência aqui é entendida como a capacidade de relatar para os outros ou para si próprio o que ocorreu. . . . A consciência aí pode envolver a capacidade de relatar a

própria ação ou os sentimentos que a antecedem e, num nível bem mais elaborado e mais difícil de atingir, o dar-se conta das razões do próprio comportamento. (p. 80)

Em uma comunidade verbal que favorece o relato verbal do comportamento, espera-se que os indivíduos tenham consciência, descrevendo não somente o comportamento dos outros, mas também o próprio. Quando essa descrição do próprio comportamento envolve a forma como um indivíduo se percebe, ela pode ser entendida como a *autoimagem*. Essa imagem altruísta de si mesmo seria uma autorregra na medida em que descreveria “se eu sou altruísta, então devo me comportar como tal”, e essa autorregra é reforçada quando esse indivíduo é classificado de *altruísta, benevolente, bondoso* etc.

Essa autoimagem foi tratada, então, pelos artigos, como a situação antecedente de ações altruístas: uma “autoimagem benevolente”, “altruísta”, “bondosa” etc., seria estímulo para a emissão de comportamentos altruístas. Nas palavras de Rachlin e Locey (2011),

uma segunda razão que as pessoas podem dar para escolher Y é simplesmente que escolher Y é altruísta (ou bom ou generoso ou de espírito público) e *elas se veem como pessoas altruístas* [ênfase adicionada] (ou boas ou generosas ou de espírito público). A escolha de X não se ajustaria à sua *autoimagem* [ênfase adicionada] e faria com que se sentissem mal consigo mesmas. (p. 26)

De forma geral, tendo em vista as informações levantadas por meio dos textos, nota-se que o comportamento altruísta é mais frequente quando regras são parte das contingências. Essa afirmação não exclui a possibilidade de que o altruísmo seja modelado e mantido por contingências. Todavia, os textos analisados apresentaram esse comportamento com um foco nas regras que o governam, principalmente focando nas autorregras e autoimagem.

Consequências.

Tendo em vista que a relação entre ação e consequência é essencial para caracterizar a função do comportamento, este subtópico buscou evidenciar essa relação. O campo das consequências para quem se comporta altruisticamente foi o que teve mais discordâncias entre os artigos analisados: alguns defenderam a necessidade de eventos aversivos para quem se comporta, tratando o altruísmo em termos de reforçadores negativos (e.g., Goldstein, Minkin, Minkin, & Baer, 1978); outros não mencionaram os eventos aversivos e explicitam as consequências reforçadoras positivas (Brayko, Housmanfar, & Ghezzi, 2016; Chater, Vlaev, & Grinberg, 2008; Grusec & Redler, 1980; Rachlin, 2012; Weiner, 1977); alguns artigos trouxeram ambas as possibilidades (e.g., Peláez, 2001; Zin, Escobal, Esteves, & Goyos, 2015).

Ainda que a possibilidade de o altruísmo ser mantido por reforçamento negativo não tenha sido muito explorada nos artigos analisados, Goldstein, Minkin, Minkin e Baer (1978) enunciaram que “o altruísmo pode estar baseado simplesmente na remoção da punição” (p. 466). Nesse contexto, o altruísmo poderia ser classificado como fuga ou esquivas, e teria como subproduto o alívio (e.g., situações que envolvem rejeição, remoção de privilégios, desaprovação e repressão) (Peláez, 2001). Contudo, a maior parte dos artigos expôs consequências reforçadoras positivas para o comportamento altruísta. Peláez (2001) explorou a possibilidade de reforçadores positivos *arbitrários* manterem o altruísmo: “essas respostas são modeladas e mantidas por reforços sociais positivos diretos (e.g., aprovação, aceitação, elogio, afeto)” (p. 12).

Chater, Vlaev e Grinberg (2008) exploraram diversas possibilidades de reforçamento positivo envolvidas no comportamento altruísta:

Muito altruísmo aparente pode ser explicado pela observação da existência de benefícios ocultos. Por exemplo, pode haver vantagens reprodutivas para a

cooperação, se estivermos interagindo com parentes (Hamilton, 1964); pode haver benefícios ocultos a longo prazo, se nossa gentileza puder um dia ser retribuída (Axelrod, 1984; Axelrod & Hamilton, 1981; Nowak & Sigmund, 1989); podemos ser influenciados pela aprovação social, se estamos sendo observados pelos pares (Satow, 1975; Wedekind & Braithwaite, 2002) e influenciados por fatores situacionais sociais, como o número de espectadores (Latane & Darley, 1969). (p. 403)

Ainda assim, nem todos os artigos defenderam a imediaticidade ou o caráter conspícuo dessas consequências. A ausência de consequências reforçadoras positivas imediatas não quer dizer que essas consequências não existam ou não tenham existido. Nas palavras de Weiner (1977):

A constatação de que o responder que fornece reforço a outros pode ser mantido sem reforço adicional a quem responde não é suficiente para concluir que o doar é totalmente não relacionado ao receber. Eventos históricos poderiam manter o doar sem o receber por longos períodos de tempo. Histórias de reforçamento comumente induzem respostas humanas estendidas na ausência de reforço durante a extinção. (p. 523)

Além disso, as consequências reforçadoras podem não ser claras para um observador externo, mas isso também não significa argumentar que elas não estão presentes: “comportamentos paradoxais incluem aqueles como auto sacrifício, martírio e altruísmo, onde *parece não existir contingências óbvias e diretas* [ênfase adicionada] controlando o comportamento moral. Na verdade, as consequências são bastante óbvias para quem se comporta” (Peláez, 2001, p. 9).

Outro aspecto importante relacionado às consequências do altruísmo está no foco do que está sendo reforçado. Grusec e Redler (1980) realizaram uma pesquisa que analisou dois tipos diferentes de reforçamento: para um grupo, o reforçamento foi a atribuição de caráter

(e.g., “você é uma *boa pessoa*”, “você é *gentil*”); para o outro grupo, foram utilizados reforçadores sociais generalizados (e.g., “parabéns”), sendo que esses reforçadores eram ministrados, para os dois grupos, contingentes à doação de materiais escolares para outras crianças; e um terceiro grupo controle, no qual as ações altruístas não foram reforçadas. O procedimento realizado buscou averiguar qual dos tipos de reforçamento seria mais efetivo em termos de manutenção e generalização do comportamento altruísta. Por meio dos resultados obtidos, os autores concluíram que o reforçamento da pessoa como um todo (i.e., atribuição de caráter) seria mais efetivo, pois promoveria a criação de uma “*autoimagem positiva*”, que serviria como uma situação antecedente para ações altruístas: “os efeitos do reforço social são específicos da situação em que o reforço é usado, enquanto as *atribuições de caráter* [ênfase adicionada] têm efeitos não apenas específicos, mas também generalizados” (Grusec & Redler, 1980, p. 529).

Esse dado parece ser condizente com outras produções analítico-comportamentais. De acordo com Guilhardi (2002), o reforçamento positivo social que destaca quem se comporta como um todo, e não salienta apenas uma ação específica, é mais efetivo no estabelecimento de autoestima: “. . . algumas frases destacam a pessoa que emitiu o comportamento. É esse tipo de comunicação que melhor desenvolve a autoestima, uma vez que *dá destaque à pessoa e não ao comportamento*” (Guilhardi, 2002, p. 52), entendendo que “a autoestima é o produto de contingências de reforçamento positivo de origem social” (p. 52). Assim como na autoestima, salientar características da pessoa que se comporta de maneira altruísta pode ser importante para a construção de uma “*autoimagem altruísta*”. Como argumentado anteriormente, essa autoimagem pode ser uma variável importante para o aumento da probabilidade de emissão de comportamentos altruístas.

Operações estabelecadoras.

Uma variável de análise importante que afeta o comportamento altruísta são as operações estabelecadoras. Peláez (2001) afirma que muitas vezes o comportamento altruísta parece não ter consequências óbvias e aparentes para ser emitido. Entretanto, uma operação estabelecadora pode estar alterando a probabilidade da emissão desse comportamento, mesmo que as contingências não sejam óbvias para outro observador. Além disso, o autor também afirma que a empatia pode ser uma das operações estabelecadoras¹⁷ envolvidas na emissão de comportamentos altruístas:

Uma questão básica emerge: o que mantém comportamentos chamados de “auto sacrifício” ou “altruísmo” onde não existem contingências diretas óbvias para quem se comporta que pareçam estar controlando esse tipo de comportamento? A *empatia* [ênfase adicionada] é discutida como uma operação estabelecadora derivada de histórias de controle aversivo e determinada tanto biologicamente quanto contextualmente. (Peláez, 2001, p. 8)

O autor argumenta em favor de a empatia ser considerada uma operação estabelecadora:

Do ponto de vista analítico-comportamental, a empatia pode funcionar como um evento do ambiente ou operação estabelecadora. Refere-se a uma resposta emocional indireta sinalizada por dicas ou respostas emocionais de outra pessoa. Portanto, apresentar um comportamento altruísta, um comportamento de auto sacrifício, ou ajudar na presença do sofrimento de outra pessoa, muitas vezes é *facilitado pela empatia* [ênfase adicionada] funcionando como uma operação estabelecadora. (Peláez, 2001, p. 12)

¹⁷ Vale destacar que entender a empatia como *operações estabelecadoras* não esgota sua acepção, mesmo na Análise do Comportamento, pois empatia já foi definida na área de outras maneiras, como comportamentos a ser ensinados (Vettorazzi et al., 2005) ou como habilidades sociais (Del Prette & Del Prette, 2011, 2017).

A empatia seria fundamental nesses casos, tanto para o *alívio de sentimentos ruins* quanto para o reforço em casos de *sensações boas* para quem se comporta, além de “ter várias funções para a motivação e o comportamento humano: pode fornecer a base para o cuidado da prole, a fidelidade conjugal, a coesão grupal e a conformidade moral, bem como para os comportamentos de ajuda, partilha, cooperação e altruísmo” (Peláez, 2001, p. 13).

Buscando amparo na literatura analítico-comportamental, Miguel (2000) afirma que “o conceito de operação estabelecadora, como instrumento conceitual, parece contribuir para uma análise mais minuciosa das variáveis das quais o comportamento é função” (p. 263) e Laraway, Snyckerski, Michael e Poling (2003) expuseram que os analistas do comportamento vêm defendendo as *operações estabelecadoras* como eventos que podem influenciar os *efeitos das consequências* envolvidas no comportamento operante, sendo que esse conceito pode ser entendido também como *motivação*. Haydu (2004) definiu o conceito:

Operações estabelecadoras são consideradas como operações motivacionais, definidas como sendo eventos ambientais, operações, ou condições de estímulos que possuem duas propriedades combinadas: a) afetam um organismo pela *alteração momentânea na efetividade reforçadora ou punitiva de um outro evento* [ênfase adicionada] e b) *altera momentaneamente a força daquelas partes do repertório do organismo que foram reforçadas ou punidas por esses eventos* [ênfase adicionada]. A primeira é considerada como sendo uma propriedade alteradora de repertório (ou estabelecadora), por modificar o valor de um reforço ou de um estímulo punitivo. . . . A segunda é a propriedade evocativa que também tem implicação bidirecional, pois ela pode ter efeitos na direção oposta, suprimindo comportamentos. (p. 59)

Retomando a descrição de Peláez (2001), a empatia como operação estabelecadora precisaria cumprir, então, esses dois aspectos supracitados. O primeiro ponto foi levantado pelo autor: “por exemplo, sentir empatia, que funciona como sentir fome ou sentir sede, ou

sentir-se emotivo, pode aumentar o valor dos reforços associados ao comportamento” (p. 12). Diante disso, tanto o valor dos reforçadores negativos quanto dos positivos seria aumentado por meio da empatia – a própria condição aversiva de outro indivíduo seria aversiva, aumentando o valor do reforçamento negativo e caracterizando o altruísmo como fuga/esquiva; e também a mudança nessa condição do outro, por meio do comportamento altruísta, se tornaria mais reforçadora. O segundo ponto teria relação com essa alteração na efetividade dessas consequências. A empatia aumentaria também a probabilidade de um indivíduo se comportar altruisticamente (i.e., aumentaria a força de parte do repertório do indivíduo, nesse caso, o repertório altruísta).

Comportamento molar: o altruísmo como um padrão comportamental.

Como foi abordado nas *análises bibliométricas*, Howard Rachlin foi o pesquisador mais citado pelos artigos analisados para defender a possibilidade de estudo do altruísmo pela Análise do Comportamento. De maneira geral, o altruísmo é entendido pelo autor como um comportamento *autocontrolado*: “toda ação altruísta deriva do autocontrole” (Rachlin & Locey, 2011, p. 29), sendo que,

o autocontrole ocorre quando um organismo se depara com uma situação de escolha entre alternativas onde *um reforço de menor magnitude é oferecido imediatamente* [ênfase adicionada] disponível após a resposta comportamental, enquanto a outra alternativa oferece *um reforço de maior magnitude, com um atraso na obtenção do mesmo* [ênfase adicionada]. (Zin, Escobal, Esteves, & Goyos, 2015, p. 66)

A aproximação que H. Rachlin estabelece entre autocontrole e altruísmo é importante para esta discussão em dois sentidos: primeiro, o autocontrole é um tema bastante investigado na Análise do Comportamento, tendo bases sólidas de estudo e a comunidade analítico-comportamental aceita que é possível estudá-lo cientificamente (Ballard & Glynn, 1975;

Glynn, Thomas, & Shee, 1973; Ninness, Fuerst, Rutherford, & Glenn, 1991); em segundo lugar, essa definição busca uma solução para a questão do reforçamento do comportamento altruísta.

Do ponto de vista comportamental, a dificuldade de explicar o comportamento altruísta não é intrinsecamente maior (ou menor) do que a dificuldade em explicar o autocontrole nas instâncias da vida cotidiana de ambivalência complexa. Não é contraditório para um behaviorista dizer que o altruísmo é reforçado desde que o reforçador seja entendido como atuando não apenas naquela ação, mas no padrão do qual a ação faz parte. (Rachlin & Locey, 2011, p. 32)

Definir o altruísmo como um comportamento autocontrolado é defender que ele pode ser mantido por reforçamento. Apesar disso, os reforçadores envolvidos nesse comportamento têm uma particularidade: eles não são *contíguos* às ações altruístas. O altruísmo teria, então, reforçadores mantendo-o, mas as consequências imediatas não seriam necessariamente reforçadoras. Segundo Zin, Escobal, Esteves e Goyos (2015), “o altruísmo é um comportamento autocontrolado na medida em que as consequências imediatas são aversivas a um dos agentes da interação (aquele que emite o comportamento altruísta), enquanto as consequências tardias são vantajosas para esse mesmo agente” (p. 66).

A defesa do altruísmo como um comportamento autocontrolado vem acompanhada pela ideia de que o altruísmo é um *padrão comportamental*, entendido de uma perspectiva *molar* como um conjunto de diversos comportamentos. Como tal, esse padrão precisa ser modelado: “em muitas situações humanas de autocontrole e cooperação social, padrões de grande complexidade e longa duração, precisam ser construídos” (Locey & Rachlin, 2013, p. 258).

Buscando mostrar como um padrão complexo de comportamento pode ser modelado por meio de ações isoladas, Locey e Rachlin (2013) defenderam que “os padrões de ações

podem ser reforçados em situações nas quais os atos individuais que compõem o padrão não são reforçados diferencialmente” (p. 246). Os autores argumentam que esses padrões não são a simples somatória de vários comportamentos, e eles só podem ser entendidos se forem analisados ao longo do tempo, tanto com os reforçadores imediatos quanto com os reforçadores prolongados que mantêm esses padrões:

Por exemplo, a longa sequência de recusas de bebida por um alcoólatra pode ser reforçada (por aumentos na saúde, aceitação social e eficácia no trabalho), embora cada recusa individual não seja reforçada – seja de maneira imediata ou postergada. (Locey & Rachlin, 2013, p. 259)

Além disso, a proposta molar de comportamento entende que as consequências reforçadoras distendidas no tempo são diferentes daquelas consequências imediatas: há uma mudança qualitativa. Nessa concepção, a consequência não pode ser entendida simplesmente como sendo vários eventos somados ao longo do tempo. Existe uma mudança de magnitude que só é possível ser obtida pelo padrão comportamental, e não por uma simples ação isolada:

O todo é maior que a soma de suas partes; que combinações de coisas podem ser melhores que a soma de seus componentes. Para usar um exemplo de Gestalt, uma melodia não é a soma de uma série de notas. O padrão das notas é o que conta. A melodia é a mesma e pode ter seu valor emergente em uma tecla e outra com um conjunto de notas totalmente diferente. Um jogador de basquete pode sacrificar seu próprio total de pontos por causa da equipe. Tudo o mais sendo igual, uma equipe que jogue como uma unidade vencerá aquela em que cada jogador individual focar exclusivamente em seu próprio total de pontos. (Rachlin, 2012, pp. 12-13)

Um exemplo desse tipo de consequência pode ser a “autoimagem altruísta” explicitada anteriormente, uma vez que são necessários diversos comportamentos benevolentes, em situações diferentes, e distendidos no tempo para que a concepção que um organismo tem

sobre si mesmo se mantenha. Além disso, algumas recompensas vinculadas à religião também poderiam ser explicadas dessa maneira, como, por exemplo, a santificação de um indivíduo ou a promessa da “vida eterna no reino do céu”. Essas recompensas só podem ser obtidas por um padrão de comportamento que se mantém ao longo de toda a vida do indivíduo – ainda que alguns desvios possam ser aceitos¹⁸.

A compreensão do altruísmo como um padrão molar de comportamento implica, então, na possibilidade de estudar o altruísmo como um comportamento sem consequências imediatas reforçadoras para quem se comporta. Ainda haveria consequências mantendo o comportamento altruísta, mas essas consequências estariam estendidas no tempo e reforçariam o padrão altruísta como um todo, e não apenas atos esporádicos: “não é contraditório para um comportamentalista dizer que a ação altruísta é reforçada, desde que o reforçador seja entendido como afetando não apenas aquela ação, mas o padrão do qual o comportamento altruísta faz parte” (Locey & Rachlin, 2013, p. 259).

Um tema que também pode ser discutido pela perspectiva molar de comportamento é o *altruísmo desinteressado*. Ainda que os textos analisados não tenham tratado dessa discussão, é possível se fazer uma análise nessa perspectiva molar. Retomando a proposta, o *altruísmo desinteressado* seria um comportamento com consequências *futuras*, tanto para a cultura quanto para outrem, mas sem reforçadores para o próprio indivíduo que se comporta altruisticamente (Melo, 2004). Em última instância, é possível fazer uma leitura de que essa proposta de altruísmo desinteressado radicaliza a ideia de comportamento molar, argumentando que as consequências não estão distendidas apenas no tempo de vida de um indivíduo, mas ultrapassariam a própria ontogênese, afetando a cultura e os outros indivíduos do futuro.

¹⁸ A defesa de um padrão comportamental não implica na ausência de comportamentos que sejam até mesmo incoerentes com o padrão.

Caracterização dos componentes do comportamento altruísta.

Fundamentado na análise descritiva exposta, este tópico tem como objetivo sistematizar os principais aspectos do altruísmo abordados até aqui, apresentando uma definição operacional do comportamento altruísta. De acordo com os textos, o altruísmo pode ser entendido como uma classe de comportamentos, com topografias variadas, desde as mais passivas como: a conservação de lugares públicos (e.g., não pichação), a doação de moedas e chocolate, a divisão de lucros, a devolução de objetos encontrados; até topografias mais agressivas (e.g., eutanásia); e que tenham algum custo para quem se comporta. Esse comportamento acontece em situações antecedentes que envolvem regras, autorregras e autoimagem. O altruísmo também é caracterizado e mantido por consequências imediatas: reforçadores arbitrários (e.g., elogio, reconhecimento), ou pela remoção de punição (i.e., fuga e esquiva); e consequências reforçadoras positivas atrasadas, que caracterizariam o altruísmo como um padrão comportamental molar e autocontrolado. Além disso, essa relação de contingência pode ser influenciada por operações estabelecedoras como a empatia. É possível definir que as ações altruístas são quaisquer ações que sejam, em algum grau, custosas para o indivíduo que se comporta e que produzam benefícios ao(s) outro(s).

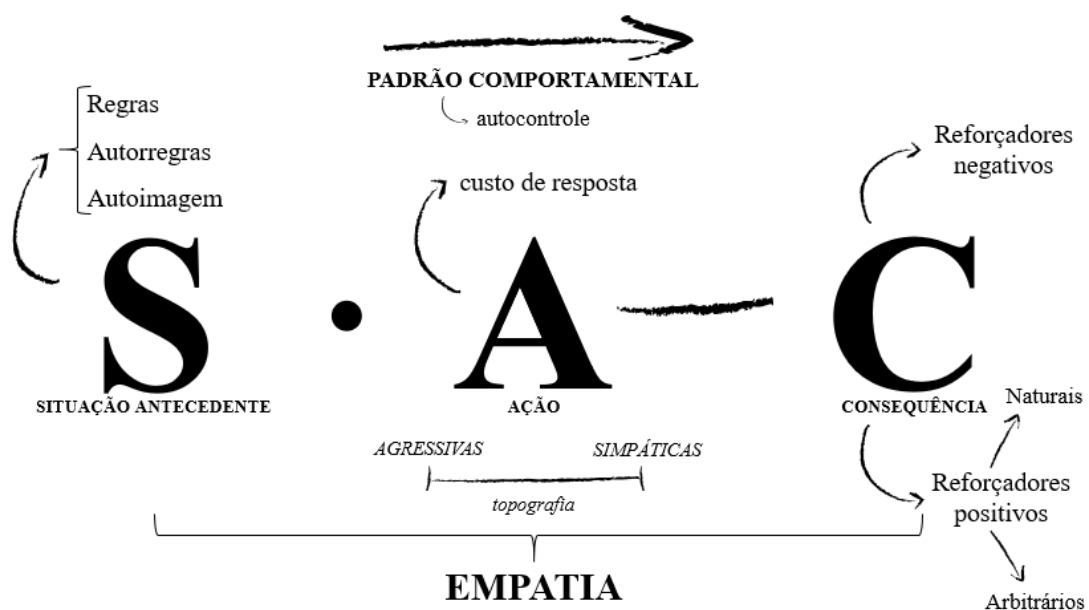


Figura 4. Componentes do comportamento altruísta

Considerações Finais

Este trabalho buscou argumentar que é possível examinar o altruísmo em Análise do Comportamento. A análise dos artigos selecionados mostrou formas distintas de compreender e investigar o fenômeno, sendo que a pesquisa básica se destacou como estratégia investigativa, sendo seguida por pesquisas teóricas e, por fim, as aplicadas. Nesse âmbito, outro dado relevante foi que a produção analítico-comportamental acerca do tema aumentou a partir dos anos 2001. Essas publicações foram veiculadas em revistas de alto prestígio na área, indicando que, além dessa discussão ter ressonâncias contemporâneas, esse debate está sendo feito em periódicos com um alto impacto na comunidade de Análise do Comportamento.

Dentre as possibilidades de investigação do altruísmo, constatou-se que os jogos econômicos são uma forma promissora de estudo desse fenômeno. O Dilema do Prisioneiro e o Jogo da Partilha foram os métodos investigativos mais utilizados, sendo que o último parece ser mais favorável ao estudo do tema, pois tem como foco principal o altruísmo. Segundo Escobal, Zin, Esteves e Goyos (2018), essa forma de estudo do altruísmo é importante levando em conta que: “o modelo experimental do Jogo da Partilha contribui para a análise de problemas sociais relacionados aos comportamentos de generosidade, altruísmo, solidariedade e outros, ou mais especificamente, da falta deles. . . . e está no cerne de questões sociais importantes” (p. 153).

Além dos modelos experimentais mais utilizados, verificou-se que os textos discutiram questões filogenéticas e culturais que podem influenciar o altruísmo: os aspectos filogenéticos explicitados foram relativos às tendências altruístas selecionadas ao longo da evolução das espécies; já o comportamento verbal foi apresentado como a principal variável cultural envolvida nesse comportamento. Ainda assim, o maior foco de análise foram as variáveis ontogenéticas. As topografias do comportamento altruísta foram variadas, desde as mais passivas (e.g., doação de moedas e chocolate, compartilhamento de recursos e devolução

de pertences) até mesmo topografias mais agressivas (e.g., eutanásia). No entanto, esse comportamento só pode ser assim definido com base em sua função. Tendo isso em vista, as principais situações antecedentes descritas pelos artigos analisados foram as regras e autorregras que envolvem a explicitação das consequências benéficas para outrem que são fruto do comportamento altruísta, assim como a “autoimagem altruísta”, que pode aumentar a probabilidade da emissão desse comportamento.

Já as consequências foram o maior campo de discordância. Alguns autores expuseram contingências aversivas relacionadas ao altruísmo, incluindo consequências reforçadoras negativas que poderiam manter esse tipo de comportamento (e.g., fuga/esquiva do julgamento da comunidade verbal, sentimentos ruins). Outros autores focaram na possibilidade de o comportamento altruísta ser mantido por reforçadores arbitrários positivos (e.g., gratificação, elogio, reconhecimento social). Nas palavras de Weiner (1977): “nada na teoria do reforço está em desacordo com a ocorrência de respostas altruístas” (p. 515).

Nesse aspecto, a defesa de um estudo comportamental do altruísmo se embasou na proposta de Howard Rachlin. A definição de altruísmo como um padrão de comportamento molar do autor foi utilizada pela maioria dos textos. Essa concepção entende que o altruísmo é um comportamento autocontrolado, no qual as consequências imediatas são aversivas, mas as consequências atrasadas são reforçadoras positivas. A compatibilidade entre altruísmo e reforçamento ficaria, então, resguardada, uma vez que as consequências reforçadoras nesse caso não seriam imediatas¹⁹.

Além disso, a concepção de altruísmo explicitada nesta pesquisa também diferiu da definição de cooperação. A cooperação, de um lado, é definida por uma relação na qual ambos os indivíduos têm vantagens, ainda que esses benefícios possam ser desiguais para

¹⁹ A defesa de que possam existir reforçadores mantendo o comportamento altruísta não recairia, necessariamente, no argumento de que há benefícios para quem se comporta altruísticamente, uma vez que esses dois termos não são sinônimos. O reforço se caracteriza pelo fortalecimento do comportamento reforçado (Skinner, 1974/1976): “quando um comportamento tem o tipo de consequência chamada reforço, é *mais provável* [ênfase adicionada] dele ocorrer novamente” (p. 51).

cada um. O altruísmo, por outro lado, se caracteriza por uma relação na qual quem se comporta tem algum tipo de prejuízo, enquanto outra pessoa será ajudada. O prejuízo foi tratado pelos textos analisados por uma perspectiva filogenética, considerando a diminuição da aptidão (i.e., reduzindo a capacidade de sobrevivência do organismo); e de um ponto de vista ontogenético, no qual duas acepções foram constatadas: (i) prejuízo no sentido de perder algo que *o indivíduo já tinha*; (ii) prejuízo como redução de ganhos – perder algo *que o indivíduo poderia ter*.

É nessa perspectiva que o estudo do altruísmo se justifica. Tendo em vista a desigualdade social contemporânea, a cooperação parece não ser suficiente para a resolução dos problemas sociais. O comportamento altruísta pode ser um caminho para o equilíbrio dessas relações: se os indivíduos que têm mais recursos agirem altruisticamente em relação aos que são menos abastados, as desigualdades sociais poderiam se estreitar. Como alguns estudos expuseram, a promoção de práticas altruístas necessitaria do fomento de agências de controle para que tenham um maior impacto social. Ainda assim, as pesquisas aplicadas analisadas mostraram que é possível promover relações altruístas.

O estudo do altruísmo seria importante para que práticas que envolvam esse comportamento sejam estabelecidas. A Análise do Comportamento, como uma ciência que busca a modificação comportamental, pode contribuir para essa mudança na medida em que estuda esse fenômeno e explicita formas efetivas de promoção e manutenção desse comportamento. Assim, campanhas de doação de sangue, medula e órgãos poderiam ser estabelecidas com um maior grau de adesão; comportamentos pró-ambientais, como, por exemplo, a reciclagem, a economia de água, o cuidado com a poluição etc., poderiam ser promovidos por meio do estabelecimento de práticas altruístas.

Além disso, discussões interdisciplinares que levem em conta tanto os aspectos biológicos do altruísmo quanto os aspectos sociais podem favorecer a construção de um

conhecimento mais fundamentado acerca desse tema. Nesse sentido, esta pesquisa buscou explicitar algumas possíveis interfaces entre explicações biológicas e a visão analítico-comportamental, bem como de variáveis culturais envolvidas no altruísmo. Esta pesquisa também pode servir de fomento tanto para novas pesquisas básicas, teóricas e aplicadas, mas também para projetos de intervenção cultural.

Contudo, este estudo não teve como foco a análise dos métodos utilizados pelos artigos. Assim, novas pesquisas bibliográficas (e.g., revisões sistemáticas) que tenham como objetivo principal analisar os métodos das pesquisas relacionadas ao altruísmo poderiam contribuir para uma melhor compreensão de como este fenômeno está sendo investigado na Análise do Comportamento. Ademais, revisões sistemáticas que incluam teses e dissertações também poderiam contribuir para a discussão. Outras pesquisas também poderiam ser realizadas como, por exemplo, análises de políticas públicas com base nos parâmetros supracitados; e explorar variáveis como: (i) o custo de resposta, (ii) os tipos de reforçadores sociais envolvidos no altruísmo (e.g., elogios, “atribuições de caráter”), (iii) o comportamento verbal (e.g., as regras envolvidas no comportamento altruísta e a valoração do altruísmo como um comportamento “bom”).

Referências

- Abbagnano, N. (2007). *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1971).
- Abib, J. A. D. (2001). Teoria moral de Skinner e desenvolvimento humano. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1), 107-117. doi:10.1590/S0102-79722001000100009
- Abib, J. A. D. (2004). O que é comportamentalismo? In M. Z. S. Brandão, F. C. S. Conte, F. S. Brandão, U. K. Ingberman, V. L. M. da Silva & S. M. Oliani (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição* (pp. 52-61). Santo André: ESETec.
- Abib, J. A. D. (2016). Cenário de uma revolução psicológica. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 18(número especial), 27-39. doi:10.31505/rbtcc.v18i0.842
- Alcock, J. (2011). *Comportamento animal: Uma abordagem evolutiva*. Rio de Janeiro: Artmed. (Original publicado em 2009).
- Andery, M. A. P. A. (2011). Comportamento e cultura na perspectiva da Análise do Comportamento. *Revista Perspectivas em Análise do Comportamento*, 2(2), 203-217. doi:10.18761/perspectivas.v2i2.69
- Andery, M. A. P. A., Micheletto, N., & Sérgio, T. M. A. P. (2004). Publicações de B. F. Skinner: De 1930 a 2004. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 6(1), 93-134. doi:10.31505/rbtcc.v6i1.69
- Andreoni, J., Rao, J. M., & Trachtman, H. (2017). Avoiding the ask: A field experiment on altruism, empathy, and charitable giving. *Journal of Political Economy*, 125(3), 625-653. doi:10.1086/691703
- Baker, F., & Rachlin, H. (2002). Teaching and learning in a probabilistic prisoner's dilemma. *Behavioural Processes*, 57(2-3), 211-226. doi:10.1016/S0376-6357(02)00015-3

- Ballard, K. D., & Glynn, T. (1975). Behavioral self-management in story writing with elementary school children. *Journal of applied behavior analysis*, 8(4), 387–398. doi:10.1901/jaba.1975.8-387
- Baravalle, L. (2014). As muitas faces do altruísmo: Pressões seletivas e grupos humanos. *Scientiae Studia*, 12(1), 97-120. doi:10.1590/S1678-31662014000100005
- Barbosa, P. S. C. (2013). *A liberdade natural e política em Rousseau* (Dissertação de mestrado), Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil.
- Baum, W. M. (2006). Teoria da evolução e reforço. In W. M. Baum, *Compreender o behaviorismo: Comportamento, cultura e evolução* (pp. 73-95). Porto Alegre: Artmed.
- Benvenuti, M. (2018). Apresentação. In G. Escobal, P. B. Faleiros & A. L. Ferreira (Orgs.), *Análise do comportamento e teoria dos jogos* (pp. 15-21). São Paulo: Edicon.
- Bethlehem, D. W. (1973). Cooperation, competition and altruism among schoolchildren in Zambia. *International Journal of Psychology*, 8(2), 125-135. doi:10.1080/00207597308247069
- Bickel, W. K., Jarmolowicz, D. P., Mueller, E. T., Franck, C. T., Carrin, C., & Gatchalian, K. M. (2012). Altruism in time: Social temporal discounting differentiates smokers from problem drinkers. *Psychopharmacology*, 224(1), 109-120. doi:10.1007/s00213-012-2745-6
- Bobbio, N., Matteucci, N., & Pasquino, G. (1998). *Dicionário de política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. (Original publicado em 1983).
- Brayko, C. A., Housmanfar, R. A., & Ghezzi, E. L. (2016). Organized cooperation: A behavioral perspective on volunteerism. *Behavior and Social Issues*, 25, 77-98. doi:10.5210/bsi.v25i0.6739
- Capes. (2018). *Plataforma Sucupira*. Recuperado de <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>

- Carvalho Neto, M. B. (2002). Análise do comportamento: Behaviorismo radical, análise experimental do comportamento e análise aplicada do comportamento. *Interação em Psicologia*, 6(1), 13-18. doi:10.5380/psi.v6i1.3188
- Chater, N., Vlaev, I., & Grinberg, M. (2008). A new consequence of Simpson's paradox: Stable cooperation in one-shot prisoner's dilemma from populations of individualistic learners. *Journal of Experimental Psychology: General*, 137(3), 403-421. doi:10.1037/0096-3445.137.3.403
- Chiappin, J. R. N., & Leister, C. (2010). O contratualismo como método: Política, direito e neocontratualismo. *Revista de Sociologia e Política*, 18(35), 9-26. doi:10.1590/S0104-44782010000100002
- Chiesa, M. (1994). *Radical behaviorism: The philosophy and the science*. Boston: Authors Cooperative.
- Cialdini, R. B., Baumann, D. J., & Kenrick, D. T. (1981). Insights from sadness: A three-step model of the development of altruism as hedonism. *Developmental Review*, 1(3), 207-223. doi:10.1016/0273-2297(81)90018-6
- Comte, A. (1988). *Catecismo positivista*. São Paulo: Nova Cultural. (Original publicado em 1852).
- Costa, D. C. (2009). *Dilema do Prisioneiro: Efeitos das consequências individuais e culturais* (Dissertação de mestrado), Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil.
- Costa, J. G. (2015). *A natureza enquanto cooperação: O lugar de Kropotkin na biologia evolutiva* (Trabalho de conclusão de curso – graduação), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.
- De Rose, J. C. (1982). Consciência e propósito no behaviorismo radical. In B. Prado Jr. (Ed.), *Filosofia e comportamento* (pp. 67-91). São Paulo: Editora Brasiliense.

- De Waal, F. (2010). *A era da empatia: Lições da natureza para uma sociedade mais gentil*. São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 2009).
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2017). *Competência social e habilidades sociais: Manual teórico-prático*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2011). *Psicologia das habilidades sociais na infância: Teoria e Prática*. Petrópolis: Vozes.
- Del-Claro, K. (2004). *Comportamento animal: Uma introdução à ecologia animal*. Jundiaí: Livraria Conceito.
- Diller, J. W., & Boornazian, E. S. (2015). The bonobo and the behaviorist: Frans de De Waal's bottom-up morality. *Behavior Analyst*, 38(2), 293-307. doi:10.1007/s40614-015-0031-8
- Dittrich, A. (2004). *Behaviorismo radical, ética e política: Aspectos teóricos do compromisso social* (vol. I) (Tese de doutorado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil.
- Elliott, A. (2018). A teoria do novo individualismo. *Revista Sociedade e Estado*, 33(2), 465-486. doi:10.1590/s0102-699220183302009
- Escobal, G., Zin, G., Esteves, G., & Goyos, C. (2018). Jogo da partilha: Relação de gênero, quantidade de dinheiro e desconto temporal na distribuição de recursos de universitários. In G. Escobal, P. B. Faleiros & A. L. Ferreira (Orgs.), *Análise do comportamento e teoria dos jogos* (pp. 107-163). São Paulo: Edicon.
- Fantino, E., Gaitan, S., Kennelly, A., & Stolarz-Fantino, S. (2007). How reinforcer type affects choice in economic games. *Behavioural Processes*, 75(2), 107-114. doi:10.1016/j.beproc.2007.02.001

- Farrelly, D., Clemson, P., & Guthrie, M. (2016). Are women's mate preferences for altruism also influenced by physical attractiveness? *Evolutionary Psychology*, *14*(1), 1-6. doi:10.1177/1474704915623698
- Fernandes, D. M., & Rezende, J. V. (2016). Da denúncia ao compromisso: Servirão os princípios revolucionários para os comportamentalistas? *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, *18*(número especial), 40-51. doi:10.31505/rbtcc.v18i0.843
- Ferrari, J. R., Barone, R. C., Jason, L. A., & Rose, T. (1985). The use of incentives to increase blood donations. *The Journal of Social Psychology*, *125*(6), 791-793. doi:10.1080/00224545.1985.9713559
- Fidelis, D. P., & Faleiros, P. B. (2017). Dilema do Prisioneiro na Análise Experimental do Comportamento: Uma revisão sistemática da literatura. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, *13*(1), 42-52. doi:10.18542/rebac.v13i1.5262
- Fidelis, D. P., & Faleiros, P. B. (2018). Definição comportamental do jogo dilema do prisioneiro e variáveis investigativas: Comportamento social, autocontrole e metacontingências. In G. Escobal, P. B. Faleiros & A. L. Ferreira (Orgs.), *Análise do comportamento e teoria dos jogos* (pp. 23-60). São Paulo: Edicon.
- Fonseca, J. J. S. (2002). *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC. [Apostila].
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Glynn, E. L., Thomas, J. D., & Shee, S. M. (1973). Behavioral self-control of on-task behavior in an elementary classroom. *Journal of applied behavior analysis*, *6*(1), 105-113. doi:10.1901/jaba.1973.6-105
- Goldstein, R. S., Minkin, B. L., Minkin, N., & Baer, D. M. (1978). Finders, keepers? An analysis and validation of a free-found-ad policy. *Journal of Applied Behavior Analysis*, *11*(4), 465-473. doi:10.1901/jaba.1978.11-465

- Grusec, J. E., & Redler, E. (1980). Attribution, reinforcement, and altruism: A developmental analysis. *Developmental Psychology*, *16*(5), 525-534. doi:10.1037/0012-1649.16.5.525
- Guilhardi, H. J. (2002). Auto-estima, autoconfiança e responsabilidade. In M. Z. S. Brandão, F. C. S. Conte & S. M. B. Mezzaroba (Orgs.), *Comportamento humano: Tudo (ou quase tudo) que você gostaria de saber para viver melhor* (pp. 107-163). Santo André: ESETec Editores Associados.
- Hamilton, W. D. (1963). The evolution of altruistic behavior. *The American Naturalist*, *97*(896), 354-356. doi:10.1086/497114
- Hartmann, P., Eisend, M., Apaolaza, V., & D'Souza, C. (2017). Warm glow vs. Altruistic values: How important is intrinsic emotional reward in proenvironmental behavior? *Journal of Environmental Psychology*, *52*, 43-55. doi:10.1016/j.jenvp.2017.05.006
- Haydu, V. B. (2004). O que é operação estabelecadora? In C. E. Costa, J. C. Luzia & H. H. N. Santa'Anna (Orgs.), *Primeiros passos em Análise do Comportamento e cognição*. (v. 2, pp. 59-66). Santo André: ESETec.
- Hobbes, T. (2002). *Do cidadão*. Tradução de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1642).
- Hobbes, T. (2008). *Leviatã, ou, a matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. Tradução de Rosina D'Angina. São Paulo: Ícone. (Original publicado em 1651).
- Holland, J. G. (1974). Are behavioral principles for revolutionaries? In F. S. Keller & E. R. Iñesta (Orgs.), *Behavior modification: Application to education* (pp. 195-208). New York: Academic Press.
- Holland, J. G. (1978). Behaviorism: Part of the problem or part of the solution? *Journal of Applied Behavior Analysis*, *11*, 163-174. doi:10.1901/jaba.1978.11-163
- Holpert, E. C. (2004). Questões sociais em Análise do Comportamento: Artigos do Behavior and Social Issues (1991-2000). *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e*

Cognitiva, 6(1), 01-16. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtcc/v6n1/v6n1a02.pdf>

Houaiss, A., & Villar, M. S. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Israely, Y., & Guttman, J. (1983). Children's sharing behavior as a function of exposure to puppet-show and story models. *The Journal of Genetic Psychology: Research and Theory on Human Development*, 142(2), 311-312. doi:10.1080/00221325.1983.10533522

Killeen, P. R., & Snowberry, K. (1982). Information and cooperative behavior. *Behaviour Analysis Letters*, 2(6), 353-360. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/220034890_Information_and_cooperative_behavior

Krzyzanowski, R. F., & Ferreira, M. C. G. F. (1998). Avaliação de periódicos científicos e técnicos brasileiros. *Ciência da Informação*, 27(2), 165-175. doi:10.1590/S0100-19651998000200009

Kwak, Y., Pearson, J., & Huettel, S. A. (2014). Differential reward learning for self and others predicts self-reported altruism. *PLoS ONE*, 9(9). doi:10.1371/journal.pone.0107621

Laraway, S., Snyckerski, S., Michael, J., & Poling, A. (2003). Motivating operations and terms to describe them: Some further refinements. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 36(3), 407-414. doi:10.1901/jaba.2003.36-407

Leão, M. F. F. C., & Carvalho Neto, M. B. (2016). Afinal, o que é seleção por consequências? *Interação em Psicologia*, 20(3), 286-294. doi:10.5380/psi.v20i3.47438

Lencastre, M. P. A. (2010). Bondade, altruísmo e cooperação: Considerações evolutivas para a educação e a ética ambiental. *Revista Lusófona de Educação*, 15, 113-124. Recuperado de <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/1527>

- Leopoldi, J. S. (2002). Rousseau: Estado de natureza, o “bom selvagem” e as sociedades indígenas. *ALCEU*, 2(4), 158-172. Recuperado de https://www.freewebs.com/cauboibbb7/alceu_n4_Leopoldi.pdf
- Lestrade, T., & Gilman, S. (2015). *The Altruism Revolution*. [Documentário].
- Leugi, G. B., & Guerin, B. (2016). Para desencadear uma revolução social analistas do comportamento devem abraçar o conhecimento comunitário. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 18(número especial), 73-83. doi:10.31505/rbtcc.v18i0.846
- Locey, M. L., & Rachlin, H. (2013). Shaping behavioral patterns. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 99(3), 245-259. doi:10.1002/jeab.22
- Lopes, C. E. (2016). Relações entre pesquisa teórica e pesquisa empírica em psicologia. In C. Laurenti, C. E. Lopes & S. F. Araujo (Orgs.), *Pesquisa teórica em psicologia: Aspectos filosóficos e metodológicos* (pp. 15-40). São Paulo: Hogrefe.
- Lopes, C. E., & Laurenti, C. (2015). Reflexões comportamentalistas sobre a maldade contemporânea. In C. Laurenti & C. E. Lopes (Orgs.), *Cultura, democracia e ética: Reflexões comportamentalistas* (pp. 15-42). Maringá: Eduem.
- Lopes, C. E., & Laurenti, C. (2016a). Elementos neolamarckistas do selecionismo skinneriano. *Interação em Psicologia*, 20(3), 257-267. doi:10.5380/psi.v20i3.47386
- Lopes, C. E., & Laurenti, C. (2016b). Metodologia da pesquisa conceitual em psicologia. In C. Laurenti, C. E. Lopes & S. F. Araujo (Orgs.), *Pesquisa teórica em psicologia: Aspectos filosóficos e metodológicos* (pp. 41-69). São Paulo: Hogrefe.
- Machado, L. M. C. M. (1997). Consciência e comportamento verbal. *Psicologia USP*, 8(2), 101-107. doi:10.1590/S0103-65641997000200005

- Maes, K. (2012). Volunteerism or labor exploitation? Harnessing the volunteer spirit to sustain AIDS treatment programs in urban Ethiopia. *Human Organization*, 71(1), 54-64. doi:10.17730/humo.71.1.axm39467485m22w4
- Martins, G. P. (2010). *O positivismo: Uma linguagem dos sentimentos* (Dissertação de mestrado), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.
- Melo, C. M. (2004). *A concepção de homem no behaviorismo radical de Skinner: Um compromisso com o 'bem' da cultura* (Dissertação de mestrado), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil.
- Melo, C. M. (2008). *A concepção de homem no behaviorismo radical e suas implicações para a tecnologia do comportamento* (Tese de doutorado), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil.
- Miguel, C. F. (2000). O conceito de operação estabelecadora na Análise do Comportamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), 259-267. doi:10.1590/S0102-37722000000300009
- Mitchell, G. D. (1969). Paternalistic behavior in primates. *Psychological Bulletin*, 71(6), 399-417. doi:10.1037/h0027302
- Neves, F. M. (2012). Sociobiologia: Dos insetos sociais ao homem. *Estudos de Biologia, Ambiente e Diversidade*, 1(1), 1-6. doi:10.7213/estud.biol.7325
- Ninness, H. A., Fuerst, J., Rutherford, R. D., & Glenn, S. S. (1991). Effects of self-management training and reinforcement on the transfer of improved conduct in the absence of supervision. *Journal of applied behavior analysis*, 24(3), 499-508. doi:10.1901/jaba.1991.24-499
- Otte, G. (2016). Do mito do “bom selvagem” à nova mitologia. A crise da cultura em Rousseau e Schiller. *IPOTESI*, 19(2), 12-18. Recuperado de <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19516>

- Palermo-Neto, J., & Alves, G. J. (2010). A comunicação dos animais. *Revista CFMV, 16*(49), 24-34.
- Parish, T. S. (1977). The enhancement of altruistic behaviors in children through the implementation of language conditioning procedures. *Behavior Modification, 1*(3), 395-404. doi:10.1177%2F014544557713007
- Peláez, M. (2001). Morality as a system of rule-governed behavior and empathy. *Behavioral Development Bulletin, 10*(1), 8-14. doi:10.1037/h0100475
- Pinker, S. (2013). *Os anjos bons da nossa natureza: Por que a violência diminuiu*. Tradução de B. Joffely & L. T. Motta. São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 2011).
- Poling, A., Alling, K., & Fuqua, W. (1994). Self- and cross-citations in the Journal of Applied Behavior Analysis and the Journal of the Experimental Analysis of Behavior: 1983-1992. *Journal of Applied Behavior Analysis, 27*(4), 729-731. doi:10.1901/jaba.1994.27-729
- Rachlin, H. (2012). Making IBM's computer, Watson, human. *The Behavior Analyst, 35*(1), 1-16. doi:10.1007/BF03392260
- Rachlin, H., & Locey, M. (2011). A behavioral analysis of altruism. *Behavioural Processes, 87*(1), 25-33. doi:10.1016/j.beproc.2010.12.004
- Rao, K. R. (2014a). Positive psychology and Indian psychology in need of mutual reinforcement. *Psychological Studies, 59*(2), 94-102. doi:10.1007/s12646-013-0228-4
- Rao, K. R. (2014b). Indian psychology in prospect. *Psychological Studies, 59*(2), 124-134. doi:10.1007/s12646-014-0247-9
- Romanowski, J. P., & Ens, R. T. (2006). As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. *Diálogo Educacional, 6*(19), 37-50. Recuperado de <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/24176>

- Rousseau, J. J. (1999). *O contrato social: Princípios do direito político*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Nova Cultural. (Original publicado em 1762).
- Rousseau, J. J. (2015). *Discurso sobre a origem da desigualdade*. Tradução de Laurent de Saes. São Paulo: Edipro. (Original publicado em 1754).
- Sá, C. P. (2016). J. G. Holland, contracontrole social e socialização do behaviorismo radical. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 18(número especial), 52-60. doi:10.31505/rbtcc.v18i0.844
- Silva, H. A. (2009). *As paixões humanas em Thomas Hobbes: Entre a ciência e a moral, o medo e a esperança*. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Skinner, B. F. (1945). The operational analysis of psychological terms. *Psychological Review*, 52(5), 270-277. doi:10.1037/h0062535
- Skinner, B. F. (1950). Are theories of learning necessary? *Psychological Review*, 57(4), 193-216. doi:10.1037/h0054367
- Skinner, B. F. (1965). *Science and human behavior*. New York: The Free Press. (Original publicado em 1953).
- Skinner, B. F. (1968). *The technology of teaching*. New York: Appleton Century Crofts.
- Skinner, B. F. (1972). *Walden II: Uma sociedade do futuro*. São Paulo: Herder. (Original publicado em 1948).
- Skinner, B. F. (1976). *About Behaviorism*. New York: Vintage Books. (Original publicado em 1974).
- Skinner, B. F. (1977). Why I am not a cognitive psychologist. *Behaviorism*, 5(2), 1-10.
- Recuperado de <http://carboneclinic.com/portal/conferences/files/Stony%20Point%20Additional%20Materials/Why%20I%20Am%20Not%20a%20Cognitive%20Psychologist.PDF>

- Skinner, B. F. (1978). *Reflections on behaviorism and society*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1980). *Contingências do reforço: Uma análise teórica*. Tradução de Rachel Moreno. São Paulo: Abril Cultural. (Original publicado em 1969).
- Skinner, B. F. (1981). Selection by consequences. *Science*, 213(4507), 501-504. doi:10.1126/science.7244649
- Skinner, B. F. (1984). The evolution of behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 41(2), 217-221. doi:10.1901/jeab.1984.41-217
- Skinner, B. F. (1987). *Upon further reflection*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1990). Can psychology be a science of mind? *American Psychologist*, 45(11), 1206-1210. doi:10.1037/0003-066X.45.11.1206
- Skinner, B. F. (1995). *Questões recentes na Análise do Comportamento*. Tradução de Anita Liberalesso. Campinas: Papyrus. (Original publicado em 1989).
- Skinner, B. F. (2002). *Beyond freedom and dignity*. Indianapolis: Hackett Publishing Company. (Original publicado em 1971).
- Small, M. F. (1993). *Female choices: Sexual behavior of female primates*. New York: Cornell University Press.
- Soares, P. G., Costa, C. E., Aló, R. M., Luiz, A., & Cunha, T. R. L. (2017). Custo da resposta: Como se tem sido definido e estudado? *Revista Perspectivas em Análise do Comportamento*, 8(2), 258-268. doi:10.18761/PAC.2017.020
- Soëtard, M. (2010). *Jean-Jacques Rousseau*. Tradução de Verone L. R. Doliveira. Recife: Editora Massangana.
- Souza, S. C. F., & Oliveira, T. V. M. (2009). A filosofia política de Hobbes e o Estado absolutista. *Revista de Direito Público*, 4(3), 16-36. doi:10.5433/1980-511X.2009v4n3p16

- Strapasson, B. A., Magalhães, F. G., & Custódio, J. K. (2013). Comunicação entre a pesquisa básica, aplicada e teórica na Análise do Comportamento no Brasil: Uma análise bibliométrica. *Interação em Psicologia, 17*(1), 117-128. doi:10.5380/psi.v17i1.26496
- Strapasson, B. A., Zuge, P. R., & Cruz, R. N. (2017). O isolamento da Análise do Comportamento no Brasil: Uma análise bibliométrica. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 19*(1), 94-114. doi:10.31505/rbtcc.v19i1.954
- Tasimi, A., & Young, L. (2016). Memories of good deeds past: The reinforcing power of prosocial behavior in children. *Journal of Experimental Child Psychology, 147*, 159-166. doi:10.1016/j.jecp.2016.03.001
- Todorov, J. C. (1985). O conceito de contingência tríplice na análise do comportamento humano. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 1*(1), 75-88.
- Tourinho, E. Z. (2003). A produção de conhecimento em psicologia: A análise do comportamento. *Psicologia: Ciência e Profissão, 23*(2), 30-41. doi:10.1590/S1414-98932003000200006
- Tourinho, E. Z., Carvalho Neto, M. B., & Neno, S. (2004). A psicologia como campo de conhecimento e como profissão de ajuda. *Estudos de Psicologia, 9*(1), 17-24. doi:10.1590/S1413-294X2004000300022
- Unesp. (2015). *Tipos de revisão de literatura*. Botucatu.
- Vettorazzi, A., Frare, E., Souza, F. C., Queiroz, F. P., De Luca, G. G., Moskorz, L., & Kubo, O. M. (2005). Avaliação de um programa para ensinar comportamento empático para crianças em contexto clínico. *Interação em Psicologia, 2*(9), 355-369. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pusf/v21n1/2175-3563-pusf-21-01-00049.pdf>
- Vieira, A. B. (1989). Fundamentos gerais da etologia. *Análise Psicológica, 7*(1/2/3), 23-31. Recuperado de <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/2236>

- Watson, T. S. (1996). A prompt plus delayed contingency procedure for reducing bathroom graffiti. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 29(1), 121-124. doi:10.1901%2Fjaba.1996.29-121
- Weiner, H. (1977). An operant analysis of human altruistic responding. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 27(3), 515-528. doi:10.1901%2Fjeab.1977.27-515
- Wright, P. C. (1990). Patterns of paternal care in primates. *International Journal of Primatology*, 11(2), 89-102. doi:10.1007/BF02192783
- Zin, G., Escobal, G., Esteves, G., & Goyos, C. (2015). Sharing Game: Influence of gender, cost of response, history of reinforcement, and amount of money in the resource distribution of undergraduate students. *Behavior Analysis: Research and Practice*, 15(1), 65-80. doi:10.1037/h0101071

Apêndices

Apêndice A

Análises Bibliométricas

As tabelas abaixo são referentes às análises bibliométricas dos artigos recuperados com a combinação “*altruism*” and “*behavior analysis*”.

Referências	Brayko, C. A., Houmanfar, R. A., & Ghezzi, E. L. (2016). Organized cooperation: A behavioral perspective on volunteerism. <i>Behavior and Social Issues</i> , 25, 77-98.
Autor(es)	Brayko, Houmanfar & Ghezzi
Natureza do trabalho	Pesquisa teórica
Ano de publicação	2016
Periódico	Behavior and Social Issues
WebQualis	A2
Instituição	University of Nevada-Reno
Palavras-chave	Volunteerism; Cooperation; Altruism; Units of analysis; Behavior analysis; Behavioral systems analysis; Macrocontingency; Metacontingency.
Cita Skinner?	<i>Science and human behavior</i> (1965) Usado para definir cooperação.

Referências	Zin, G., Escobal, G., Esteves, G., & Goyos, C. (2015). Sharing Game: Influence of gender, cost of response, history of reinforcement, and amount of money in the resource distribution of undergraduate students. <i>Behavior Analysis: Research and Practice</i> , 15(1), 65-80.
Autor(es)	Zin, Escobal, Esteves, & Goyos
Natureza do trabalho	Pesquisa básica
Ano de publicação	2015
Periódico	Behavior Analysis: Research and Practice
WebQualis	B1
Instituição	Universidade Federal de São Carlos
Palavras-chave	Altruism; Economic games; Generosity; Self-control; Sharing Game.
Cita Skinner?	Não

Referências	Rachlin, H. (2012). Making IBM's computer, Watson, human. <i>The Behavior Analyst</i> , 35, 1-16.
Autor(es)	Rachlin
Natureza do trabalho	Pesquisa teórica
Ano de publicação	2012
Periódico	The Behavior Analyst
WebQualis	A2
Instituição	Stony Brook University
Palavras-chave	Human nature; IBM; Watson; Pain; Rationality; Self-control; Social cooperation; Turing test; Vitalism.
Cita Skinner?	<i>Verbal behavior</i> (1957) Usado para elucidar questões de eventos privados.

Referências	Rachlin, H., & Locey, M. (2011). A behavioral analysis of altruism. <i>Behavioural Processes</i> , 87, 25-33.
Autor(es)	Rachlin & Locey
Natureza do trabalho	Pesquisa teórica
Ano de publicação	2011
Periódico	Behavioural Processes
WebQualis	A1
Instituição	Stony Brook University
Palavras-chave	Altruism; Charity; Delay discounting; Evolution; Patterns of behavior; Prisoner's dilemma; Self-control; Social discounting; Soft commitment.
Cita Skinner?	<i>The behavior of organisms: An experimental analysis</i> (1938): citado para dizer que o campo de análise do comportamento é o

	<p>“organismo como um todo”.</p> <p><i>Behaviorism at fifty</i> (1969): citado para argumentar sobre o <i>self</i>, afirmando que a pele não delimita o começo e fim de uma pessoa, sendo que um organismo se estende além da pele.</p>
--	---

Referências	Peláez, M. (2001). Morality as a system of rule-governed behavior and empathy. <i>Behavioral Development Bulletin</i> , 1, 8-14.
Autor(es)	Peláez
Natureza do trabalho	Pesquisa teórica
Ano de publicação	2001
Periódico	Behavioral Development Bulletin
WebQualis	B5
Instituição	Florida International University
Palavras-chave	-
Cita Skinner?	<i>Science and human behavior</i> (1953): citado para explicitar as bases do comportamento moral, de como as ações são classificadas como “boas” ou “ruins”.

Referências	Watson, T. S. (1996). A prompt plus delayed contingency procedure for reducing bathroom graffiti. <i>Journal of Applied Behavior Analysis</i> , 29(1), 121-124.
Autor(es)	Watson
Natureza do trabalho	Pesquisa aplicada
Ano de publicação	1996
Periódico	Journal of Applied Behavior Analysis
WebQualis	A1
Instituição	Mississippi State University
Palavras-chave	Community intervention; Posting signs; Active caring; Graffiti.
Cita Skinner?	Não

Referências	Goldstein, R. S., Minkin, B. L., Minkin, N., & Baer, D. M. (1978). Finders, keepers? An analysis and validation of a free-found-ad policy. <i>Journal of Applied Behavior Analysis</i> , 11(4), 465-473.
Autor(es)	Goldstein, Minkin, Minkin, & Baer
Natureza do trabalho	Pesquisa aplicada
Ano de publicação	1978
Periódico	Journal of Applied Behavior Analysis
WebQualis	A1

Instituição	University of Kansas
Palavras-chave	Altruism; Newspapers; Response cost; Policy-research strategy; Multiple baseline.
Cita Skinner?	Não

Referências	Bethlehem, D. W. (1973). Cooperation, competition and altruism among schoolchildren in Zambia. <i>International Journal of Psychology</i> , 8(2), 125-135.
Autor(es)	Bethlehem
Natureza do trabalho	Pesquisa básica
Ano de publicação	1973
Periódico	International Journal of Psychology
WebQualis	A1
Instituição	University of Zambia
Palavras-chave	-
Cita Skinner?	Não

A tabela abaixo é referente à análise bibliométrica do artigo recuperado combinação “altruism” and “operant conditioning”.

Referências	Weiner, H. (1977). An operant analysis of human altruistic responding. <i>Journal of the Experimental Analysis of Behavior</i> , 27, 515-528.
Autor(es)	Weiner
Natureza do trabalho	Pesquisa básica
Ano de publicação	1977
Periódico	Journal of the Experimental Analysis of Behavior
WebQualis	A1
Instituição	Saint Elizabeths Hospital
Palavras-chave	Altruism; Giving; Earning; Point responding; Extinction; Concurrent incompatible operant; Past getting; Confederate; Humans.
Cita Skinner?	Não

As tabelas abaixo são referentes às análises bibliométricas dos artigos recuperados com a combinação “*altruism*” and “*reinforcement*”.

Referências	Locey, M. L., & Rachlin, H. (2013). Shaping behavioral patterns. <i>Journal of the Experimental Analysis of Behavior</i> , 99(3), 245-259.
Autor(es)	Locey & Rachlin
Natureza do trabalho	Pesquisa básica
Ano de publicação	2013
Periódico	Journal of the Experimental Analysis of Behavior
WebQualis	A1
Instituição	Stony Brook University
Palavras-chave	Altruism; Behavioral evolution; Patterning; Self-control; Shaping; Pigeons.
Cita Skinner?	<i>The behavior of organisms</i> (1938): citado para falar de modelagem comportamental ao longo da vida do organismo (ongogênese).

Referências	Chater, N., Vlaev, I., & Grinberg, M. (2008). A new consequence of Simpson's paradox: Stable cooperation in one-shot prisoner's dilemma from populations of individualistic learners. <i>Journal of Experimental Psychology: General</i> , 137(3), 403-421.
Autor(es)	Chater, Vlaev, & Grinberg
Natureza do trabalho	Pesquisa básica
Ano de publicação	2008
Periódico	Journal of Experimental Psychology: General
WebQualis	A1
Instituição	University College London New Bulgarian University
Palavras-chave	Cooperation; Prisoners' dilemma; Reinforcement learning; Simpson's paradox; Decision making.
Cita Skinner?	Não

Referências	Fantino, E., Gaitan, S., Kennelly, A., & Stolarz-Fantino, S. (2007). How reinforcer type affects choice in economic games. <i>Behavioural Processes</i> , 75(2), 107-114.
Autor(es)	Fantino, Gaitan, Kennelly & Stolarz-Fantino
Natureza do trabalho	Pesquisa teórica

<i>Ano de publicação</i>	2007
<i>Periódico</i>	Behavioural Processes
<i>WebQualis</i>	A1
<i>Instituição</i>	University of California
<i>Palavras-chave</i>	Altruism; Economic games; Optimality; Reinforcer type; Sharing game.
<i>Cita Skinner?</i>	Não

<i>Referências</i>	Grusec, J. E., & Redler, E. (1980). Attribution, reinforcement, and altruism: A developmental analysis. <i>Developmental Psychology</i> , 16(5), 525-534.
<i>Autor(es)</i>	Grusec & Redler
<i>Natureza do trabalho</i>	Pesquisa básica
<i>Ano de publicação</i>	1980
<i>Periódico</i>	Developmental Psychology
<i>WebQualis</i>	-
<i>Instituição</i>	University of Oxford
<i>Palavras-chave</i>	-
<i>Cita Skinner?</i>	Não

<i>Referências</i>	Parish, T. S. (1977). The enhancement of altruistic behaviors in children through the implementation of language conditioning procedures. <i>Behavior Modification</i> , 1(3), 395-404.
<i>Autor(es)</i>	Parish
<i>Natureza do trabalho</i>	Pesquisa básica
<i>Ano de publicação</i>	1977
<i>Periódico</i>	Behavior Modification
<i>WebQualis</i>	-
<i>Instituição</i>	Kansas State University
<i>Palavras-chave</i>	-
<i>Cita Skinner?</i>	Não

As tabelas abaixo são referentes às análises bibliométricas dos artigos recuperados com a combinação “*altruistic*” and “*reinforcement*”.

<i>Referências</i>	Baker, F., & Rachlin, H. (2002). Teaching and learning in a probabilistic prisoner's dilemma. <i>Behavioural Processes</i> , 57(2-3), 211-226.
<i>Autor(es)</i>	Baker & Rachlin
<i>Natureza do trabalho</i>	Pesquisa básica

Ano de publicação	2002
Periódico	Behavioural Processes
WebQualis	A1
Instituição	State University of New York
Palavras-chave	Prisoner's dilemma; Cooperation; Strategies; Tit-for-tat; Pavlov; Instructions; Context; Humans.
Cita Skinner?	Não

Referências	Killeen, P. R., & Snowberry, K. (1982). Information and cooperative behavior. <i>Behaviour Analysis Letters</i> , 2(6), 353-360.
Autor(es)	Killeen & Snowberry
Natureza do trabalho	Pesquisa básica
Ano de publicação	1982
Periódico	Behaviour Analysis Letters
WebQualis	-
Instituição	Arizona State University
Palavras-chave	Cooperation; Information; Altruism reciprocity.
Cita Skinner?	<i>Verbal behavior</i> (1957): citado para explicitar como algumas características dadas aos indivíduos (e.g., “bondade”, “generosidade” etc.) podem indicar que reforçadores estão envolvidos nessas contingências. <i>Two ‘synthetic social relations’</i> (1962): citado para falar das relações sociais sintéticas de cooperação entre pombos desenvolvidas por Skinner.

Apêndice B

Análises Interpretativas Aplicadas

A tabela abaixo é referente à análise interpretativa do artigo de Watson (1996), recuperado com a combinação “*altruism*” and “*behavior analysis*”.

Referência	Watson, T. S. (1996). A prompt plus delayed contingency procedure for reducing bathroom graffiti. <i>Journal of Applied Behavior Analysis</i> , 29(1), 121-124.
Objetivo do estudo	<p>“This study sought to extend the literature by investigating the effectiveness of using signs to prompt restroom users to avoid writing or drawing on restroom walls” (p. 121).</p> <p>[“Este estudo procurou estender a literatura, investigando a efetividade do uso de sinais para alertar que os usuários dos banheiros evitassem escrever ou desenhar nas paredes dos banheiros” (p. 121).]</p>
Sujeitos do estudo	Humanos
Procedimento	<p>Três banheiros de um campus universitário foram repintados antes do começo das aulas. Após a repintura a linha de base começou. A cada fim de uma linha de base as paredes eram repintadas. Todos os dias da linha de base um observador entrava para contar quantas marcas tinha no banheiro.</p> <p>A intervenção se deu por uma placa que continha a seguinte frase: [“Um médico local licenciado concordou em doar uma quantidade de dinheiro para uma filial local da United Way para cada dia que essa parede permanecer livre de qualquer escrita, desenho ou quaisquer outras marcas. Sua assistência é muito apreciada em ajudar a apoiar sua United Way” (p. 123).]</p> <p>A doação era de 5 centavos de dólar para cada dia que o banheiro permanecesse sem pichações.</p>
Definição/ Explicação	<p>“One of the primary differences between the message on the sign in this study and messages on signs from previous studies was that the sign did not specify the punishing consequence, a warning, or a direct reinforcing consequence to the reader for compliance with the message. In fact, the specified sign an altruistic contingency (i.e., money will be donated to the United Way for each day the wall remains free of graffiti). Geller (1991) suggested that compliance with altruistic contingencies may be indicative of "active caring." That is, people may engage in a target behavior when its consequences benefit others” (p. 123).</p> <p>[“Uma das principais diferenças entre a mensagem deste estudo e as mensagens de estudos anteriores foi que o sinal não especificava</p>

	<p>uma consequência punitiva, um aviso ou uma consequência direta de reforço para o leitor em relação ao cumprimento da mensagem. De fato, o sinal é especificamente uma contingência altruísta (i.e., o dinheiro será doado à United Way para cada dia em que a parede permanecer sem pichações). Geller (1991) sugeriu que o cumprimento de contingências altruístas pode ser indicativo de ‘cuidado ativo’. Ou seja, as pessoas podem se envolver em um comportamento alvo quando suas consequências beneficiam os outros.” (p. 123).]</p>
Comentário	<p>O autor mostra que contingências altruístas (que descrevem consequências positivas para outras pessoas e não para quem está se comportando) podem ser efetivas para fortalecer e manter comportamentos. Mesmo que não tenha uma consequência positiva direta para quem se comporta, a explicitação de que outras pessoas poderão se beneficiar de um comportamento parece ser suficiente para que um indivíduo se comporte de uma forma específica.</p>
Variável independente	<p>Explicitação de contingências reforçadoras positivas para outras pessoas que precisam de ajuda caso o banheiro não fosse pichado.</p>
Variável dependente	<p>Probabilidade de diminuição de pichações em banheiros de um <i>campus</i> universitário.</p>
Principais contribuições do artigo para a discussão sobre altruísmo	<p>Na linha de base, muitas marcas foram feitas nos três banheiros, com uma tendência para que aumentassem ainda mais. A introdução dos cartazes nos banheiros fez com que as pichações parassem completamente de serem feitas, se mantendo em zero por três meses após o fim do experimento.</p> <p>Os resultados dessa pesquisa corroboram com a ideia de que sinais podem ser ferramentas úteis para a promoção e manutenção de comportamentos sem a interferência direta de um experimentador.</p> <p>Essa pesquisa também se destaca por não ter contingências punitivas mantendo o comportamento dos sujeitos. Os sinais destacavam contingências positivas (a doação de uma quantidade para um fundo de caridade). Em outras palavras, a pesquisa mostra que pessoas podem se engajar em práticas culturais mesmo que não tenham consequências diretas para elas mesmas (comportamento altruísta).</p> <p>A pesquisa contribui para a discussão do <i>altruísmo</i> na medida em que mostra que a explicitação de contingências positivas pode alterar comportamentos, mesmo que as consequências não afetem diretamente quem está se comportando, se outras pessoas foram ajudadas nesse processo.</p>

A tabela abaixo é referente à análise interpretativa do artigo de Goldstein, Minkin, Minkin e Baer (1978), recuperado com a combinação “*altruism*” and “*behavior analysis*”.

Referência	Goldstein, R. S., Minkin, B. L., Minkin, N., & Baer, D. M. (1978). Finders, keepers? An analysis and validation of a free-found-ad policy. <i>Journal of Applied Behavior Analysis, 11</i> (4), 465-473.
Objetivo do estudo	“... to analyze the effects of a policy of free Found ads as a method of solving an altruism dilemma and promoting higher rates of placing Found ads in newspapers” (p. 466). [“... analisar os efeitos de uma política de anúncios gratuitos de pertences encontrados como um método de resolução de um dilema de altruísmo e promover taxas mais altas de anúncios de pertences encontrados nos jornais” (p. 466).]
Sujeitos do estudo	Humanos
Procedimento	Dois jornais universitários foram escolhidos: <i>U.D.K.</i> (The University Daily Kansan) e <i>Collegian</i> (K-State Collegian), e um jornal de acesso comunitário: <i>T.I.</i> (Telegraphics Incorporated). A linha de base foi coletada nos jornais, contemplando o número total de anúncios de achados e perdidos e, posteriormente, calculando quanto dos itens perdidos anunciados tinham sido devolvidos aos donos. Na intervenção, os jornais decidiram aumentar o tamanho dos anúncios dos itens encontrados, e também explicitar a política de isenção de taxa, sendo contados também os itens anunciados como perdidos e os itens devolvidos. Depois de três meses do fim da intervenção, um <i>follow-up</i> foi feito para verificar a efetividade da intervenção.
Definição/ Explicação	“This suggests that some help-giving responses are based on the mutual ability to reinforce or punish” (p. 466). [“Isto sugere que algumas respostas de ajuda são baseadas na habilidade mútua de reforçar ou punir” (p. 466).]
Comentário	Essa definição parece ter semelhanças com a ideia de um <i>altruísmo interessado</i> , uma vez que o comportamento de ajuda está sendo atrelado a ideia de reforçamento e punição. Essa concepção remonta a tese de um tipo de egoísmo, pois quem emite esse comportamento teria algo em troca (reforço ou a eliminação da punição).
Definição/ Explicação	“In other situations, altruism may be based simply on the removal of punishment” (p. 466). [“Em outras situações, o altruísmo pode estar baseado simplesmente na remoção da punição” (p. 466).]

Comentário	Essa definição parece também estar próxima ao <i>altruísmo interessado</i> , uma vez que o comportamento altruísta é emitido em casos que pode ser reforçado negativamente. Portanto, a função desse comportamento seria primeiramente egoísta e, de forma secundária, a ajuda ao outro.
Definição/ Explicação	“Perhaps the effects were due to the removal of punishment by the newspapers on the altruistic behavior of those who would not otherwise advertise the finding of lost property” (p. 471). [“Talvez os efeitos [aumento de anúncios de objetos encontrados] foram devido à remoção de punição pelos jornais sobre o comportamento altruísta daqueles que não anunciariam os pertences que encontraram se houvessem taxas” (p. 471).]
Comentário	Mais uma vez, o comportamento altruísta está associado a uma ideia de <i>altruísmo interessado</i> , sendo a principal função de tal ação a remoção da punição. Assim, quem se comporta está interessado, antes de tudo, em si mesmo.
Definição/ Explicação	“Thus, this demonstration may represent an approximation toward the identification of the pertinent contingencies that control help-giving or altruistic behaviors-behaviors critical to the maintenance of any group of interdependent individuals or any society” (p. 472). [“Assim, essa demonstração pode representar uma aproximação em direção à identificação de contingências pertinentes que controlam comportamentos de ajuda ou comportamentos altruístas-comportamentos imprescindíveis para a manutenção de qualquer grupo de indivíduos independentes ou qualquer sociedade” (p. 472).]
Comentário	Os autores estão argumentando que o comportamento altruísta pode ser modelado e mantido por contingências. Dessa forma, identificar quais seriam essas contingências é importante para a promoção de tais comportamentos. Ademais, os autores também afirmam que o <i>altruísmo</i> é essencial para que qualquer sociedade ou grupo se mantenha, por isso é necessário que se identifique as contingências que possam favorecer a emissão desses comportamentos.
Variável independente	Isenção de taxas para a publicação de objetos encontrados em <i>campus</i> universitários.
Variável dependente	Probabilidade de aumento na taxa de resposta de anúncios de objetos encontrados nos <i>campus</i> .
Conclusão	“The study concluded that community newspapers can provide incentives to increase such help-giving or altruistic behavior” (p. 465).

	<p>["O estudo concluiu que jornais comunitários podem fornecer incentivos para aumentar comportamentos de ajuda ou comportamento altruísta" (p. 465).]</p>
<p><i>Principais contribuições do artigo para a discussão sobre altruísmo</i></p>	<p>Na linha de base, muitos itens eram anunciados nos perdidos, mas muito poucos eram anunciados nos achados. A isenção da taxa para o anuncio de achados favoreceu que muitos anúncios fossem feitos e, como consequência disso, muitos pertences foram devolvidos. Os resultados mostraram que o aumento de anúncios foi muito alto, bem como o número de pertences devolvidos.</p> <p>Os autores também apontaram que essas estratégias de planejamento precisariam de incentivos institucionais, bem como mudança de políticas e, até mesmo, de pensamento, uma vez que muito de nossas vidas está baseada no lucro, na venda, no comércio etc.</p> <p>A pesquisa contribui para a discussão do <i>altruísmo</i> na medida em que mostra que a mudança de contingências pode favorecer a emissão e manutenção de comportamentos altruístas. Sendo assim, a Análise do Comportamento poderia investigar quais seriam essas contingências e pensar a programação delas para aumentar esse tipo de comportamento em nossa sociedade.</p>

Apêndice C

Análises Interpretativas Básicas

A tabela abaixo é referente à análise interpretativa do artigo de Zin, Escobal, Esteves e Goyos (2015), recuperado com a combinação “*altruism*” and “*behavior analysis*”.

Referência	Zin, G., Escobal, G., Esteves, G., & Goyos, C. (2015). Sharing Game: Influence of gender, cost of response, history of reinforcement, and amount of money in the resource distribution of undergraduate students. <i>Behavior Analysis: Research and Practice</i> , 15(1), 65-80.																												
Objetivo do estudo	<p>“Experiment 1, in an intersubject design, to compare the effects of hypothetical and real money, employing two rounds of 20 trials of Sharing Game developed by Kennelly and Fantino (2007)” (p. 68).</p> <p>“. . . Experiment 2, in an intersubjects delineation regarding the revelation of the gender of another participant, once again employing two rounds of 20 trials of the Sharing Game, to determine in which measure the participants would choose the optimal way and in which measure choices would be affected by the nature of the incentives (real or hypothetical money) and by the nature of the other participant (person or computer, male, female or non specified gender, and its own gender)” (p. 68).</p>																												
Sujeitos do estudo	240 estudantes, 120 homens e 120 mulheres, com idade entre 18 e 25 anos.																												
Procedimento	<p>Um grupo participou primeiro do experimento 1 e em seguida do experimento 2. Já o segundo grupo participou dos experimentos na ordem inversa.</p> <p style="text-align: center;">Experimento 1 (Sharing Game)</p> <p>No primeiro experimento, os sujeitos deveriam escolher entre duas alternativas, sendo elas:</p> <table border="1" style="margin-left: auto; margin-right: auto;"> <thead> <tr> <th colspan="2" style="border-top: 1px solid black; border-bottom: 1px solid black;">First alternative (optimal)</th> <th colspan="2" style="border-top: 1px solid black; border-bottom: 1px solid black;">Second alternative (competitive)</th> </tr> <tr> <th style="border-bottom: 1px solid black;">Participant 1 (distributor) receives</th> <th style="border-bottom: 1px solid black;">Participant 2 (receptor) receives</th> <th style="border-bottom: 1px solid black;">Participant 1 (distributor) receives</th> <th style="border-bottom: 1px solid black;">Participant 2 (receptor) receives</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td style="text-align: center;">6</td> <td style="text-align: center;">8</td> <td style="text-align: center;">4</td> <td style="text-align: center;">2</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">6</td> <td style="text-align: center;">7</td> <td style="text-align: center;">5</td> <td style="text-align: center;">4</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">7</td> <td style="text-align: center;">9</td> <td style="text-align: center;">5</td> <td style="text-align: center;">3</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">8</td> <td style="text-align: center;">11</td> <td style="text-align: center;">5</td> <td style="text-align: center;">2</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">9</td> <td style="text-align: center;">13</td> <td style="text-align: center;">5</td> <td style="text-align: center;">1</td> </tr> </tbody> </table> <p style="text-align: center;">Experimento 2 (Temporal Discounting)</p> <p>O Segundo experimento foi explicado pelo experimentador, que mostrava uma tabela com valores que o sujeito poderia escolher receber, sendo que em algumas opções o recebimento seria momentâneo, enquanto em outras opções os sujeitos receberiam uma quantia depois de algum tempo (dias, semanas, meses).</p>	First alternative (optimal)		Second alternative (competitive)		Participant 1 (distributor) receives	Participant 2 (receptor) receives	Participant 1 (distributor) receives	Participant 2 (receptor) receives	6	8	4	2	6	7	5	4	7	9	5	3	8	11	5	2	9	13	5	1
First alternative (optimal)		Second alternative (competitive)																											
Participant 1 (distributor) receives	Participant 2 (receptor) receives	Participant 1 (distributor) receives	Participant 2 (receptor) receives																										
6	8	4	2																										
6	7	5	4																										
7	9	5	3																										
8	11	5	2																										
9	13	5	1																										
Definição/	“Kennelly and Fantino (2007) developed a tool involving such																												

Explicação	<p>category of choice, for the study of the phenomenon of generosity and/or altruism, entitled Sharing Game” (p. 66).</p> <p>[“Kennelly e Fantino (2007) desenvolveram uma ferramenta envolvendo essa categoria de escolha, para o estudo do fenômeno de generosidade e/ou altruísmo, intitulado Sharing Game” (p. 66).]</p>
Comentário	<p>Os autores afirmam que o Sharing Game é um instrumento para estudo do comportamento altruísta. Contudo, o “Sharing” já sugere o compartilhamento. Essa partilha parece estar mais perto de uma cooperação, na qual duas pessoas têm vantagens do que altruísmo.</p> <p>Mesmo que não seja possível afirmar uma confusão por essa passagem, ela mostra indícios de uma confusão conceitual entre os dois conceitos.</p>
Definição/Explicação	<p>“It is important at this moment elucidate how altruism is currently understood under the scientific perspective. From a biological point of view, altruism refers to all behaviors of an animal that favor the other at the expense of their own benefit. Said another way, an individual is considered altruistic when one’s choices benefit other individuals, taking into account the cost and benefit for himself (Campos & Fonseca, 2010). In any case, under the current perspective, altruism is not anymore considered an act of self-denial of their own benefits in function of the other, considering the others benefits that occur as a result of altruism” (p. 66).</p> <p>[“É importante neste momento elucidar como o altruísmo é atualmente entendido sob a perspectiva científica. Do ponto de vista biológico, o altruísmo refere-se a todos os comportamentos de um animal que favorecem o outro à custa de seu próprio benefício. Dito de outra forma, um indivíduo é considerado altruísta quando suas escolhas beneficiam outros indivíduos, levando em conta o custo e o benefício para si (Campos & Fonseca, 2010). Em qualquer caso, sob a perspectiva atual, o altruísmo não é mais considerado um ato de autonegação de seus próprios benefícios em função do outro, considerando os outros benefícios que ocorrem como resultado do altruísmo” (p. 66).]</p>
Comentário	<p>A definição de altruísmo utilizada pelo texto explicita um “custo” para quem se comporta altruisticamente, mas esse custo não impede que o indivíduo ainda tenha algum tipo de lucro. Os autores estão deixando claro que pode existir um benefício para quem se comporta altruisticamente, mas também é necessário um custo. Nesse sentido, o altruísmo tratado aqui é claramente interessado. Contudo, qual seria a diferença entre altruísmo e cooperação, uma</p>

	<p>vez que o indivíduo que se comporta altruisticamente também tem vantagens, assim como na cooperação? Na cooperação os dois indivíduos têm <i>apenas</i> vantagens? Nesse trecho os autores não explicitam se os benefícios para quem se comporta seriam explícitos, mas também não impedem que sejam. A definição traz o “custo” do benefício próprio, mas isso também não é o mesmo que dizer que existe um prejuízo para quem se comporta. O altruísmo seria então o custo do benefício ou o prejuízo para o indivíduo que se comporta dessa forma? Poderia ser chamado de um comportamento de “autonegação”?</p>
<p>Definição/ Explicação</p>	<p>“For behavioral analysts, altruism is best understood as a case of self-control (Fantino & Stolarz-Fantino, 2002; Rachlin, 2002). Selfcontrol occurs when an organism is faced with a situation of choice between alternatives where one offers a reinforcement of lower magnitude, but immediately available after behavioral response, whereas the other alternative offers a reinforcement of greater magnitude, with a delay in obtaining the same (e.g., Fantino, Gaitan, Meyer, & Stolarz-Fantino, 2006). Superficially, altruism is a self-controlled behavior insofar as the immediate consequences are aversives to one of the agents of the interaction (the one that emits the altruistic behavior), whereas the delayed consequences are appetitive for this same agent” (p. 66).</p> <p>[“Para os analistas comportamentais, o altruísmo é melhor entendido como um caso de autocontrole (Fantino & Stolarz-Fantino, 2002; Rachlin, 2002). O autocontrole ocorre quando um organismo se depara com uma situação de escolha entre alternativas onde oferece um reforço de menor magnitude, mas imediatamente disponível após a resposta comportamental, enquanto a outra alternativa oferece um reforço de maior magnitude, com um atraso na obtenção do mesmo (e.g., Fantino, Gaitan, Meyer e Stolarz-Fantino, 2006). Superficialmente, o altruísmo é um comportamento autocontrolado na medida em que as consequências imediatas são aversivas a um dos agentes da interação (aquele que emite o comportamento altruísta), enquanto as consequências tardias são vantajosas para esse mesmo agente” (p. 66).]</p>
<p>Comentário</p>	<p>O altruísmo é um comportamento autocontrolado. A definição de autocontrole trazida pelos autores diz que esse comportamento é a escolha entre um reforço imediato de menor magnitude e um reforço atrasado de maior magnitude. Essa definição já estabelece que, sendo um comportamento autocontrolado, o altruísmo é</p>

	<p>reforçado, em maior ou menor magnitude. Se o altruísmo tiver um reforço direto e imediato, esse altruísmo está atrelado a ideia de altruísmo interessado. Contudo, os autores também afirmam que no altruísmo as consequências imediatas são aversivas, enquanto as consequências tardias são reforçadoras. Essa é uma perspectiva molar de comportamento altruísta.</p>
Definição/ Explicação	<p>“According to Rachlin (2000) guided through a molar behavioral perspective, that is, in which the behavior is seen as a temporally extended phenomena . . .” (p. 66). [“De acordo com Rachlin (2000), guiado por uma perspectiva comportamental molar, ou seja, em que o comportamento é visto como um fenômeno temporalmente estendido . . .” (p. 66).]</p>
Comentário	<p>A definição de comportamento molar de Rachlin.</p>
Definição/ Explicação	<p>“Forcing the participants to share resources is a strategy to check the phenomenon of altruism, provided that such sharing can operationalize the altruistic behavior that occurs in a natural environment, which is the case with the Sharing Game” (p. 67). [“Forçar os participantes a compartilhar recursos é uma estratégia para verificar o fenômeno do altruísmo, desde que tal compartilhamento possa operacionalizar o comportamento altruísta que ocorre em um ambiente natural, como é o caso do Sharing Game” (p. 67).]</p>
Comentário	<p>Os autores afirmam que o altruísmo pode ser visto no ato de partilha (compartilhamento). Altruísmo então é compartilhar? Cooperação também seria compartilhar? Altruísmo e cooperação seriam partes diferentes (topografias e/ou funções) de um mesmo comportamento (compartilhar)?</p>
Definição/ Explicação	<p>“The interaction is classified as altruism only in the case that one of the individuals have a smaller gain compared with the other person with which he or she is interacting (the altruistic has a loss due to the gain of the other), the opposite would be considered selfish (here the individual has a larger gain in relation to the other; i.e., the other loses gain as a function of the gain of the first)” (p. 77). [“A interação é classificada como altruísmo apenas no caso de um dos indivíduos ter um ganho menor em comparação com a outra pessoa com a qual ele está interagindo (o altruísta tem uma perda devido ao ganho do outro), o oposto seria considerado egoísta (aqui o indivíduo tem um ganho maior em relação ao outro; isto é, o outro perde em função do ganho do primeiro)” (p. 77).]</p>
Comentário	<p>Os autores estão defendendo que quando dois indivíduos ganham,</p>

	<p>mas um <i>ganha menos</i>, isso seria altruísmo. O lucro de ambas as partes, mas de forma desigual poderia ter dois nomes: altruísmo (quando um escolheu ganhar menos que o outro), ou egoísmo (quando um escolheu ganhar mais que o outro). Mas ainda há um lucro explícito. Isso não seria cooperação? Uma vez que há um comportamento coordenado no qual os dois terão lucro?</p>
<p>Definição/ Explicação</p>	<p>“The capacity that each individual has to distribute time and resources, whether yours or others educational nature, economic or otherwise, is an important component of what are conventionally called “generosity” or “altruism,” and is in the core of important social issues. Individuals make decisions about behaving in a way to collaborate or compete. The proposed studies may contribute to the solution of social problems related to generosity, altruism, solidarity, and other behaviors or, more specifically, the lack of them. In the context of studies on social motivation and human values, for example, there is much discussion about categories related to different forms of social participation, or interdependence, such as cooperation, competition, individualism, collectivism, altruism, and aggression, among others (Palmieri & Branco, 2004). Any nonideal choice (competitive) can also be a non selfcontrolled selection” (p. 77).</p> <p>[“A capacidade que cada indivíduo tem de distribuir tempo e recursos, seja sua natureza educativa ou outros, econômica ou não, é um componente importante do que é convencionalmente chamado de “generosidade” ou “altruísmo” e está no cerne de importantes questões sociais. Indivíduos tomam decisões sobre se comportar de maneira a colaborar ou competir. Os estudos propostos podem contribuir para a solução de problemas sociais relacionados à generosidade, ao altruísmo, à solidariedade e a outros comportamentos ou, mais especificamente, à falta deles. No contexto de estudos sobre motivação social e valores humanos, por exemplo, há muita discussão sobre categorias relacionadas a diferentes formas de participação social, ou interdependência, como cooperação, competição, individualismo, coletivismo, altruísmo e agressão, entre outros (Palmieri & Branco, 2004). Qualquer escolha não-ideal (competitiva) também pode ser uma seleção não autocontrolada” (p. 77).]</p>
<p>Comentário</p>	<p>Se o altruísmo for entendido como a alocação de tempo e recurso em função de outras pessoas, os problemas sociais poderiam ser resolvidos com um ensino de autocontrole para que as pessoas</p>

	<p>alocassem menos recursos em benefício próprio e mais recursos e tempo em prol de outrem.</p>
Definição/ Explicação	<p>“Far from considering such aspects as fundamental bases of what we call altruism, it seems reasonable to consider that the probability of reciprocity operates to increase the reinforcing effectiveness of providing more resources to others . . .” (p. 78).</p> <p>[“Longe de considerar tais aspectos como bases fundamentais do que chamamos de altruísmo, parece razoável considerar que a probabilidade de reciprocidade opera para aumentar a eficácia reforçadora de fornecer mais recursos a outros . . .” (p. 78).]</p>
Comentário	<p>Os autores estão afirmando que se houver indícios de reciprocidade, o comportamento altruísta se torna mais provável. Mais uma vez, esse altruísmo defendido está atrelado a um altruísmo interessado, uma vez que o comportamento será diretamente reforçado (reciprocamente) pelo outro.</p>
Definição/ Explicação	<p>“Dittrich (2003), considering the radical behaviorism, and the moral aspects involved, talks about altruism as a culturally selected operant, whose benefits compete with other phylogenetically selected behavioral classes, and an important property to occur what the author considers one altruistic act, is in how aversive events can share their properties on the behavior of social agents, even if it is directly affecting only one of them, or in other words, how the suffering of an organism motivates the other organism to relieve this condition” (p. 78).</p> <p>[“Dittrich (2003), considerando o behaviorismo radical, e os aspectos morais envolvidos, fala sobre o altruísmo como um operante culturalmente selecionado, cujos benefícios competem com outras classes comportamentais filogeneticamente selecionadas, e uma importante propriedade para ocorrer o que o autor considera um ato altruísta é em como os eventos aversivos podem compartilhar suas propriedades sobre o comportamento dos agentes sociais, mesmo que esteja afetando diretamente apenas um desses agentes, ou em outras palavras, como o sofrimento de um organismo motiva o outro organismo a aliviar essa condição” (p. 78).]</p>
Comentário	<p>O altruísmo defendido por Dittrich parece ser mantido por reforçamento negativo, uma vez que ele elimina os aversivos de ver outra pessoa em uma situação de sofrimento. Esse reforçamento negativo não parece ser explícito, mas sim uma operação motivacional.</p>

<i>Definição/ Explicação</i>	<p>“These data strengthen the definition of altruism as a self-controlled behavior . . . From this, it could be hypothesized that teaching skills of self-control will facilitate the learning of cooperation and altruism in the human repertoire” (p. 79).</p> <p>[“Esses dados fortalecem a definição de altruísmo como um comportamento autocontrolado . . . A partir disso, pode-se supor que o ensino de habilidades de autocontrole facilitará a aprendizagem da cooperação e do altruísmo no repertório humano” (p. 79).]</p>
<i>Comentário</i>	<p>Os autores afirmam que tanto cooperação quanto altruísmo são comportamentos autocontrolados, e o ensino de autocontrole pode favorecer que esses comportamentos sejam emitidos.</p>
<i>Definição/ Explicação</i>	<p>“The study is of social and scientific importance by presenting an experimental model to study the phenomenon of generosity or altruism, of particular interest within the scope of cooperation, by its social importance and survival of the species . . .” (p. 79).</p> <p>[“O estudo é de importância social e científica, apresentando um modelo experimental para estudar o fenômeno da generosidade ou altruísmo, de particular interesse no âmbito da cooperação, pela sua importância social e sobrevivência das espécies . . .” (p. 79).]</p>
<i>Comentário</i>	<p>Os autores argumentam que o Sharing Game é importante para a discussão de generosidade e altruísmo, mas de principal interesse para a cooperação. Contudo, a discussão de cooperação nesse jogo não foi amplamente discutida, sendo que os autores afirmaram algumas vezes ao longo do texto que estavam estudando o altruísmo.</p>
<i>Variável independente</i>	<p>Quantidade de dinheiro; Gênero; Ordem de apresentação dos experimentos; Custo de resposta; Desconto temporal</p>
<i>Variável dependente</i>	<p>Alocação de recursos</p>
<i>Conclusão</i>	<p>Quantidade de dinheiro e Gênero foram variáveis que influenciaram as escolhas no Sharing Game.</p> <p>O aumento na quantidade de dinheiro fez com que as escolhas consideradas ótimas também aumentassem para homens e mulheres. Contudo, os homens ainda tenderam a fazer escolhas mais otimizadas que as mulheres.</p> <p>Além disso, a ordem de aplicação também interferiu na alocação de recursos. Quando o Temporal Discounting foi aplicado primeiro, os participantes tenderam a diminuir escolhas autocontroladas com o aumento do tempo entre a escolha e a consequência (o que já era esperado). Contudo, quando os participantes passavam por essa</p>

	<p>etapa antes do Shraing Game, eles tenderam a escolher mais as opções otimizadas do que as competitivas. Esses dados mostram que um treinamento de autocontrole (como no Temporal Discounting) pode aumentar a probabilidade de comportamento autocontrolados e otimizados serem emitidos.</p> <p>Já o custo de resposta não interferiu nas condições analisadas.</p>
<p>Principais contribuições do artigo para a discussão sobre altruísmo</p>	<p>Usam Rachlin para definir altruísmo como uma perspectiva de behaviorismo molar.</p> <p>Utilizam Dittrich, mas não falam de interesse no altruísmo, apenas de aspectos de reforçamento negativo. Além disso, é um texto de brasileiros. Fala de operações motivacionais do altruísmo.</p> <p>Alocação altruísta é um termo confuso e parece mais próximo de uma concepção de cooperação.</p> <p>Altruísmo é um comportamento autocontrolado (Rachlin).</p> <p>No altruísmo, é necessário apenas um custo para quem se comporta (podendo também existir lucro) ou um prejuízo (sem lucro)?</p> <p>Comportamento de ajuda é um termo amplo, que pode envolver várias facetas (altruísmo, cooperação). Esse comportamento e ajuda é descompromissado com os benefícios para o outro e para quem se comporta. A única coisa discriminado nesse comportamento é que alguém precisa ser ajudado. Já o compartilhamento parece explicitar um lucro para ambos os indivíduos que estão na situação.</p> <p>Os autores trazem a ideia de que o altruísmo é um tipo de compartilhamento. Portanto, o altruísmo tem um lucro para quem se comporta também, sendo um altruísmo interessado.</p> <p>Muitas vezes parece haver uma indistinção entre a definição de cooperação e altruísmo, não estando claro quem tem lucro e/ou prejuízo em cada um desses comportamentos. Durante o texto, os autores tratam o Sharing Game como um instrumento de avaliação do altruísmo, mas usam o termo cooperação algumas vezes, dando a entender que poderiam ser o mesmo fenômeno.</p>

A tabela abaixo é referente à análise interpretativa do artigo de Bethlehem (1973), recuperado com a combinação “*altruism*” and “*behavior analysis*”.

<p>Referência</p>	<p>Bethlehem, D. W. (1973). Cooperation, competition and altruism among schoolchildren in Zambia. <i>International Journal of Psychology</i>, 8(2), 125-135.</p>
<p>Objetivo do estudo</p>	<p>Verificar se há uma discrepância em respostas cooperativas entre crianças zambianas africanas e meninos brancos.</p>
<p>Sujeitos do estudo</p>	<p>[“Os sujeitos foram 80 meninos, 40 meninos brancos e 40</p>

	<p>zambianos africanos, tirados de cinco escolas em Lusaka, Zâmbia. Todos, exceto cinco meninos brancos, que estavam no primeiro ano, estavam no 6º e 7º anos. Os meninos brancos eram todos de origem bastante rica . . . As crianças da Zâmbia foram tiradas de origens muito mais pobres e de escolas muito mais pobres” (p. 130).]</p>																		
<p><i>Procedimento</i></p>	<p>O experimento consistiu em 3 fases:</p> <p>Condição A: “<i>Cooperative Game</i>”: foi incluído para verificar se as instruções estavam claras e se as recompensas oferecidas eram reforçadoras positivas.</p> <p>Condição B: “<i>PDG</i>” (<i>The Prisoner’s Dilemma Game</i>): nesse jogo, o jogador pode ser cooperativo ou não.</p> <p>Condições C e D: “<i>PRGG</i>” (<i>Power over Relative Gain Game</i>): visualizar contingências de maximização do ganho relativo.</p> <p>Em cada jogo foram feitas 12 tentativas (opções de escolha), nas quais a recompensa eram <i>sultanas</i>, uma comida que as crianças gostavam.</p> <p>Borracha: escolha cooperativa Lápis: escolha competitiva</p> <p>Condição A: <i>Cooperative Game</i></p> <table border="1" data-bbox="660 1267 1390 1408"> <thead> <tr> <th>(Azul / Vermelho)</th> <th>LÁPIS</th> <th>BORRACHA</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <th>LÁPIS</th> <td>(-1 / -1)</td> <td>(-2 / +2)</td> </tr> <tr> <th>BORRACHA</th> <td>(+2 / -2)</td> <td>(+1 / +1)</td> </tr> </tbody> </table> <p>Na condição A, a escolha competitiva (lápis) <i>sempre</i> levará quem escolheu a perder. Se o adversário também escolher lápis, ele perderá 1, mas se o adversário fizer a escolha cooperativa, ele perderá 2. Assim, só há ganhos na escolha cooperativa (borracha). Se o adversário fizer a escolha competitiva, o ganho é maximizado para quem fez a escolha cooperativa. Se os dois fizeram a escolha cooperativa, os dois tem ganho de 1. No caso deste experimento, essa condição A foi usada para verificar se as recompensas eram realmente reforçadoras, além de analisar se as instruções estavam claras.</p> <p>Condição B: <i>PDG</i></p> <table border="1" data-bbox="660 1778 1390 1919"> <thead> <tr> <th>(Azul / Vermelho)</th> <th>LÁPIS</th> <th>BORRACHA</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <th>LÁPIS</th> <td>(-1 / -1)</td> <td>(+2 / -2)</td> </tr> <tr> <th>BORRACHA</th> <td>(-2 / +2)</td> <td>(+1 / +1)</td> </tr> </tbody> </table> <p>Na condição B, se a escolha competitiva (lápis) for feita pelos dois sujeitos, os dois terão um prejuízo de 1. Já se os dois fizeram a escolha cooperativa (borracha), eles terão um ganho de 1, que é a única opção de ninguém perder nada. Já se um dos participantes fizer a escolha cooperativa, enquanto o outro faz a escolha</p>	(Azul / Vermelho)	LÁPIS	BORRACHA	LÁPIS	(-1 / -1)	(-2 / +2)	BORRACHA	(+2 / -2)	(+1 / +1)	(Azul / Vermelho)	LÁPIS	BORRACHA	LÁPIS	(-1 / -1)	(+2 / -2)	BORRACHA	(-2 / +2)	(+1 / +1)
(Azul / Vermelho)	LÁPIS	BORRACHA																	
LÁPIS	(-1 / -1)	(-2 / +2)																	
BORRACHA	(+2 / -2)	(+1 / +1)																	
(Azul / Vermelho)	LÁPIS	BORRACHA																	
LÁPIS	(-1 / -1)	(+2 / -2)																	
BORRACHA	(-2 / +2)	(+1 / +1)																	

competitiva, quem fez a escolha pela borracha irá perder 2, enquanto quem optou pelo lápis ganhará 2. Assim, mesmo parecendo uma melhor opção a escolha cooperativa para os dois participantes, se um deles optar pela cooperação, ele pode ter uma perda grande se o outro participante optar pela competição para ganhar mais.

Condição C: *PRGG*

(Azul / Vermelho)	LÁPIS	BORRACHA
LÁPIS	(-2 / 0)	(0 / 0)
BORRACHA	(-1 / +1)	(+1 / +1)

Na condição C, se o participante azul fizer a opção competitiva (lápis) e adversário também, o primeiro terá uma perda de 2, enquanto o adversário não terá nem lucro, nem perda. Se o participante azul fizer a escolha cooperativa (borracha) e o adversário a escolha competitiva, o participante azul terá uma perda de 1, enquanto o adversário obterá um lucro de 1. Nessa opção, a escolha cooperativa causará prejuízo para quem a fez, enquanto a escolha competitiva será recompensada. Já se o participante azul optar pela escolha competitiva, enquanto o adversário pela opção cooperativa, nenhum dos dois terá ganhos ou perdas. Por fim, a única opção na qual os dois participantes ganham é quando ambos fazem a escolha cooperativa, tendo um lucro de 1 para cada.

Condição D: *PRGG*

(Azul / Vermelho)	LÁPIS	BORRACHA
LÁPIS	(0 / -2)	(+1 / -1)
BORRACHA	(0 / 0)	(+1 / +1)

Na condição D, se o participante azul fizer a opção competitiva (lápis) e adversário também, o segundo terá uma perda de 2, enquanto o adversário não terá nem lucro, nem perda. Se o participante azul fizer a escolha cooperativa (borracha) e o adversário a escolha competitiva, nenhum dos dois terá ganhos ou perdas. Já se o participante azul optar pela escolha competitiva, enquanto o adversário pela opção cooperativa o participante azul obterá um ganho de 1, enquanto o adversário terá uma perda de 1. Nessa opção, a escolha cooperativa causará prejuízo para quem a fez, enquanto a escolha competitiva será recompensada. Por fim, a única opção na qual os dois participantes ganham é quando ambos fazem a escolha cooperativa, tendo um lucro de 1 para cada.

Para averiguar se as crianças haviam entendido as instruções, Bethlehem (1973) realizou dois experimentos subsidiários. Neles o autor buscou simplificar as contingências de cooperação e competição (usando apenas um dado, no qual os números 4, 5 e 6 representavam a vitória da criança). No outro experimento, o autor aumentou a dificuldade de as regras dos jogos verificar se as crianças compreenderiam contingências mais complexas. Os dois experimentos subsidiários mostraram que tanto em condições mais simples quanto em condições mais complexas as crianças conseguiram compreender as regras do jogo.

<p style="text-align: center;">Definição/ Explicação</p>	<p>“There are a variety of reasons to expect cultural differences in cooperative behaviour. One is that the ethos of traditional societies in southern and central Africa is widely accepted to emphasise cooperation, and to discourage competitive and exploitive behaviour. The humanist philosophy of Zambia is highly concerned to maintain this ethos. For instance, here are a few quotations from the writings of the President of Zambia: “[In] the tribal community ... individualism was discouraged (Kaunda, 1966, p. 24).” “Our ancestors worked collectively and cooperatively from start to finish (Kaunda, 1970, p. 54).” Any form of exploitation of one man by another is to be fought in Zambia (Kaunda, <i>op. cit.</i>, p. 44).” Again, the anthropologist Marwick in writing about the Cewa, a large tribe in Zambia, writes: “The good man [in terms of Cewa norms] is ... meek ... generous and sociable (1965, p. 223).” Jealousy and greed are liable, in Cewa society, to bring accusations of sorcery on a person (see table XXVI, p. 239, Marwick, <i>op. cit.</i>). Economic gain is expected to be shared among fellow villagers. This ethos is in contrast to the competitive orientation of western society, as exemplified by the wide concern with being able to run various specific distances more quickly than other people” (pp. 125-126).</p> <p>[“Há várias razões para esperar diferenças culturais no comportamento cooperativo. Uma é que o <i>ethos</i> das sociedades tradicionais no sul e no centro da África é amplamente aceita para enfatizar a cooperação e desencorajar o comportamento competitivo e explorador. A filosofia humanista da Zâmbia está muito preocupada em manter este <i>ethos</i>. Por exemplo, aqui estão algumas citações dos escritos do Presidente da Zâmbia: ‘[Na] comunidade tribal . . . o individualismo foi desencorajado’ (Kaunda, 1966, p. 24). ‘Nossos ancestrais trabalharam coletiva e cooperativamente do começo ao fim’ (Kaunda, 1970, p. 54). ‘Qualquer forma de exploração de um homem por outro deve ser travada na Zâmbia’ (Kaunda, <i>op. cit.</i>, p. 44). Mais uma vez, o antropólogo Marwick, escrevendo sobre a Cewa, uma grande tribo na Zâmbia, escreve: ‘O homem bom [em termos das normas Cewa] é ... manso ... generoso e sociável’ (1965, p. 223). Inveja e ganância são responsáveis, na sociedade Cewa, por trazer acusações de feitiçaria a uma pessoa (ver tabela XXVI, p. 239, Marwick, <i>op. cit.</i>). Espera-se que o ganho econômico seja compartilhado entre os aldeões. Este <i>ethos</i> está em contraste com a orientação competitiva da sociedade ocidental, como exemplificado pela ampla</p>
---	--

	preocupação em ser capaz de executar várias distâncias específicas mais rapidamente do que outras pessoas” (pp. 125-126).]
Comentário	Bethlehem (1973) expõe que há uma cultura na Zâmbia voltada a cooperação, enquanto práticas competitivas são vistas como ruins. Essa perspectiva do autor expõe que a cooperação e o altruísmo são práticas que podem ser modeladas e reforçadas, tanto na ontogênese quanto culturalmente.
Definição/ Explicação	<p>“These are not the only reasons to expect cultural differences. A number of experiments with both children and adult subjects show that significant cultural differences in competitive behaviour exist. In general, westernization and middle class urban dwelling are predictive of competitive behaviour, while traditionalism, poverty and rural dwelling are indications of a more cooperative tendency” (p. 126).</p> <p>[“Estas não são as únicas razões para esperar diferenças culturais. Vários experimentos com crianças e adultos mostram que existem diferenças culturais significativas no comportamento competitivo. Em geral, a ocidentalização e a habitação urbana de classe média são indicativas de comportamento competitivo, enquanto tradicionalismo, pobreza e habitação rural são indícios de uma tendência mais cooperativas” (p. 126).]</p>
Comentário	O autor explicita algumas condições culturais que podem influenciar a emissão de comportamentos altruístas ou cooperativos: práticas culturais ocidentais, a urbanização e o comércio parecem aumentar a probabilidade da emissão de comportamentos competitivos. Por outro lado, a pobreza e condições mais precárias de habitação podem aumentar a probabilidade de altruísmo e cooperação.
Variável independente	
Variável dependente	Probabilidade da borracha ser jogada (resposta cooperativa).
Conclusão	Os resultados indicaram que não há uma disposição altruísta e cooperativa tanto nas crianças zambianas quanto nas crianças brancas do estudo. A diferença entre as escolhas cooperativas e competitivas não foram significativas para esses grupo, bem como a mistura dos grupos também não apresentou discrepâncias relevantes.
Principais contribuições do artigo para a discussão sobre altruísmo	Mesmo que o autor tenha argumentado na introdução que existe uma diferença cultura entre as crianças da Zâmbia e no resto do ocidente, o experimento não mostrou discrepância significativa entre escolhas altruístas e competitivas em nenhuma das situações

	<p>propostas nas quatro condições de jogos. Os grupos de crianças zambianas e crianças brancas, misturados ou não, não apresentaram uma taxa de respostas diferentes entre si. Bethlehem (1973) defende que esse dado é surpreendente, visto que estudos anteriores indicavam que essa discrepância pudesse existir. Contudo, o autor argumenta que a competição vem sendo mais presente para as crianças zambianas, uma vez que as escolas, emprego etc., são contextos em que a competição é parte do ambiente. Além disso, Bethlehem (1973) também defende que a ocidentalização da Zâmbia pode contribuir para os dados obtidos, uma vez que as contingências competitivas promovidas por essa cultura já estão bastante difundidas no país.</p> <p>Por fim, o autor diz: [“a ausência de cooperação e altruísmo, o desejo de ganhar e também de acumular recompensas observadas nesses experimentos mostram que o espírito da ‘civilização’ ocidental da Escola Pública Inglesa e do campo de jogo está no exterior entre as crianças urbanas da Zâmbia” (Bethlehem, 1973, p. 135)].</p> <p>A discussão feita por Bethlehem (1973) busca explicações culturais para o altruísmo, bem como explicita algumas possíveis contingências que podem favorecer que esses comportamentos sejam emitidos.</p>
--	---

A tabela abaixo é referente à análise interpretativa do artigo de Weiner (1977), recuperado com a combinação “*altruism*” and “*operant conditioning*”.

Referência	Weiner, H. (1977). An operant analysis of human altruistic responding. <i>Journal of the Experimental Analysis of Behavior</i> , 27, 515-528.
Objetivo do estudo	O objetivo do experimento foi mostrar que a resposta de doar (o que os autores chamam de altruísmo) é um operante, suscetível ao reforçamento. Além disso, buscou averiguar como as taxas de resposta variam em condições concorrentes e como respostas de doar e ganhar estão relacionadas.
Sujeitos do estudo	Humanos com idades entre 18 e 30 anos Aproximadamente 60% dos sujeitos eram do sexo feminino, predominantemente negros Os homens brancos superavam em número os negros
Procedimento	Um contador de ponto foi usado para indicar <i>1 centavo</i> tanto para a resposta de doar quanto a de receber. A resposta foi reforçada a cada 40 pressões (FR 40).

	<p style="text-align: center;"><i>Experimento I</i></p> <p>No primeiro experimento, quatro condições foram permitidas ao <i>sujeito A</i>: (1) doar moedas de um centavo ao <i>sujeito B</i> (em outra condição – ganhar uma moeda); (2) colocar pontos em um contador (apenas para que o <i>sujeito A</i> não ficasse sem fazer nada); (3) você pode fazer as duas coisas, alternando o botão de um buraco para outro (em uma condição ganhando, em outra recebendo); (4) você não pode fazer nada.</p> <p style="text-align: center;"><i>Experimento II</i></p> <p>O segundo experimento buscou averiguar como os sujeitos responderiam passando por extinção.</p> <p style="text-align: center;"><i>Experimento IV</i></p> <p>O quarto experimento buscou replicar as condições do <i>experimento I</i>, mas adicionando contingências concorrentes intra-sujeitos. 3 grupos de 10 sujeitos cada (sem história experimental). Na <i>fase I</i>, eles podiam escolher entre doar, ganhar ou dar pontos, sendo que uma resposta excluía a oportunidade de emitir outras respostas. Na <i>fase II</i>, para um grupo a resposta de doar foi impossibilitada; para outro grupo a resposta de ganhar; e para o outro ambas as respostas (era possível apenas dar pontos). Na <i>fase III</i>, as condições da <i>primeira fase</i> foram restituídas.</p> <p style="text-align: center;"><i>Experimento V e VI</i></p> <p>O quinto experimento buscou ver se a história referente a receber de um <i>sujeito B</i> afetaria a taxa de resposta de doação do <i>sujeito A</i>.</p>
<i>Definição/ Explicação</i>	<p>“Human altruistic responding (called give responding), which delivered a reinforcer to someone other than the responder, was compared to responding where the responder was the recipient of the reinforcer (called earn responding)” (p. 515). [“A resposta altruísta humana (chamada de doação), que forneceu um reforçador para alguém que não o respondedor, foi comparada a responder onde o atendente era o receptor do reforço (chamado de ganho)” (p. 515).]</p>
<i>Comentário</i>	<p>O autor está definindo o altruísmo como uma <i>resposta que fornece reforço para outra pessoa que não a própria pessoa que se comportou</i>. Essa definição explicita que um outro indivíduo precisa ter ganho com a resposta altruísta, mas não explicita que quem se</p>

	comporta precisa ter um prejuízo <i>explícito</i> .
Definição/ Explicação	<p>“Cooperation has been defined as a procedure ‘in which the reinforcers of each member of a pair are at least partly dependent upon the responses of the other member’ (Hake et al., 1975, p. 63). In cooperation, therefore, give responding might also be considered as earn responding, especially if responding is shown to be under the control of the reciprocal nature of the cooperation contingency” (p. 515).</p> <p>[“ A cooperação foi definida como um procedimento ‘no qual os reforçadores de cada membro de um par são pelo menos parcialmente dependentes das respostas do outro membro’ (Hake et al., 1975, p. 63). Em cooperação, portanto, a doação também pode ser considerada como ganho, especialmente se a resposta estiver sob o controle da natureza recíproca da contingência de cooperação” (p. 515).]</p>
Comentário	Na cooperação, mesmo uma resposta que acarrete em certo prejuízo para quem se comporta, analisando a relação o comportamento é chamado de cooperação se houver um ganho. Parece que é necessário então uma espécie de balanço de perdas e ganhos, juntamente com a análise das contingências dessa relação. Se essa ação coordenada gerar um lucro maior ou diferente do que poderia ser obtido sozinho, esse comportamento será chamado de cooperativo.
Definição/ Explicação	<p>“When a subject gives more reinforcement than he/she gets, and such getting or more getting could have been obtained without giving, the responding may be called ‘altruistic’. The greater the amount of giving relative to getting, the greater the altruism. Thus, giving without getting is more altruistic than giving with getting . . .” (p. 515).</p> <p>[“Quando um sujeito dá mais reforço do que ele / ela recebe, e tal obtenção ou mais obtenção poderia ter sido obtida sem dar, a resposta pode ser chamada de ‘altruísta’. Quanto maior a quantidade de doações em relação à obtenção, maior o altruísmo. Assim, dar sem obter é mais altruísta do que dar com a obtenção . . .” (p. 515).]</p>
Comentário	A definição de altruísmo do autor é referente ao reforço proporcionado pela doação. Se um sujeito se comporta de maneira a reforçar alguém e tem um reforço também por isso (altruísmo interessado), se esse reforço pudesse ser recebido de outras formas (que não gerando reforçadores a outrem), essa ação é altruísta. Caso

	<p>a única forma de receber esse reforço seja gerando reforçadores a outras pessoas, essa ação não é altruísta. A conta então é feita a partir de quanto foi doado e quanto foi recebido, sendo a maior doação o maior grau de altruísmo.</p>
<p>Definição/ Explicação</p>	<p>“According to Krebs (1970), altruism is a problem for those who attempt to account for human behavior in reinforcement terms. To Krebs, reinforcement theory suggests that ‘human behavior is essentially egoistic’ (pp. 258- 259). Whether or not man is egoistic is an open question that can be assessed in part by comparing relative rates of altruistic responding versus earn responding. To date, no such comparison has been conducted within an operant conditioning framework. The fact that earn responding has been the major focus in operant research should not necessarily lead one to conclude that individuals are egoistic. It means only that a certain type of response has been of particular interest. Nothing in reinforcement theory is at odds with the occurrence of altruistic responding” (p. 515).</p> <p>[“Segundo Krebs (1970), o altruísmo é um problema para aqueles que tentam explicar o comportamento humano em termos de reforço. Para Krebs, a teoria do reforço sugere que ‘o comportamento humano é essencialmente egoísta’ (pp. 258-259). Se o homem é ou não egoísta é uma questão aberta que pode ser avaliada em parte comparando as taxas relativas de resposta altruísta versus resposta de ganho. Até hoje, tal comparação não foi conduzida dentro de uma estrutura de condicionamento operante. O fato de que ganhar respostas tem sido o foco principal da pesquisa operante não deveria levar necessariamente a concluir que os indivíduos são egoístas. Significa apenas que um certo tipo de resposta foi de particular interesse. Nada na teoria do reforço está em desacordo com a ocorrência de respostas altruístas” (p. 515).]</p>
<p>Comentário</p>	<p>O autor expõe que a teoria do reforço sugeriria que o comportamento é <i>egoísta</i>, pois só se manteria quando reforçado. Portanto, sempre haveria um interesse (reforço) da parte de quem se comporta.</p> <p>O autor também afirma que a definição de um ser humano egoísta ou altruísta deve ser tomada em uma conta de “doamos ou recebemos mais?”.</p>
<p>Definição/ Explicação</p>	<p>“Altruistic responding has been noted in human operant cooperation research (Shimoff and Matthews, 1975)” (p. 516).</p> <p>[“A resposta altruísta foi observada na pesquisa de cooperação com</p>

	operantes humanos (Shimoff e Matthews, 1975)” (p. 516).]
Comentário	Esse trecho parece expor a relação estreita entre altruísmo e cooperação, podendo até mesmo questionar se não há uma confusão entre os dois conceitos.
Definição/ Explicação	<p>“In the present research, altruistic responding consisted of give responding that produced either no or adverse additional reinforcement consequences for the responder. Such altruistic responding was compared to earn responding using the same response (button pressing), the same reinforcer (a point representing a penny), and the same reinforcer contingency (a 40-response fixed-ratio schedule). Only the recipient of the reinforcer differed. For altruistic responding (hereafter called give responding or giving), an individual other than the responder was the only recipient of pennies. In the case of earn responding, pennies were delivered to the responder” (p. 516).</p> <p>[“Na presente pesquisa, a resposta altruísta consistiu em respostas que produziram consequências negativas ou a ausência de reforçamento adicional para quem respondeu. Tal resposta altruísta foi comparada com respostas de ganho usando a mesma resposta base (apertar o botão), o mesmo reforçador (um ponto representando um centavo) e a mesma contingência de reforçador (um cronograma de taxa fixa de 40 respostas). Apenas o receptor do reforçador diferia. Para responder de forma altruísta (doravante chamado de responder ou doar), um indivíduo que não o respondedor era o único recipiente de centavos. No caso de ganhar resposta, centavos foram entregues ao respondente” (p. 516).]</p>
Comentário	O autor define o comportamento altruísta como <i>doação</i> . Além disso, explicita que o comportamento altruísta é definido por consequências aversivas para quem se comporta, ou ausência de reforçadores adicionais.
Definição/ Explicação	<p>“The finding that responding that delivers reinforcement to others can be maintained without additional reinforcement for the responder is not sufficient to conclude that giving is totally unrelated to getting. Historical events could maintain giving without getting for extended periods of time. Histories of reinforcement commonly induce extended human responding in the absence of reinforcement during extinction . . .” (p. 523).</p> <p>[“A constatação de que a resposta que fornece reforço a outras pessoas pode ser mantida sem reforço adicional para o respondedor não é suficiente para concluir que a doação é totalmente não</p>

	relacionada à obtenção. Eventos históricos poderiam manter doações sem ficar por longos períodos de tempo. Histórias de reforço comumente induzem respostas humanas estendidas na ausência de reforço durante a extinção . . .” (p. 523).]
Comentário	O autor argumenta que mesmo que uma pessoa <i>doe</i> para outra, mesmo não havendo reforçadores imediatos envolvidos, isso não quer dizer que não exista reforçador algum envolvido. Segundo o autor, esse comportamento de doação poderia estar sendo mantido por reforço intermitente, podendo ser emitido mesmo sem o reforço estar disponível por longos períodos de tempo.
Definição/ Explicação	“ . . . it may be concluded that it is less reinforcing to give than to receive. This finding offers some support for the view that man is essentially ‘egoistic’” (p. 527). [“ . . . é possível concluir que é menos reforçador dar do que receber. Esta descoberta oferece algum suporte para a visão de que o homem é essencialmente ‘egoísta’” (p. 527).]
Comentário	O autor afirma que o comportamento de ganho é mais reforçador do que o de doação. Em contingências competitivas, que é necessário escolher entre doar ou receber, é mais provável que um sujeito escolha receber. Por isso, esses dados poderiam suportar a visão de um ser humano essencialmente egoísta.
Variável independente	Contingências competitivas entre doação e ganho
Variável dependente	Probabilidade de emissão do comportamento de doação
Conclusão	<i>Experimento I</i> No primeiro experimento, as taxas de resposta de doação foram um pouco menores que as taxas de resposta para recebimento, mas ainda assim foram quase equivalentes. Quando a opção era ampliada para doar dinheiro ou pontos (que não valiam nada) ou ganhar ou pontuar (que não valia nada), a diferença foi marcante, sendo que os participantes optaram majoritariamente por ganhar, em detrimento de pontuar; já os participantes da outra escolha doaram tantos pontos quanto dinheiro.

<i>Subject No.</i>	<i>Give</i>	<i>Subject No.</i>	<i>Give</i>	<i>Points</i>
1	335	21	107	53
2	278	22	82	5
3	341	23	109	133
4	140	24	105	95
5	227	25	53	27
6	331	26	106	14
7	248	27	98	97
8	338	28	183	12
9	357	29	0	233
10	422	30	79	78

	<i>Earn</i>		<i>Earn</i>	<i>Points</i>
11	412	31	309	18
12	330	32	275	8
13	251	33	331	2
14	265	34	279	0
15	314	35	227	26
16	284	36	255	54
17	390	37	352	0
18	243	38	307	0
19	305	39	284	0
20	383	40	256	0

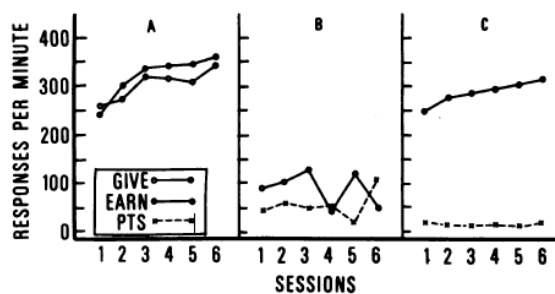


Fig. 1. Responses per minute over sessions for the give and earn groups (A), the give-points group (B), and the earn-points group (C).

Experimento II

No segundo experimento, as taxas de resposta durante a extinção diminuíram. Contudo, o comportamento de ganhar foi mais resistente a extinção do que o comportamento de doar.

Experimento IV

No quarto experimento, as taxas de resposta na *fase I* foram divididas entre: 23 pessoas emitiram altas taxas de respostas de ganhar, baixas de doar e quase nulas de pontuar; 7 pessoas emitiram taxas equivalentes de doar e ganhar e quase nulas de pontuar. Assim, os resultados mostram que, em condições concorrentes, é mais provável que um sujeito ganhe do que doe.

Experimento V e VI

	<p>No quinto e sexto experimento, as taxas de ganho foram mais altas do que as taxas de doação, mesmo em uma história experimental que favorecia os indivíduos responderem em taxas elevadas de doação. Assim, quando a condição concorrente entre ganho e doação entravam em vigor, a opção por ganhos era muito maior.</p>
<p><i>Principais contribuições do artigo para a discussão sobre altruísmo</i></p>	<p>O autor não cita nenhuma referência para definir altruísmo.</p> <p>Confusão entre “cooperação”, “ajuda” e “altruísmo”. Muitas vezes o tempo utilizado para falar do assunto é “pesquisas de cooperação”. Outras vezes o conceito de altruísmo é substituído explicitamente por “doação”.</p> <p>Para ser <i>altruísmo</i> é necessário que o indivíduo que se comporta tenha um <i>prejuízo explícito</i>?</p> <p>Na cooperação, mesmo uma resposta que acarrete em certo prejuízo para quem se comporta, analisando a relação o comportamento é chamado de cooperação se houver um ganho. Parece que é necessário então uma espécie de balanço de perdas e ganhos, juntamente com a análise das contingências dessa relação. Se essa ação coordenada gerar um lucro maior ou diferente do que poderia ser obtido sozinho, esse comportamento será chamado de cooperativo.</p> <p>A definição de altruísmo do autor é referente ao reforço proporcionado pela doação. Se um sujeito se comporta de maneira a reforçar alguém e tem um reforço também por isso (altruísmo interessado), se esse reforço pudesse ser recebido de outras formas (que não gerando reforçadores a outrem), essa ação é altruísta. Caso a única forma de receber esse reforço seja gerando reforçadores a outras pessoas, essa ação não é altruísta. A conta então é feita a partir de quanto foi doado e quanto foi recebido, sendo a maior doação o maior grau de altruísmo.</p>

A tabela abaixo é referente à análise interpretativa do artigo de Locey e Rachlin (2013), recuperado com a combinação “*altruism*” and “*reinforcement*”.

<p><i>Referência</i></p>	<p>Locey, M. L., & Rachlin, H. (2013). Shaping behavioral patterns. <i>Journal of the Experimental Analysis of Behavior</i>, 99(3), 245-259.</p>
<p><i>Objetivo do estudo</i></p>	<p>“The purpose of this experiment is to demonstrate that patterns of actions in individuals over a period of time may be selected as</p>

	<p>such” (p. 246). [“O propósito deste experimento é demonstrar que padrões de ações individuais ao longo de um período de tempo podem ser selecionados como tal” (p. 246).]</p>
<i>Sujeitos do estudo</i>	Oito pombos brancos
<i>Procedimento</i>	<p>Quatro pombos foram designados para o “Grupo Incremental” e quatro para o “Grupo de Mudança de Critérios”.</p> <p>O reforço estabelecido foi 2 segundos de acesso à comida. Duas chaves foram dispostas em uma caixa (L – esquerda; R – direita). Um ciclo foi considerado como 8 bicadas nas chaves, independente da sequência em que elas ocorriam. Uma sessão foi considerada como 10 ciclos em que ocorria pelo menos uma vez a alternância entre as chaves.</p> <p>No <i>grupo incremental</i>, a <i>condição preliminar</i> foi composta por quatro formas que foram estabelecidas para a obtenção de reforços. Se em um ciclo (8 bicadas) não houvesse alternância nas chaves (LLLLLLLL ou RRRRRRRR), não haveria a liberação do reforço. No caso de uma alternância (e.g., LLRLLLLL), um reforço seria liberado (2 segundos de acesso à comida). No caso de uma alternância com a sequência de 2 bicadas (e.g., LLRLLLRR), 2 reforços seriam liberados (4 segundos de acesso à comida). Se uma sequência de 3 bicadas consecutivas com alternância ocorresse (e.g., LRRLLLLL ou uma sequência similar) foram liberados 4 reforços (8 segundos de acesso à comida). O último caso foi a sequência de 4 bicadas consecutivas em cada disco e a alternância para o outro disco (LLLLRRRR ou RRRRLLLL). Nesses ciclos, 8 reforços foram liberados (16 segundos de acesso à comida).</p> <p>Ainda no <i>grupo incremental</i>, as <i>condições subsequentes</i> alteraram as formas que foram estabelecidas para a obtenção de reforços. A alteração ocorreu da <i>condição preliminar</i> de 1-2-4-8 para 0-2-4-8, 0-0-4-8 e 0-0-0-8. Da mesma forma que na <i>condição preliminar</i>, nessas <i>condições subsequentes</i> consideraram uma sessão como 10 ciclos em que ocorria pelo menos uma vez a alternância entre as chaves. Contudo, a diferença é que nas <i>condições subsequentes</i> a alternância em pelo menos uma chave só era contada, mas não reforçada.</p> <p>No <i>grupo com mudança de critério</i> a única condição reforçada foi a 0-0-0-8. Três sessões seguidas foram feitas em bloco. No caso de</p>

	<p>uma sessão ser feita sem nenhum encadeamento (qualquer alternância), o experimento foi encerrado para o pombo.</p>
<p>Definição/ Explicação</p>	<p>“The existence of altruistic tendencies poses a problem for both biological and behavioral evolution. Let us consider biological evolution first. Altruism has been defined in economic terms as costly acts by an individual that confer a benefit on other individuals (Fehr & Fischbacher, 2003). A costly act is one that decreases the ability of an individual to survive in its environment (its “fitness”). For example, an individual animal that raises an alarm in the presence of a predator will draw attention to itself (at a cost to its own fitness) but the group will benefit” (p. 245).</p> <p>[“A existência de tendências altruístas representa um problema para a evolução biológica e comportamental. Vamos considerar a evolução biológica primeiro. <i>O altruísmo foi definido em termos econômicos como atos custosos para um indivíduo e que geram benefícios a outros indivíduos [ênfase adicionada]</i> (Fehr & Fischbacher, 2003). <i>Um ato custoso é aquele que diminui a capacidade de um indivíduo sobreviver em seu ambiente (sua “aptidão”)</i> [ênfase adicionada]. Por exemplo, um animal individual que levanta um alarme na presença de um predador atrairá a atenção para si mesmo (a um custo para sua própria aptidão), mas o grupo se beneficiará” (p. 245).]</p>
<p>Comentário</p>	<p>A definição de altruísmo utilizada por Locey e Rachlin (2013) marca a necessidade do indivíduo que se comporta altruisticamente ter algum custo, enquanto outros indivíduos serão beneficiados com essa ação altruísta. Em uma perspectiva filogenética, o custo de uma ação altruísta seria a diminuição das chances de sobrevivência de um organismo. Portanto, um comportamento altruísta é definido pelos autores como uma ação que traz prejuízos para quem se comporta, mas benefícios para outrem.</p>
<p>Definição/ Explicação</p>	<p>“The question arises: Why do altruistic organisms (organisms who at least occasionally act altruistically) survive in a population? One answer is that genes rather than individual organisms are the primary vehicles of evolution (Dawkins, 1989). Organisms may sacrifice their own fitness with respect to close relatives thereby preserving the fitness of the genes they share” (p. 245).</p> <p>[“Surge a pergunta: por que organismos altruístas (organismos que ao menos ocasionalmente agem altruisticamente) sobrevivem em uma população? Uma resposta é que os genes, e não os organismos individuais, são os veículos primários da evolução (Dawkins,</p>

	1989). Os organismos podem sacrificar sua própria sobrevivência em relação aos parentes próximos, preservando, assim, a sobrevivência dos genes que compartilham” (p. 245).]
Comentário	Locey e Rachlin (2013) questionam os motivos de um indivíduo se comportar altruisticamente, uma vez que o altruísmo acarreta um prejuízo para o organismo que se comporta, e no nível filogenético isso significa diminuir as chances de sobrevivência desse organismo. A resposta dos autores se aproxima de uma concepção de evolução voltada ao gene, que defende que o veículo da evolução é o material genético codificado e não o organismo em si. Assim, um organismo que tem em seus genes instintos altruístas, e divide esses genes com um grupo, pode estar trazendo benefícios para esse grupo quando se coloca em risco. O comportamento altruísta, nesse caso, traz prejuízos ao organismo altruísta, mas beneficia o grupo no qual o gene é compartilhado. Portanto, essa característica pode ter uma vantagem para o grupo e sobreviver.
Definição/ Explicação	<p>“A second answer is that altruistic behavior may be reciprocated by others with a delay; if the amount of the reciprocated reward, discounted by its delay, is greater than the original cost, behavior that is apparently altruistic may be explained simply in terms of delayed reinforcement. But many specific altruistic acts, especially in everyday human life, cannot be explained by either of these two mechanisms. People go out of their way to perform altruistic acts, ranging from carrying a candy wrapper to a trashcan rather than throwing it on the street, to giving anonymously to charity, to spontaneous acts of heroism where there is little or no compensating immediate or delayed benefit for those specific acts, and no benefit to close relatives” (p. 245).</p> <p>[“Uma segunda resposta é que o comportamento altruísta pode ser retribuído por outros com um atraso; se a quantia da recompensa recíproca, descontado o atraso, for maior que o custo original, o comportamento que é aparentemente altruísta pode ser explicado simplesmente em termos de reforçamento atrasado [ênfase adicionada]. Mas muitos atos altruístas específicos, especialmente na vida humana cotidiana, não podem ser explicados por nenhum desses dois mecanismos. As pessoas se esforçam para realizar atos altruístas, desde carregar uma embalagem de doces até uma lixeira em vez de jogá-la na rua, dar anonimamente à caridade, a atos espontâneos de heroísmo onde há pouco ou nenhum benefício imediato ou retardado compensatório para esses atos específicos e</p>

<p style="text-align: center;">Comentário</p>	<p style="text-align: center;">nenhum benefício para parentes próximos” (p. 245).]</p> <hr style="border-top: 1px dashed black;"/> <p>Outra explicação apresentada pelos autores para a emissão de comportamentos altruístas é que as consequências que controlariam esse comportamento seriam atrasadas. Essa explicação se aproximaria de uma concepção de <i>altruísmo interessado</i>, uma vez que o que mantém o comportamento altruísta são consequências reforçadoras para quem se comporta, mesmo que essas consequências sejam postergadas. Contudo, é importante explicitar que os autores dizem que esse seria um comportamento “aparentemente altruísta” (<i>apparently altruistic</i>). O termo utilizado abre espaço para a compreensão de que quando as consequências são postergadas, esse comportamento altruísta seria somente “aparente”. Por outro lado, se esse <i>altruísmo interessado</i> é “aparente”, é possível argumentar que os autores concebem um <i>altruísmo puro</i> ou <i>desinteressado</i>.</p> <p>Peláez (2001) pode complementar essa concepção dizendo que algumas consequências que mantêm o comportamento altruísta não são diretas e óbvias para observadores externos.</p>
<p style="text-align: center;">Definição/ Explicação</p>	<p>“A third explanation of altruistic behavior in biological evolution relies on the concept of group selection. In many instances of everyday life, of humans and nonhumans, the fitness of individuals goes counter to the interests of the group. For example, a grazing animal that raises an alarm when sighting a predator reduces its own fitness (by calling attention to itself) but increases the fitness of the flock as a whole. Because biological selection may act at the level of groups of animals (Rachlin & Locey, 2011; Wilson & Wilson, 2008), alarm-raising and other altruistic tendencies survive in individuals . . . The behavioral evolution of self-control over individual lifetimes corresponds in this way to the biological evolution of altruism over generations of species” (p. 246).</p> <p>[“Uma terceira explicação do comportamento altruísta na evolução biológica depende do conceito de seleção de grupo. Em muitos casos da vida cotidiana, de seres humanos e não-humanos, a aptidão dos indivíduos vai contra os interesses do grupo. Por exemplo, um animal que cria um alarme ao avistar um predador reduz sua própria aptidão (chamando a atenção para si mesmo), mas aumenta a aptidão do grupo como um todo. Como a seleção biológica pode atuar no nível de grupos de animais (Rachlin & Locey, 2011; Wilson & Wilson, 2008), as tendências de alarme e outras tendências altruístas sobrevivem nos indivíduos . . . A</p>

	<p>evolução comportamental do autocontrole durante a vida de um indivíduo corresponde, assim, à evolução biológica do altruísmo ao longo de gerações de espécies (p. 246).]</p>
<p>Comentário</p>	<p>A terceira implicação que os autores trazem é que, mesmo o altruísmo tendo uma gênese na filogenética, essa característica altruísta pode ser vista até hoje, e esse comportamento pode ser modelado na ontogênese. Além disso, Locey e Rachlin (2013) fazem uma analogia entre a seleção do altruísmo na filogênese e o comportamento de autocontrole na ontogênese, uma vez que as consequências imediatas do comportamento seriam ruins para quem se comporta, mas para outros as consequências seriam benéficas, no caso do altruísmo, ou as consequências postergadas seriam melhores que as consequências imediatas, no caso do autocontrole.</p>
<p>Definição/ Explicação</p>	<p>“We have argued furthermore that reinforcement of patterns underlies altruistic behavior as well as self-controlled behavior . . . From a behavioral viewpoint, the difficulty of explaining altruistic behavior is not intrinsically greater (or lesser) than the difficulty of explaining self-control. It is not self-contradictory for a behaviorist to say that an altruistic act is reinforced provided the reinforcer is understood as affecting not that act alone but the pattern that the act is part of” (p. 259).</p> <p>[“Além disso, argumentamos que o reforçamento de padrões comportamentais fundamenta o comportamento altruísta, bem como o comportamento autocontrolado . . . Do ponto de vista comportamental, a dificuldade de explicar o comportamento altruísta não é intrinsecamente maior (ou menor) do que a dificuldade de explicar o autocontrole. Não é contraditório para um comportamentalista dizer que a ação altruísta é reforçada, desde que o reforçador seja entendido como afetando não apenas aquela ação, mas o padrão do qual o comportamento altruísta faz parte” (p. 259).]</p>
<p>Comentário</p>	<p>Locey e Rachlin (2013) defendem que tanto altruísmo quanto autocontrole devem ser entendidos como padrões de comportamento. Assim, a dificuldade de explicar o altruísmo é a mesma que a de explicar o autocontrole, que é um campo muito estudado pela Análise do Comportamento. Por fim, os autores argumentam que não há problema em dizer que o comportamento altruísta é reforçado, mas esse reforço tem que ser entendido como um reforço para o padrão altruísta como um todo, e não somente para uma ação específica.</p>

<i>Variável independente</i>	
<i>Variável dependente</i>	
<i>Conclusão</i>	<p>Todos os 4 pombos testados na <i>condição incremental</i> tenderam a aumentar as sequências de bicadas ao longo das diferentes condições experimentais. Apenas um dos pombos não conseguiu completar a última sequência (0-0-0-8).</p> <p>De forma geral, a sequência de bicadas aumentou para todos os pombos, sendo que as sequências com 2, 3 e 4 bicadas repetidas em cada botão se tornaram mais frequentes ao decorrer do experimento.</p> <p>Locey e Rachlin (2013) concluíram com este experimento que um comportamento pode ser mantido não apenas pelas consequências contíguas e imediatas, mas fortalecido como um padrão de comportamento complexo. Tanto o altruísmo quanto o autocontrole são comportamentos que precisam ser vistos ao longo do tempo para que se encontre as variáveis que controlam esses comportamentos. Assim, altruísmo e autocontrole devem ser vistos como padrões de comportamento mantidos por consequências a curto e longo prazo, distendidas no tempo.</p>
<i>Principais contribuições do artigo para a discussão sobre altruísmo</i>	<p>Locey e Rachlin (2013) concluíram em seu experimento que se as contingências que selecionam em mantêm um comportamento forem rigorosas e extremas, é mais fácil que esse padrão seja exibido e mantido quando passa por um processo de modelagem gradual. Esse processo gradual envolve o reforçamento de partes mais simples do padrão desejado, chegando até o padrão como um todo, de forma gradual:</p> <p>“... that responding will not generally adapt to such strict selection pressure without gradual shaping” (p. 257).</p> <p>[“... a resposta geralmente não se adaptará a uma pressão de seleção tão rigorosa sem uma modelagem gradual” (p. 257).]</p> <p>Os autores também afirmam que, muitas vezes, o autocontrole e a cooperação social são padrões complexos que precisam ser construídos ao longo do tempo:</p> <p>“But, as we argued in the Introduction, in many human self-control and social cooperation situations, patterns of long duration and great complexity have to be constructed” (p. 258).</p> <p>[“Mas, como argumentamos na introdução, em muitas situações humanas de autocontrole e cooperação social, padrões de grande</p>

	<p>complexidade e longa duração, precisam ser construídos” (p. 258).]</p> <p>Um exemplo desse padrão complexo e de longa duração foi descrito pelos autores:</p> <p>“Self-control and social cooperation may develop in such situations if the effective response is restructured into a temporally extended pattern and the pattern is reinforced. For example, an alcoholic’s long string of drink-refusals may be reinforced (by increases in health, social acceptance, and work effectiveness) even though each individual drink refusal is not reinforced—either immediately or after a delay” (pp. 258-259).</p> <p>[“O autocontrole e a cooperação social podem se desenvolver em certas situações se uma resposta efetiva for parte de um padrão temporal prolongado e esse padrão for reforçado. Por exemplo, a longa sequência de recusas de bebida por um alcoólatra pode ser reforçada (por aumentos na saúde, aceitação social e eficácia no trabalho), embora cada recusa de bebida individual não seja reforçada – seja de maneira imediata ou postergada” (pp. 258-259).]</p> <p>De modo geral, o experimento de Locey e Rachlin (2013) busca mostrar como um padrão complexo de comportamento pode ser modelado a partir de comportamentos menores e isolados. Contudo, alguns desses padrões não são a simples somatória de vários comportamentos. Alguns desses padrões só podem ser entendidos se forem analisados ao longo do tempo, tanto com os reforçadores imediatos quanto com os reforçadores prolongados que mantêm esses padrões.</p> <p>Além disso, a aproximação do autocontrole com o altruísmo feita por Locey e Rachlin (2013) abre o flanco para que o fenômeno altruísta seja melhor aceito pela Análise do Comportamento, uma vez que os autores aproximam esse fenômeno do comportamento de autocontrole, que é um comportamento estudado há muito tempo no campo analítico-comportamental. A discussão do altruísmo como padrão de comportamento reforçado ao longo do tempo também pode facilitar a discussão do tema, uma vez que não se torna necessário encontrar reforçadores contíguos que mantêm o comportamento altruísta.</p> <p>Por fim, os autores trazem discussões biológicas do altruísmo, buscando uma explicação filogenética para esse comportamento, e</p>
--	--

	estendem essa discussão para a ontogênese.
--	--

A tabela abaixo é referente à análise interpretativa do artigo de Chater, Vlaev e Grinberg (2008), recuperado com a combinação “*altruism*” and “*reinforcement*”.

Referência	Chater, N., Vlaev, I., & Grinberg, M. (2008). A new consequence of Simpson's paradox: Stable cooperation in one-shot prisoner's dilemma from populations of individualistic learners. <i>Journal of Experimental Psychology: General</i> , 137(3), 403-421.
Objetivo do estudo	Explicar a estabilidade do comportamento de cooperação com estranhos
Sujeitos do estudo	60 humanos entre 18 e 30 anos
Procedimento	4 Experimentos de Dilema do Prisioneiro <i>one-shot</i>
Definição/ Explicação	<p>“Much apparent altruism can be explained away by observing the existence of hidden benefits. For example, there may be reproductive advantages for cooperativeness, if we are interacting with kin (Hamilton, 1964); there may be hidden long-term benefits, if our kindness may one day be reciprocated (Axelrod, 1984; Axelrod & Hamilton, 1981; Nowak & Sigmund, 1989); we may be influenced by social approval, if we are being observed by peers (Satow, 1975; Wedekind & Braithwaite, 2002) and influenced by social situational factors, like the number of bystanders (Latane & Darley, 1969)” (p. 403).</p> <p>[“Muito altruísmo aparente pode ser explicado pela observação da existência de benefícios ocultos. Por exemplo, pode haver vantagens reprodutivas para a cooperação, se estivermos interagindo com parentes (Hamilton, 1964); pode haver benefícios ocultos a longo prazo, se nossa gentileza puder um dia ser retribuída (Axelrod, 1984; Axelrod & Hamilton, 1981; Nowak & Sigmund, 1989); podemos ser influenciados pela aprovação social, se estamos sendo observados pelos pares (Satow, 1975; Wedekind & Braithwaite, 2002) e influenciados por fatores situacionais sociais, como o número de espectadores (Latane & Darley, 1969)” (p. 403).]</p>
Comentário	O comportamento altruísta pode ser explicado por benefícios não explícitos. Esse argumento atrela a ideia de altruísmo a uma concepção interessada. Os autores expõe algumas contingências que favorecem comportamento cooperativos: laços familiares, esperança de retribuição, aprovação social etc.
Definição/ Explicação	“Yet cooperative behavior appears to be surprisingly persistent even where these factors do not apply . . . We show that even where cooperative behavior has a lower payoff whatever the other person

	<p>does, cooperation can nonetheless have a higher average payoff.</p> <p>This is an instance of a well-known statistical observation, Simpson's (1951) paradox. If cooperative behavior receives a higher average payoff, then this may explain why it is repeated, rather than eliminated, over experience. Thus, in a nutshell, perhaps one factor supporting altruistic behavior may be that people fall into a statistical trap" (p. 403).</p> <p>["No entanto, o comportamento cooperativo parece ser surpreendentemente persistente mesmo quando esses fatores não se aplicam . . . Mostramos que, mesmo quando o comportamento cooperativo tem um retorno menor, seja qual for a outra pessoa, a cooperação pode, no entanto, ter um retorno médio maior. Este é um exemplo de uma observação estatística bem conhecida, o paradoxo de Simpson (1951). Se o comportamento cooperativo receber uma recompensa média maior, isso pode explicar por que ele é repetido, e não eliminado, pela experiência. Assim, em poucas palavras, talvez um fator que apoie o comportamento altruísta possa ser que as pessoas caiam em uma armadilha estatística" (p. 403).]</p>
<p>Comentário</p>	<p>Os autores estão explicando como o comportamento <i>cooperativo</i> se estabelece e se mantém. Contudo, na última frase alteram o termo para <i>altruísmo</i> parecendo entender ambos os termos como simples sinônimos.</p>
<p>Definição/ Explicação</p>	<p>"Apparently altruistic cooperative behavior is typically viewed as puzzling from a normative point of view, given the presumption that people are self-interested rational agents" (p. 403).</p> <p>["Aparentemente, o comportamento cooperativo altruísta é tipicamente visto como intrigante de um ponto de vista normativo, dada a presunção de que as pessoas são agentes racionais de interesse próprio" (p. 403).]</p>
<p>Comentário</p>	<p>Os autores utilizam o termo "<i>comportamento cooperativo altruísta</i>". Esse termo junta o comportamento cooperativo com altruísmo. É possível se pensar, a partir dessa citação, se existe um comportamento <i>cooperativo</i> que não seja altruísta (e.g., cooperação egoísta). O nível de altruísmo ou egoísmo nessa cooperação seria então o quanto o sujeito que se comporta perde em relação ao ganho da cooperação (e.g., quanto mais um sujeito precisa doar para ganhar na cooperação, mais altruísta essa cooperação seria)? Outra possibilidade é que cooperação e altruísmo estejam sendo tratadas como sinônimos.</p>
<p>Definição/</p>	<p>"These associations create a sampling bias that may entrench</p>

Explicação	altruistic cooperative behavior with strangers, even where selfish behavior has a higher payoff in every situation” (p. 413). [“Essas associações criam um viés de amostragem que pode entrincheirar o comportamento cooperativo altruísta com estranhos, mesmo quando o comportamento egoísta tem um maior retorno em todas as situações” (p. 413).]
Comentário	Mais uma vez, os autores utilizam o termo “cooperação altruísta”. O contraponto desse comportamento parece ser o “egoísmo” e não uma “cooperação egoísta”. Assim, parece que o termo seja uma espécie de redundância ou a compreensão de cooperação como sinônimo de altruísmo.
Variável independente	-
Variável dependente	Probabilidade de resposta cooperativa no Dilema do Prisioneiro
Conclusão	-
Principais contribuições do artigo para a discussão sobre altruísmo	Altruísmo interessado. Se não houver a necessidade de prejuízos explícitos para a definição de altruísmo, o comportamento altruísta interessado talvez possa ser classificado como cooperação. Os autores utilizam o termo “ <i>comportamento cooperativo altruísta</i> ”. Esse termo junta o comportamento cooperativo com altruísmo. É possível se pensar, a partir dessa citação, se existe um comportamento <i>cooperativo</i> que não seja altruísta (e.g., cooperação egoísta). O nível de altruísmo ou egoísmo nessa cooperação seria então o quanto o sujeito que se comporta perde em relação ao ganho da cooperação (e.g., quanto mais um sujeito precisa doar para ganhar na cooperação, mais altruísta essa cooperação seria)? Outra possibilidade é que cooperação e altruísmo estejam sendo tratadas como sinônimos.

A tabela abaixo é referente à análise interpretativa do artigo de Grusec e Redler (1980), recuperado com a combinação “*altruism*” and “*reinforcement*”.

Referência	Grusec, J. E., & Redler, E. (1980). Attribution, reinforcement, and altruism: A developmental analysis. <i>Developmental Psychology</i> , 16(5), 525-534.
Objetivo do estudo	Verificar se o reforço positivo pode induzir crianças a doar parte de seus lucros para crianças pobres
Sujeitos do estudo	<i>Experimento I</i> 36 crianças de 7 anos (18 meninos e 18 meninas) 24 crianças de 8 anos (12 meninas e 12 meninos) <i>Experimento II</i>

	<p>24 meninos e 24 meninas com a média de 5 anos e 2 meses</p> <p>24 meninas e 24 meninos com a média de 8 anos e 8 meses</p> <p style="text-align: center;"><i>Experimento III</i></p> <p>30 meninos e 30 meninas com a média de 10 anos e 11 meses</p>
<p>Procedimento</p>	<p style="text-align: center;"><i>Experimento I</i></p> <p>As crianças foram divididas em três grupos: (i) um grupo onde ouviram atribuições de caráter (i.g., “você é uma <i>boa pessoa</i>”, “você é <i>gentil</i>” etc.); (ii) reforçamento social (e.g., “parabéns” etc.); (iii) nenhuma consequência.</p> <p>Na <i>primeira fase</i>, as crianças jogariam 20 vezes um jogo no qual estava pré-estabelecido que ganhariam 8 deles. Cada uma dessas vitórias renderia as crianças algumas bolinhas que elas poderiam trocar, ao final da fase, por um prêmio. Em uma mesa, a foto de duas crianças pobres estava colocada. A experimentadora explicou que a criança poderia doar uma das bolinhas para essas crianças. Durante o experimento, a experimentadora também dava alguns lembretes vocais para as crianças (condição de atribuição e reforço). Após o final da etapa, a experimentadora atribuía características e reforçava as crianças (condição de atribuição) ou apenas reforçava (condição reforço). Na condição controle, nenhum lembrete vocal foi dado, nem mesmo foi reforçado possíveis doações. Após acabar a <i>primeira fase</i>, a experimentadora deu 12 lápis para a criança e orientou que elas poderiam deixar alguns lápis para outras crianças da escola que não iriam participar da pesquisa.</p> <p>A <i>segunda fase</i> ocorreu 1 semana após a primeira. Uma nova experimentadora pediu ajuda para as crianças para dobrar papeis. Após concluir as dobras por 3 minutos, a experimentadora disse que as crianças eram muito úteis, bondosas (condição atribuição) etc., ou apenas reforçou a doação com “parabéns” (condição reforço); já na condição experimental nada foi dito. A experimentadora disse então que precisaria sair e que a criança poderia escolher entre continuar dobrando papeis ou brincar com os brinquedos. Na <i>terceira fase</i>, um novo experimentador foi até a escola e disse que estava recolhendo materiais para alegrar crianças doentes. Três folhas de papel foram entregues as crianças e foi pedido que elas fizessem desenhos e colocassem em um bolsa (cada criança tinha uma sacola para colocar os materiais).</p> <p style="text-align: center;"><i>Experimento II</i></p> <p>O procedimento do <i>segundo experimento</i> só teve alteração na <i>segunda fase</i>, que trocou a dobra dos cartões por separação de pinos de três cores em caixas.</p> <p style="text-align: center;"><i>Experimento III</i></p> <p>O procedimento do <i>terceiro experimento</i> foi igual a <i>fase I</i> do experimento I, mudando apenas a idade das crianças (crianças mais velhas do que nos outros experimentos).</p>
<p>Definição/ Explicação</p>	<p>“Presumably, both self-knowledge and knowledge of others have in common the property that they can facilitate altruism that is practiced independently of hope of reward or fear of</p>

	<p>punishment. In this sense, then, we are dealing with true altruism” (p. 529). [“Presumivelmente, tanto o autoconhecimento quanto o conhecimento dos outros têm em comum a propriedade de poderem facilitar o altruísmo praticado independentemente da esperança de recompensa ou do medo de punição. Nesse sentido, então, estamos lidando com o verdadeiro altruísmo” (p. 529).]</p>																																																
Comentário	<p>O trecho marca uma possível definição de altruísmo. O que as autoras chamam de “verdadeiro altruísmo” parece não ser compatível com uma “esperança de recompensa” ou um comportamento com função de fuga ou esquiva. Para que o comportamento seja altruísta, as condições que o mantém não podem ser aversivas, mas também as condições reforçadoras não podem ser explícitas.</p>																																																
Variável independente	Elogios pessoais (caráter); Reforçamento																																																
Variável dependente	Probabilidade do comportamento de doação e generalização desse comportamento																																																
Conclusão	<p>No <i>experimento I</i>, as crianças do grupo controle doaram significativamente menos bolinhas e lápis (<i>fase I</i>) do que as crianças do grupo de atribuição (as crianças foram mais altruístas, ou seja, o reforço social, as dicas e as atribuições de caráter aumentaram as respostas de doação). As crianças da condição experimental também dobraram mais cartões do que as do grupo controle. Por fim, as crianças de atribuição doaram mais desenhos e materiais do que as de outros grupos. A diferença entre o grupo reforço e o grupo controle ocorreu apenas na <i>fase I</i> (apenas nas bolinhas), pois as crianças reforçadas doaram, em média, o dobro das crianças do grupo controle.</p> <table border="1"> <thead> <tr> <th rowspan="2">Item</th> <th colspan="2">Attribution</th> <th colspan="2">Reinforcement</th> <th colspan="2">Control</th> </tr> <tr> <th>Boys</th> <th>Girls</th> <th>Boys</th> <th>Girls</th> <th>Boys</th> <th>Girls</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Marbles</td> <td>7.2</td> <td>8.2</td> <td>7.0</td> <td>5.8</td> <td>2.8</td> <td>3.9</td> </tr> <tr> <td>Pencils</td> <td>5.1</td> <td>6.5</td> <td>3.3</td> <td>2.3</td> <td>2.4</td> <td>2.3</td> </tr> <tr> <td>Cards</td> <td>3.9 (7)</td> <td>5.4 (9)</td> <td>1.1 (3)</td> <td>2.5 (6)</td> <td>.9 (3)</td> <td>3.2 (7)</td> </tr> <tr> <td>Drawings</td> <td>1.9</td> <td>3.4</td> <td>.9</td> <td>2.3</td> <td>1.1</td> <td>1.8</td> </tr> <tr> <td>Craft materials</td> <td>(4)</td> <td>(5)</td> <td>(0)</td> <td>(2)</td> <td>(1)</td> <td>(3)</td> </tr> </tbody> </table> <p><i>Note.</i> <i>n</i> = 10 per group. Figures in parentheses are the numbers of children who folded cards and returned craft materials, respectively.</p> <p>“Os resultados do Experimento 1 apoiam fortemente a hipótese de que os efeitos do reforço social são específicos da situação em que o reforço é usado, enquanto as atribuições de caráter têm efeitos não apenas específicos, mas também generalizados” (p. 529).</p> <p>No <i>experimento II</i>, houve diferença entre a doação de bolinhas na condição de atribuição e na condição controle (as crianças da condição de atribuição doaram mais). Na doação dos lápis, essa diferença não pode ser vista. Na <i>segunda fase</i>, a única diferença vista foi que as crianças mais velhas separavam mais pinos, mas as condições não mostraram diferenças. Na <i>terceira fase</i>, no grupo de crianças mais velhas houve uma diferença significativa (o dobro) de retorno de desenhos entre a condição de atribuição e a condição controle, mas não houve diferença entre os grupos.</p>	Item	Attribution		Reinforcement		Control		Boys	Girls	Boys	Girls	Boys	Girls	Marbles	7.2	8.2	7.0	5.8	2.8	3.9	Pencils	5.1	6.5	3.3	2.3	2.4	2.3	Cards	3.9 (7)	5.4 (9)	1.1 (3)	2.5 (6)	.9 (3)	3.2 (7)	Drawings	1.9	3.4	.9	2.3	1.1	1.8	Craft materials	(4)	(5)	(0)	(2)	(1)	(3)
Item	Attribution		Reinforcement		Control																																												
	Boys	Girls	Boys	Girls	Boys	Girls																																											
Marbles	7.2	8.2	7.0	5.8	2.8	3.9																																											
Pencils	5.1	6.5	3.3	2.3	2.4	2.3																																											
Cards	3.9 (7)	5.4 (9)	1.1 (3)	2.5 (6)	.9 (3)	3.2 (7)																																											
Drawings	1.9	3.4	.9	2.3	1.1	1.8																																											
Craft materials	(4)	(5)	(0)	(2)	(1)	(3)																																											

Table 2
Mean Number of Marbles Donated, Pencils Shared, and Pegs Sorted in Each Condition

Item	Younger						Older					
	Attribution		Reinforcement		Control		Attribution		Reinforcement		Control	
	Boys	Girls	Boys	Girls	Boys	Girls	Boys	Girls	Boys	Girls	Boys	Girls
Marbles	9.37 (8)	7.87 (6)	8.00 (8)	7.87 (7)	6.25 (5)	6.87 (5)	7.37 (6)	6.75 (6)	5.62 (5)	5.37 (3)	4.50 (1)	5.37 (4)
Pencils	3.12	4.25	2.37	5.12	4.75	4.00	4.75	4.37	3.00	2.75	2.62	3.00
Pegs	21.75	32.00	21.12	28.50	15.87	29.25	85.25	69.50	67.75	99.50	49.75	79.12
Drawings	(5)*	(3)	(2)	(4)	(2)	(1)*	(6)*	(6)	(7)	(4)	(3)	(2)
Craft materials	(1)*	(3)	(2)	(1)	(3)	(0)*	(5)*	(4)	(5)	(4)	(2)	(2)

Note. $n = 8$ per group. Figures in parentheses are numbers of children who shared marbles and returned drawings and craft materials, respectively.
* $n = 7$ in these cases.

O *experimento II*, mostrou que há uma diferença significativa entre o grupo controle e a condição de atribuição. Já o grupo de reforçamento parece não generalizar para outros contextos o comportamento das sessões. Além disso, parece que a generalização do grupo de atribuição foi mais efetiva em crianças mais velhas.

No *experimento III*, não houve diferença de doação entre grupo atribuição e reforço, mas houve uma diferença significativa entre os grupos experimentais e o grupo controle. As crianças mais velhas pareceram não diferenciar as atribuições de caráter e as declarações sobre seus atos (reforços), diferentes de crianças mais novas. Além disso, a generalização para a doação de lápis ocorreu tanto no grupo de atribuição quanto no grupo reforço.

Table 3
Mean Number of Marbles Donated and Pencils Shared in Each Condition

Item	Attribution		Reinforcement		Control	
	Boys	Girls	Boys	Girls	Boys	Girls
Marbles	6.4	5.9	5.7	6.3	3.2	4.6
Pencils	5.5	3.9	6.1	4.6	2.6	2.6

Principais contribuições do artigo para a discussão sobre altruísmo

Autoimagem e moralidade.
Autoconceito parece ser mais eficiente em produzir e manter o comportamento altruísta do que o simples reforço social.
Parece haver diferença entre elogiar uma *ação* e elogiar a *pessoa* em crianças até 8 anos. O que as autoras chamam de “verdadeiro altruísmo” parece não ser compatível com uma “esperança de recompensa” ou um comportamento com função de fuga ou esquiva. Para que o comportamento seja altruísta, as condições que o mantêm não podem ser aversivas, mas também as condições reforçadoras não podem ser explícitas.

A tabela abaixo é referente à análise interpretativa do artigo de Parish (1977), recuperado com a combinação “*altruism*” and “*reinforcement*”.

Referência	Parish, T. S. (1977). The enhancement of altruistic behaviors in children through the implementation of language conditioning procedures. <i>Behavior Modification</i> , 1(3), 395-404.
Objetivo do estudo	Verificar se a associação de palavras positivas com cenas altruístas

	pode favorecer a emissão de comportamentos altruístas.
<i>Sujeitos do estudo</i>	48 crianças (34 meninos e 14 meninas) da quinta série.
<i>Procedimento</i>	<p>Grupo de condicionamento de linguagem (17 crianças) Grupo de modelagem (15 crianças) Grupo controle (16 crianças)</p> <p>O grupo de condicionamento e modelagem foram expostos por 15 minutos nas sessões de tratamento, que duraram 4 dias consecutivos.</p> <p>Para o grupo de condicionamento, as cenas altruístas eram apresentadas e logo após isso, um slide com uma “palavra positiva” era apresentado por 5 segundos, e após esse tempo um slide com uma “palavra neutra” era apresentado por mais 5 segundos. As sessões tinham 36 dessas repetições.</p> <p>A diferença entre o grupo de condicionamento e o grupo de modelagem foi apenas que a ordem de apresentação entre figura altruísta, palavra positiva e palavra neutra foi apresentada em ordem randômica.</p> <p>As crianças do grupo experimental não foram submetidas a nenhum tipo de sequência de imagens.</p> <p>Como teste para verificar o aumento de comportamentos altruístas, no dia seguinte ao termino das exposições, um experimentador deu uma bolsa com 12 bolas de chocolate para cada participante e pediu para que eles só abrissem essa bolsa ao final da aula. Após uma hora ao primeiro anúncio, o experimentador voltava na sala e dizia que os doces recebidos pelos alunos poderiam ser dados a alunos de outras salas. Também dizia que os alunos poderiam doar quantos doces quisessem. Cada criança possuía uma bolsa vazia para depositar os chocolates que iria doar, sendo que as bolsas continham os nomes dos próprios alunos.</p>
<i>Definição/ Explicação</i>	<p>“Altruism has been defined by Macaulay and Berkowitz (1970, p. 73) as ‘behavior carried out to benefit another without anticipation of rewards from external sources.’” (p. 395).</p> <p>[“O altruísmo foi definido por Macaulay e Berkowitz (1970, p. 73) como ‘comportamento realizado para beneficiar o outro sem antecipação de recompensas de fontes externas.’” (p. 395).]</p>

Comentário	O altruísmo foi definido no texto como um comportamento com benefício a outrem, mas que não tenha um <i>benefício pré-estabelecido</i> e <i>externo</i> para quem se comporta.
Variável independente	Associação entre palavras positivas com figuras de ações altruístas
Variável dependente	Probabilidade de doação de chocolates
Conclusão	<p>“In the present experiment, the group of children who experienced the language conditioning procedures subsequently were found to be more generous than their control group counterparts” (p. 401).</p> <p>O experimento não mostrou diferença entre comportamentos altruístas entre meninos e meninas. Também não mostrou uma diferença significativa entre as doações do grupo controle (2,5) e do grupo de modelagem (3,5). Já o grupo de condicionamento (4,4) apresentou um número maior na doação dos chocolates.</p> <p>O autor argumenta que o experimento mostra a função das palavras positivas sendo transferidas para as ações altruístas.</p> <p>“In sum, the findings of the present experiment demonstrated that both male and female children’s altruistic behaviors could be enhanced through the systematic use of language conditioning procedures” (p. 403).</p>
Principais contribuições do artigo para a discussão sobre altruísmo	O altruísmo foi definido no texto como um comportamento com benefício a outrem, mas que não tenha um <i>benefício pré-estabelecido</i> e <i>externo</i> para quem se comporta. Por essa definição, o altruísmo poderia ter reforçadores que o manteriam. A empatia seria fundamental nesses casos, tanto para o alívio de sentimentos ruins, quanto para o reforço em casos de sensações boas fruto desse comportamento altruísta.

A tabela abaixo é referente à análise interpretativa do artigo de Baker e Rachlin (2002), recuperado com a combinação “*altruistic*” and “*reinforcement*”.

Referência	Baker, F., & Rachlin, H. (2002). Teaching and learning in a probabilistic prisoner's dilemma. <i>Behavioural Processes</i> , 57(2-3), 211-226.
Objetivo do estudo	<p>“O objetivo do Experimento 1 era comparar o efeito nas escolhas dos participantes de jogar contra o tit-for-tat e Pavlov” (p. 215).</p> <p>“O objetivo do Experimento 2 era comparar os efeitos de jogar contra o tit-for-tat e Pavlov em diferentes contextos - um que</p>

	<p>ênfatizava a natureza automática do jogo do computador e um que implicava que o participante estava jogando contra um ser humano em vez de um computador” (p. 217).</p>													
<p>Sujeitos do estudo</p>	<p><i>Experimento I</i></p> <p>13 participantes (6 mulheres, 7 homens) jogaram contra a estratégia <i>tit-for-tat</i> / 13 participantes (5 mulheres, 8 homens) jogaram contra a estratégia de Pavlov.</p> <p><i>Experimento II</i></p> <p>44 estudantes de graduação (24 mulheres, 20 homens). 24 participantes (14 versus <i>tit-for-tat</i>, 10 contra Pavlov) jogaram no contexto do <i>spinner</i> - um <i>spinner</i> visível indicou a probabilidade de cooperação do computador.</p> <p>20 participantes (10 contra o <i>tit-for-tat</i>, 10 contra o Pavlov) jogaram no contexto do 'outro jogador' - sem o <i>spinner</i>, mas com instruções indicando que eles estavam jogando, não contra um computador, mas contra outro dos participantes jogando no mesmo tempo.</p>													
<p>Procedimento</p>	<p><i>Experimento I</i></p> <p>Os participantes jogavam contra computadores programados em duas estratégias diferentes: <i>tit-for-tat</i> e <i>Pavlov</i>. Na primeira estratégia, o computador replicaria a escolha anterior do participante contra quem estava jogando de maneira probabilística (aumentando ou diminuindo 25% da chance de cooperar ou não). Já no caso da segunda estratégia, o computador escolheria probabilisticamente, levando em conta a última escolha do participante e a última escolha do próprio computador.</p> <p>Os jogos sempre começavam com o computador escolhendo. Se o computador escolhesse <i>cooperar</i>, os participantes poderiam escolher entre ganhar 5 ou 6 pontos. Caso o computador decidisse delatar, os participantes poderiam escolher entre 1 ou 2 pontos.</p> <div data-bbox="877 1612 1181 1848" style="text-align: center;"> <table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2" rowspan="2"></th> <th colspan="2">Player A</th> </tr> <tr> <th>C</th> <th>D</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <th rowspan="2">Player B</th> <th>C</th> <td>5</td> <td>1</td> </tr> <tr> <th>D</th> <td>6</td> <td>2</td> </tr> </tbody> </table> </div> <p><i>Experimento II</i></p> <p>O experimento 2, na condição <i>spinner</i>, replicou o experimento 1, mas havia um contador mostrando a probabilidade de o computador</p>			Player A		C	D	Player B	C	5	1	D	6	2
				Player A										
		C	D											
Player B	C	5	1											
	D	6	2											

	<p>escolher entre a cooperação e a delação. Na condição ‘outro jogador’, não havia realmente outro jogador, sendo o computador quem ditava as escolhas. Essa condição seguiu as mesmas condições do experimento 1.</p>
Definição/ Explicação	<p>“The prisoner’s dilemma is much studied in social psychology and decision-making because it models many real-world conflicts. In everyday terms, the choice to ‘cooperate’ (maximize reward for the group) or ‘defect’ (maximize reward for the individual) is often attributed to altruistic or selfish motives” (p. 211). [“O dilema do prisioneiro é muito estudado em psicologia social e tomada de decisões porque modela muitos conflitos do mundo real. Em termos cotidianos, a escolha de ‘cooperar’ (maximizar a recompensa para o grupo) ou ‘delação’ (maximizar a recompensa para o indivíduo) é frequentemente atribuída a motivos altruístas ou egoístas” (p. 211).]</p>
Comentário	<p>O dilema do prisioneiro analisa as respostas cooperativas de delação. Segundo os autores, essas respostas são usualmente atribuídas como produtos de um altruísmo ou egoísmo. Contudo, essa é uma visão ainda essencialista e que diverge do comportamentalismo radical.</p>
Definição/ Explicação	<p>“In complex self-control tasks, where choices and consequences overlap, reinforcement may be maximized by the establishment of behavioral patterns extending across multiple choices (Kudadjie-Gyamfi and Rachlin, 1996). These self-generated patterns are reinforced only after they are formed (Rachlin, 1995, 2000)” (p. 225). [“Em tarefas complexas de autocontrole, onde escolhas e consequências se sobrepõem, o reforço pode ser maximizado pelo estabelecimento de padrões comportamentais que se estendem através de múltiplas escolhas (Kudadjie-Gyamfi e Rachlin, 1996). Esses padrões autogerados são reforçados somente depois de se formarem como padrões (Rachlin, 1995, 2000)” (p. 225).]</p>
Comentário	<p>Segundo os autores, o autocontrole complexo pode gerar consequências maiores do que as consequências imediatas. Em contingências complexas (como as vividas no dia-a-dia), esses padrões comportamentais autocontrolados só vão gerar a consequência (serão reforçados) depois de terem sido formados. Em outras palavras, esse padrão de comportamento deve ser visto de maneira molar, e a consequência não será molecular (parte desse padrão), mas uma consequência do padrão como todo.</p>

<p>Definição/ Explicação</p>	<p>“Biological theories of altruistic behavior based on an analogy between prisoner’s dilemma and everyday social interaction frequently characterize individuals as biased to cooperate (altruistic) or biased to defect (selfish). But, as the present experiments indicate, this classification may be too simple. In everyday life, as in these experiments, people approach machines and other people, not with simple tendencies to be altruistic or selfish, but with different behavioral patterns, different strategies of interaction” (p. 225).</p> <p>[“As teorias biológicas do comportamento altruísta baseadas em uma analogia entre o dilema do prisioneiro e a interação social cotidiana frequentemente caracterizam os indivíduos como inclinados a cooperar (altruístas) ou tendenciosos a delação (egoístas). Mas, como os experimentos atuais indicam, essa classificação pode ser simples demais. Na vida cotidiana, como nesses experimentos, as pessoas se aproximam de máquinas e outras pessoas, não com tendências simples para serem altruístas ou egoístas, mas com padrões comportamentais diferentes, diferentes estratégias de interação” (p. 225).]</p>
<p>Comentário</p>	<p>Algumas teorias biológicas utilizam jogos econômicos para embasar uma visão essencialista fundada em altruísmo <i>versus</i> egoísmo. Contudo, a definição parece ser superficial, uma vez que as contingências do cotidiano não são simples. Existem diversas contingências que interferem nos comportamentos de cooperar ou delatar. E são essas contingências devem ser estudadas e explicadas.</p>
<p>Variável independente</p>	<p>Padrões de resposta <i>tit-for-tat</i> e Pavlov</p>
<p>Variável dependente</p>	<p>Probabilidade do comportamento cooperativo ser emitido</p>
<p>Conclusão</p>	<p><i>Experimento I</i></p> <p>No primeiro experimento, os dois grupos aumentaram as escolhas cooperativas, tanto no grupo <i>tit-for-tat</i> e Pavlov. A diferença entre os grupos não foi significativa. As condições estabelecidas no experimento favoreciam o reforço de escolhas cooperativas, e os resultados mostram que as contingências estabelecidas foram eficazes para ensinar a cooperação aos participantes.</p> <p><i>Experimento II</i></p> <p>No segundo experimento, na condição <i>spinner</i>, <i>tit-for-tat</i> conseguiu aumentar a cooperação dos participantes, enquanto o Pavlov não. Já na condição ‘outro jogador’, tanto o <i>tit-for-tat</i> quanto Pavlov foram menos eficientes em aumentar a cooperação do que a condição</p>

	<p><i>spinner</i>. Contudo, Pavlov foi melhor na condição ‘outro jogador’ (diferente da condição <i>spinner</i>).</p> <p>No segundo experimento, tanto o indicador de probabilidade quanto a crença de que os participantes estavam jogando contra outro humano dificultaram (impediram) a aprendizagem da cooperação.</p> <p>As duas estratégias (<i>tit-for-tat</i> ou Pavlov) são estratégias que ajudam a estudar o autocontrole, uma vez que os participantes podem escolher a delação (recompensa maior imediata) ou a cooperação (recompensa maior a longo prazo). Essa recompensa é maior a longo prazo visto que escolher repetidamente a delação faz com que a probabilidade do computador cooperar (e permitir a escolha de 5 ou 6) seja reduzida. Portanto, as escolhas de delação fariam o computador também escolher a delação (permitindo escolhas de 1 ou 2 para o participante).</p>
<p><i>Principais contribuições do artigo para a discussão sobre altruísmo</i></p>	<p>Delação (aumenta o benefício individual) / Cooperação (aumenta o benefício coletivo) – do ponto de vista individual, delação é a maximização dos lucros; do ponto de vista coletivo, cooperação é a maximização.</p> <p>Dilema do Prisioneiro.</p> <p>Autocontrole.</p> <p>Os autores não definem o que está sendo chamado por altruísmo. O foco do artigo é a cooperação. Os usos do termo altruísmo servem para estabelecer um paralelo com a ideia de uma essência altruísta, o que os autores negam.</p> <p>O termo altruísta, nesse texto, parece não ter sido utilizado como sinônimo de cooperação. Os autores apenas negam a existência de um altruísmo que gere comportamentos cooperativos. Contudo, não negam a existência do altruísmo, mas não explicitam o que ele seria.</p>

A tabela abaixo é referente à análise interpretativa do artigo de Killeen e Snowberry (1982), recuperado com a combinação “*altruistic*” and “*reinforcement*”.

<p><i>Referência</i></p>	<p>Killeen, P. R., & Snowberry, K. (1982). Information and cooperative behavior. <i>Behaviour Analysis Letters</i>, 2(6), 353-360.</p>
<p><i>Objetivo do estudo</i></p>	<p>-</p>
<p><i>Sujeitos do estudo</i></p>	<p>Experimento 1: seis pombos Experimento 2: oito pombos (quatro A-B-C-D eram sujeitos do primeiro experimento, chamado de grupo 1).</p>
<p><i>Procedimento</i></p>	<p>Experimento 1: duas condições CRF e ALT.</p>

	<p>Sessões diárias de duas horas. 24 sessões para cada condição.</p> <p>Na condição CRF, os pombos que bicavam as chaves tinham acesso a comida por 3 segundos. O comportamento de bicar a chave tinha um reforço direto para o pombo.</p> <p>Na condição ALT, os pombos bicavam as chaves e o acesso a comida era liberado para o seu parceiro por 3 segundos, sendo que o pombo que bicou não tinha um reforçador direto para o comportamento.</p> <p>Experimento 2: uma resposta de um sujeito (e.g., sujeito A) acendia uma luz na cela do outro sujeito (e.g., sujeito B). A luz ficava acessa por 10 segundos. Qualquer resposta do sujeito (e.g., sujeito B) durante a luz acessa gerava reforço para o primeiro sujeito (e.g., sujeito A).</p>
<p>Definição/ Explicação</p>	<p>“Trivers (1971) suggested that ‘reciprocal altruism’ evolved to provide mechanisms that would guarantee the donor eventual benefits, and thus facilitate an interaction that would, in the long run, be to everyone's benefit” (pp. 353-354).</p> <p>[“Trivers (1971) sugeriu que o ‘altruísmo recíproco’ evoluiu para fornecer mecanismos que garantissem ao doador eventuais benefícios e, assim, facilitar uma interação que, a longo prazo, seria benéfica para todos” (pp. 353-354).]</p>
<p>Comentário</p>	<p>Aparentemente os autores estão tratando “altruísmo recíproco” como sinônimo de cooperação, uma vez que o ganho é para ambas as partes. Segundo os autores, é necessário que exista uma benefício <i>a priori</i> para quem se comporta, para que depois esse benefício se volte a outrem.</p>
<p>Definição/ Explicação</p>	<p>“... when responding by an organism results in reward for both itself and another organism, there is usually little difficulty in maintaining the behavior ... when the effect of behavior is reward for the other organism only, the situation is unstable and deteriorates inevitably ...” (p. 355).</p> <p>[“... quando responder por um organismo resulta em recompensa para o próprio organismo e para outro, geralmente há pouca dificuldade em manter o comportamento. ... quando o efeito do comportamento é recompensado apenas pelo outro organismo, a situação é instável e se deteriora inevitavelmente ...” (p. 355).]</p>
<p>Comentário</p>	<p>Os autores estão se defendendo que o comportamento cooperativo é mais fácil de se manter, uma vez que o todos os organismos envolvidos têm benefícios. Já o comportamento altruísta, segundo</p>

	os autores, é um comportamento que inevitavelmente irá enfraquecer e parar de ser emitido, pois não existe consequências reforçadoras para quem se comporta.
<i>Variável independente</i>	-
<i>Variável dependente</i>	-
<i>Conclusão</i>	Experimento 1: se não houver reforço algum para que se comporta, a tendência é que a taxa de resposta diminua muito comparada a taxa de respostas quando há um reforço direto por esse comportamento.
<i>Principais contribuições do artigo para a discussão sobre altruísmo</i>	O texto não apresenta uma definição explícita de altruísmo, mas é possível diferenciar uma concepção de um comportamento <i>altruísta</i> e <i>cooperativo</i> . Para os autores, o comportamento cooperativo é mais fácil de se manter, uma vez que é possível ver as consequências diretas para ambas as partes envolvidas na situação. Já o comportamento altruísta parece ser possível na visão dos autores, mas ele não se sustentará, pois quem se comporta não é reforçado.

Apêndice D

Análises Interpretativas Teóricas

A tabela abaixo é referente à análise interpretativa do artigo de Brayko, Houmanfar e Ghezzi (2016), recuperado com a combinação “*altruism*” and “*behavior analysis*”.

Referência	Brayko, C. A., Houmanfar, R. A., & Ghezzi, E. L. (2016). Organized cooperation: A behavioral perspective on volunteerism. <i>Behavior and Social Issues, 25</i> , 77-98.
Objetivo do estudo	<p>“This paper aims to discuss how volunteerism can be studied within the field of behavior analysis and elucidate the possible perspectives the field can take to develop a comprehensive and scientific understanding of volunteering behavior origins and maintenance” (p. 79).</p> <p>[“Este artigo tem como objetivo discutir como o voluntariado pode ser estudado no campo da análise do comportamento e elucidar as possíveis perspectivas que o campo pode tomar para desenvolver uma compreensão abrangente e científica das origens e manutenção do comportamento de voluntariado” (p. 79).]</p>
Altruísmo interessado ou desinteressado?	<p>Behaviorismo molar (Rachlin):</p> <p>Reflexão: no recorte, talvez seja possível de pensar um altruísmo desinteressado, uma vez que o comportamento altruísta (que pode ser emitido de diversas formas) não está sendo reforçado contiguamente. Contudo, se a análise for do padrão (molar), o padrão altruísta pode ser chamado de interessado, uma vez que existem reforçadores mantendo o padrão como um todo. Ou uma terceira opção seria acabar com a dicotomia existente, argumentando que o nível de análise (molar) supera a distinção de interesse ou desinteresse na medida em que o interesse é uma leitura molecular do fenômeno.</p>
Definição/ Explicação	<p>“Despite the importance of studying volunteerism, there is little behavior analytic literature to discuss this practice, potentially due to philosophical and conceptual issues surrounding its altruistic and sociological ties” (p. 79)</p> <p>[“Apesar da importância de estudar o voluntariado, há pouca literatura analítico-comportamental para discutir essa prática, potencialmente devido a questões filosóficas e conceituais que cercam seus laços altruístas e sociológicos” (p. 79).]</p>
Comentário	A Análise do Comportamento evita a discussão do altruísmo por conta de críticas a tese tradicional de altruísmo, que defende que o comportamento altruísta é um comportamento sem benefícios para quem o emite. Para evitar um vínculo com essa tese, os analistas do

	comportamento parecem evitar temas que envolvam o altruísmo.
<p><i>Definição/ Explicação</i></p>	<p>“Several factors need to be considered when identifying the parameters of a volunteer event. Defining volunteering as “unpaid work,” as some have, fails to account for examples of prosocial activity that would not meet the common-sense criteria. While performing civic duties like jury duty or stopping at an occupied crosswalk are unpaid and service for the good of others, there are multiple legal contingencies maintaining that behavior. Philanthropic activity, too, although similar to volunteering, does not require the commensurate response cost. Donating money to a cause is presumably prosocial, but not necessarily an ongoing activity typically thought of as volunteer work. Regardless of what it may look like, volunteer behavior is generally accepted as action occurring outside of formal governmental contingencies and implies some time and effort spent. Even excluding civic obligations and donations, volunteering can still take many forms. The topography of volunteer behavior varies depending on the context (e.g., culture, learning history, establishing operations) and the function (e.g., tangible, social, verbal) of that behavior. Volunteer behavior can be a solitary event (e.g., organizing a meal train for a family experiencing a recent loss) or could reflect a pattern of behavior (e.g., weekly mentoring through BBBS). In considering the aforementioned features of a volunteer event, a suggested behavioral definition of volunteering is any ongoing human behavior reinforced by improving the reinforcing conditions for others, outside of personal relationships, professional responsibilities and civic duties” (pp. 81-82).</p> <p>[“Vários fatores precisam ser considerados ao identificar os parâmetros de um evento voluntário. Definir o voluntariado como “trabalho não remunerado”, como alguns têm, não leva em conta exemplos de atividades pró-sociais que não satisfaziam os critérios do senso comum. Apesar de deveres cívicos como dever de júri ou parar em uma faixa de pedestre ocupada não serem pagos e serem prestados para o bem dos outros, existem várias contingências legais que mantêm esse comportamento. A atividade filantrópica também, embora semelhante ao voluntariado, não requer o custo de resposta proporcional. Doar dinheiro para uma causa é presumivelmente pró-social, mas não necessariamente uma atividade contínua tipicamente pensada como trabalho voluntário. Independentemente do que possa parecer, o comportamento</p>

	<p>voluntário é geralmente aceito como uma ação que ocorre fora das contingências governamentais e implica algum tempo e esforço gasto. Mesmo excluindo obrigações cívicas e doações, o voluntariado ainda pode assumir muitas formas. A topografia do comportamento voluntário varia dependendo do contexto (por exemplo, cultura, histórico de aprendizagem, estabelecimento de operações) e da função (por exemplo, tangível, social, verbal) desse comportamento. O comportamento voluntário pode ser um evento solitário (por exemplo, organizar um comboio de refeições para uma família que sofra uma perda recente) ou pode reflectir um padrão de comportamento (por exemplo, orientação semanal através do BBBS). Ao considerar as características acima mencionadas de um evento voluntário, uma definição comportamental sugerida de voluntariado é qualquer comportamento humano em curso reforçado pela melhoria das condições de reforço para os outros, fora dos relacionamentos pessoais, responsabilidades profissionais e deveres cívicos ” (pp. 81-82).]</p>
<p><i>Comentário</i></p>	<p>O comportamento voluntário é complexo e pode ter distintas topografias. O voluntarismo parece estar mais perto de ser considerado altruísmo do que cooperação, uma vez que os ganhos individuais são menores comparados aos ganhos de quem é foco do comportamento voluntário. Esse comportamento voluntário seria uma nova classe de comportamento (cooperação, competição, altruísmo etc., ou apenas uma forma de manifestação dessas classes?).</p>
<p><i>Definição/ Explicação</i></p>	<p>“Depending on the social and organizational context in which the individual volunteers, a number of positive and negative reinforcers are at work. Social praise, public recognition, and tokens for participation are all common examples of positive consequences for volunteering” (p. 82).</p> <p>[“Dependendo do contexto social e organizacional em que os indivíduos voluntariam-se, um número de reforçadores positivos e negativos estão no trabalho. Louvor social, reconhecimento público e sinais de participação são exemplos comuns de consequências positivas para o voluntariado ” (p. 82).]</p>
<p><i>Comentário</i></p>	<p>Mesmo que os ganhos para um voluntário não sejam explícitos, isso não quer dizer que eles não existam. Alguns reforçadores descritos pelas autoras são sociais e, muitas vezes, velados.</p>
<p><i>Definição/</i></p>	<p>“Cooperation serves as a parsimonious explanation for volunteer</p>

<i>Explicação</i>	behavior. It must be noted that the concept of cooperation is rarely specifically defined, nor is there much coherence among the definitions in the published literature (Guerin, 1994)” (p. 84). [“A cooperação serve como uma explicação parcimoniosa para o comportamento voluntário. Deve-se notar que o conceito de cooperação raramente é especificamente definido, nem há muita coerência entre as definições na literatura publicada (Guerin, 1994)” (p. 84).]
<i>Comentário</i>	O comportamento voluntário não pode ser reduzido a cooperação. Além disso, Guerin (1994) afirma que a cooperação não é um conceito bem operacionalizado na Análise do Comportamento, havendo divergências na literatura. Como consequência, as confusões conceituais entre altruísmo e cooperação se justificam na medida em que o primeiro conceito é deixado de lado por problemas filosóficas e o segundo, que é um comportamento amplamente estudado por analistas do comportamento, não é bem operacionalizado, não havendo um consenso no que se chama de cooperação.
<i>Definição/ Explicação</i>	“Cooperation is generally conceived as behavior that collectively benefits the individual and the group. Or, as Skinner (1953/1965) described it, ‘the reinforcement of two or more individuals depends upon the behavior of both or all of them’ (p. 311). Keller and Schoenfeld (1950) coined the earliest behavioral definition: where ‘the combined behavior of two or more organisms is needed to procure positive, or remove negative, reinforcement for either’ (p. 357)” (p. 84). [“A cooperação é geralmente concebida como um comportamento que beneficia coletivamente o indivíduo e o grupo. Ou, como Skinner (1953/1965) descreveu, ‘o reforço de dois ou mais indivíduos depende do comportamento de ambos ou de todos eles’ (p. 311). Keller e Schoenfeld (1950) cunharam a definição comportamental mais antiga: onde ‘o comportamento combinado de dois ou mais organismos é necessário para obter um reforço positivo, ou remover negativo, para ambos’ (p. 357)” (p. 84).]
<i>Comentário</i>	As autoras utilizam Skinner (1953/1965) para defender uma visão de cooperação, além de Keller e Schoenfeld (1950). Essa definição mostra a necessidade de ganhos mútuo para os indivíduos que estão participando da relação de cooperação. Não há uma explicitação sobre os ganhos serem equilibrados (reforçadores de mesmo intesidade e magnitude para ambos). A definição utilizada apenas

	demarca a importância de todos os participantes da relação terem algum tipo de benefício.
<i>Definição/ Explicação</i>	<p>“As previously mentioned, volunteering benefits the volunteer as well as the community . . .” (p. 84).</p> <p>[“Como mencionado anteriormente, o voluntariado beneficia tanto o voluntário quanto a comunidade. . .” (p. 84).]</p>
<i>Comentário</i>	Nessa citação, as autoras parecem estar vinculando o comportamento voluntário com a cooperação, uma vez que está explícito o ganho comum dos participantes da relação em questão.
<i>Definição/ Explicação</i>	<p>“. . . altruism occurs when the individual selects the whole activity under the following conditions: 1) the whole activity is preferred to a certain number of occurrences of the brief activity, 2) the brief activity is preferred to a fraction of the whole activity, and 3) a group benefits from the engagement with the whole activity, rather than the brief activity. Put in a volunteering example, Rachlin would call volunteering altruistic based on his three factors: 1) over a long time, the sum of volunteering would be preferred over the sum of shorter, easier, potentially more enjoyable activities (e.g., staying home, watching TV), 2) over a short amount of time, watching TV would be preferred over sustained volunteering, and 3) a community would benefit from volunteering over time, but not from staying home and watching TV” (p. 86).</p> <p>[“. . . o altruísmo ocorre quando o indivíduo seleciona toda a atividade sob as seguintes condições: 1) a atividade toda é preferida a um certo número de ocorrências da atividade breve, 2) a atividade breve é preferida a uma fração da atividade completa e 3) um grupo se beneficia do engajamento com toda a atividade, ao invés da atividade breve. Colocando em um exemplo de voluntariado, Rachlin chamaria o voluntariado de altruísta baseado em seus três fatores: 1) por um longo tempo, a soma do voluntariado seria preferida à soma de atividades mais curtas, mais fáceis e potencialmente mais agradáveis (por exemplo, ficar em casa, assistir TV), 2) durante um curto período de tempo, assistir TV seria preferível ao voluntariado sustentado e 3) uma comunidade se beneficiaria do voluntariado ao longo do tempo, mas não de ficar em casa e assistir TV ” (p. 86).]</p>
<i>Comentário</i>	Para analisar um padrão comportamental é necessário olhar para o comportamento ao longo do tempo, e não somente analisar um recorte. Se for analisada separadamente uma ação custosa para um indivíduo que traga benefícios para outrem e comparar essa ação

	<p>com outra que traga benefícios diretos para o indivíduo que se comporta faz com que o comportamento altruísta não seja priorizado. Contudo, comportamentos altruístas devem ser analisados ao longo do tempo (análise molar), no qual o benefício somado é maior do que ações esporádicas com benefícios a curto prazo. Além disso, em casos como o do altruísmo, o benefício não é apenas a soma de reforçadores menores, mas a magnitude e intensidade desse reforço molar também é diferente. Por fim, as ações altruístas acabam gerando um benefício maior não somente para quem se comporta, mas para toda a comunidade, diferente de muitas ações menores com reforçadores imediatos para os indivíduos que emitem esses comportamentos (e.g., assistir TV, fumar etc.).</p>
<p>Definição/ Explicação</p>	<p>“Rachlin’s conditions for altruism are based on the philosophy that under certain situations the whole produces a more reinforcing consequence (i.e., teleological behaviorism)” (p. 86). [“As condições de altruísmo de Rachlin baseiam-se na filosofia de que, em certas situações, o todo produz uma consequência mais reforçadora (ou seja, o behaviorismo teleológico)” (p. 86).]</p>
<p>Comentário</p>	<p>Para Rachlin, o altruísmo deve ser visto como um comportamento molar e, portanto, só pode ser analisado como um padrão como um todo e não em recortes. Além disso, quando se olhar para esse padrão, as consequências imediatas (recortes) são menores que a consequência molar desse comportamento, mas não parece ser simplesmente uma soma das diversas consequências contíguas. No caso de um padrão molar, a consequência molar é diferente em intensidade e magnitude.</p>
<p>Definição/ Explicação</p>	<p>“Rather than accepting that altruism lacks a reinforcing consequence, Rachlin indicates that the reinforcing value of altruistic acts, ‘is obtained only when such acts are grouped in patterns that are, as a whole, intrinsically valuable’ (p. 244)” (p. 86). [“Em vez de aceitar que o altruísmo carece de uma consequência reforçadora, Rachlin indica que o valor reforçador dos atos altruístas ‘só é obtido quando tais atos são agrupados em padrões que são, no todo, intrinsecamente valiosos’ (p. 244)” (p. 86).]</p>
<p>Comentário</p>	<p>A posição adotada por Rachlin não é a de que não existem reforçadores mantendo o comportamento altruísta, mas essas consequências não são contíguas e nem podem ser analisadas no recorte. Além disso, as consequências reforçadoras de</p>

	<p>comportamentos altruístas (padrão altruísta) são intrinsecamente valiosas (reforçadoras de naturais?).</p> <p>Um exemplo desse padrão e do valor intrínseco dessas consequências é o comportamento de alguém considerado “santo”. No caso de uma pessoa que ajuda esporadicamente outro indivíduo, um padrão não pode ser observado. Um comportamento de ajuda isolado talvez não possa nem mesmo ser chamado de altruísta. Contudo, um indivíduo que ajuda frequentemente outras pessoas (e não há reforçadores imediatos nessas relações) pode, ao final da vida, ser considerada uma pessoa “bondosa”, “altruísta”, “santa”, “caridosa” etc. Essa condição de beatificação só existe na medida em que um padrão altruísta foi mantido durante toda a vida. Não há possibilidade de um indivíduo ser considerado “santo” por apenas alguns poucos episódios espaçados de bondade, sendo que todo o resto da vida desse indivíduo foi incoerente com esse padrão.</p> <p>Portanto, os reforçadores do padrão altruísta não são apenas reforçadores positivos postergados, mas reforçadores de alta magnitude e intensidade que só podem ser obtidos pela emissão de um padrão altruísta coerente e longo.</p>
<p><i>Definição/ Explicação</i></p>	<p>“It is possible to conceive of volunteerism as working within the altruism construct, in that the larger, longer, less immediately reinforcing activity benefits a group and may be preferred by the individual over a smaller, briefer activity that may not result in the same social outcome” (p. 86).</p> <p>[“É possível conceber o voluntariado trabalhando dentro do construto do altruísmo, na medida em que a atividade maior, mais longa, menos imediatamente reforçada beneficia um grupo e pode ser preferida pelo indivíduo em uma atividade menor e mais breve que pode não resultar no mesmo resultado” (p. 86).]</p>
<p><i>Comentário</i></p>	<p>As autoras defendem o voluntariado como um comportamento altruísta na medida em que, em muitos casos, há um prejuízo para quem se comporta e um ganho para outrem, sendo que esse padrão acarretará um ganho diferenciado no futuro (o reforço molar). Além disso, outras atividades menores (moleculares) poderiam estar sendo realizadas, com reforçadores imediatos. Contudo, o voluntariado ainda é um comportamento bastante emitido. A explicação utilizada pelas autoras é que esse voluntariado pode ser visto como um padrão altruísta e mantido por reforçadores molares.</p>
<p><i>Definição/ Explicação</i></p>	<p>“Developing a methodology for setting the occasion for altruistic behavior to occur, if possible, would greatly advance not only</p>

	<p>behavior science but also mainstream understanding of selfless acts” (p. 87).</p> <p>[“Desenvolver uma metodologia para estabelecer a ocasião para o comportamento altruísta ocorrer, se possível, avançaria muito não apenas a ciência do comportamento, mas também a compreensão geral dos atos abnegados” (p. 87).]</p>
Comentário	<p>As autoras defendem que poucas pesquisas em Análise do Comportamento vêm sendo feitas sobre o tema de altruísmo. Mostram que as teorias dos jogos são utilizadas, mas que elas não são específicas para estudar o altruísmo. Assim, o desenvolvimento de um método específico para o estudo do altruísmo poderia contribuir para o avanço desse tema na área.</p>
Definição/ Explicação	<p>“Rule-governed behavior may be able to explain the conditions under which individuals volunteer when no direct-acting contingencies are apparent. For example, an individual might generate the implicit rule, ‘If I volunteer, I am a good person.’” (p. 87).</p> <p>[“O comportamento governado por regras pode ser capaz de explicar as condições sob as quais os indivíduos se voluntariam quando nenhuma contingência de ação direta é aparente. Por exemplo, um indivíduo pode gerar a regra implícita: ‘se eu me voluntariar, sou uma boa pessoa’” (p. 87).]</p>
Comentário	<p>Por mais que o comportamento altruísta possa ser analisado como um padrão molar, a análise molecular também pode auxiliar na explicitação de condições imediatas que favorecem a emissão e manutenção de comportamentos altruístas. As regras, assim como reforçadores imediatos, podem estar controlando o comportamento altruísta. Contudo, isso não quer dizer que o padrão se manteria apenas por aquele reforço isolado. A análise molecular não invalida a análise molar, e o contrário também é verdadeiro. Pode ser que um padrão não se mantivesse sem os reforçadores imediatos intermitentes e isolados.</p>
Tese tradicional	<p>“Traditionally, altruism is defined as “behavior by an animal that is not beneficial to or may be harmful to itself but that benefits others of its species (“Altruism”, n.d.) . . . behavior analysts would object to persistent behavior in the absence of reinforcement, if not the presence of highly punishing consequences. As such, the altruistic phenomenon can appear more like folklore than science” (p. 85).</p> <p>[“Tradicionalmente, o altruísmo é definido como “ comportamento de um animal que não é benéfico ou que pode ser prejudicial a si</p>

	<p>mesmo, mas que beneficia outros de sua espécie (“Altruísmo”, n.d.). . . os analistas do comportamento se oporiam ao comportamento persistente na ausência de reforço, se não a presença de consequências altamente punitivas. Como tal, o fenômeno altruísta pode parecer mais como folclore do que ciência” (p. 85).]</p>
Comentário	<p>A definição de altruísmo utilizada tradicionalmente afirma que o comportamento altruísta acarreta prejuízos para quem se comporta (ou não traz nem prejuízos, nem benefícios), mas traz benefícios para outrem. As autoras afirmam que a principal dificuldade de analistas do comportamento estudarem o altruísmo é por afirmarem que um comportamento não persistiria na ausência de reforçadores (a definição de altruísmo tradicional nega que existam reforçadores para quem se comporta). Os analistas do comportamento afirmariam, então, que consequências punitivas seriam necessárias para que esse comportamento fosse emitido. Contudo, um comportamento de ajuda que está sendo controlado por contingências aversivas não poderia ser considerado altruísta, uma vez que é possível afirmar que esse comportamento estaria sendo reforçado negativamente (removendo os aversivos). Assim, o comportamento altruísta parece não existir, sendo deixado de lado pela ciência comportamental.</p>
Crítica	-
Comentário	<p>A crítica comportamentalista ao estudo do altruísmo se dá por limitar a ideia de comportamento a uma visão molecular. Se o foco for o padrão comportamental, não há impecílios em argumentar a possibilidade do comportamento altruísta existir. Se a única possibilidade de estudar o altruísmo é vendo esse comportamento de maneira molecular, não há possibilidade de existencia de um altruísmo puro, pois ele sempre estará sendo controlado por reforçadores imediatos (para ser um comportamento recorrente, de alta frequência).</p>
Tese alternativa	<p>“Rachlin (2002) frames altruism in a way that can be studied empirically, without assuming supernatural entities. He states that ‘a truly altruistic act is always part of a pattern of acts . . .’ (p. 85). [“Rachlin (2002) enquadra o altruísmo de uma maneira que pode ser estudada empiricamente, sem assumir entidades sobrenaturais. Ele afirma que ‘um ato verdadeiramente altruísta é sempre parte de um padrão de atos . . .’ (p. 85).]</p>
Comentário	<p>Para se estudar o altruísmo sem recorrer a instâncias metafísicas, é</p>

	necessário que se entenda o comportamento altruísta como um padrão. Nesse sentido, não haveria problemas em argumentar que existem reforçadores controlando o padrão, mas esses reforçadores não são imediatos (e arbitrários?). Os reforçadores são molares precisam ser analisados ao longo do tempo.
Conclusão	O voluntarismo pode ser entendido como cooperação ou altruísmo, dependendo da análise feita (molar ou molecular). Em uma análise molecular, ambos os indivíduos parecem ter benefícios na relação de voluntariado, sendo então considerado como cooperação. Mas em uma análise molar, o voluntarismo pode ser visto como altruísmo, tendo em vista os prejuízos para quem se comporta, em detrimento de outros que são beneficiados por esse comportamento.
Principais contribuições do artigo para a discussão sobre altruísmo	Rachlin foi usado nas discussões de Dilema do Prisioneiro e para definição de altruísmo como comportamento molar. Skinner foi usado para definir cooperação. O texto contribui diferenciando explicitamente o que é cooperação e altruísmo, mostrando quais vantagens existem para quem se comporta (no caso da cooperação) e para os outros (altruísmo e cooperação). Além da diferenciação dos conceitos, as autoras buscam um posicionamento molar em relação ao altruísmo, recorrendo a definição de Rachlin. Contudo, parecem não abdicar da possibilidade de entender o altruísmo de maneira molecular, buscando um meio termo entre as consequências imediatas e molares que controlam o comportamento altruísta. (Como poderia ser chamado esse altruísmo: interessado ou desinteressado?).

A tabela abaixo é referente à análise interpretativa do artigo de Rachlin (2012), recuperado com a combinação “*altruism*” and “*behavior analysis*”.

Referência	Rachlin, H. (2012). Making IBM’s computer, Watson, human. <i>The Behavior Analyst</i> , 35, 1-16.
Objetivo do estudo	“In considering what might make Watson human I hope to throw some light on the question, What makes us human? What are the minimal requirements of humanity?” (p. 1).
Altruísmo interessado ou desinteressado?	
Definição/ Explicação	“This is a useful shortcut for everyday-life use of the language of pain (as it is for much of our mentalistic language), but it is harmful for the psychological study of pain and irrelevant to the question of whether . . .” (p. 10). [“Este é um atalho útil para o uso cotidiano da linguagem da dor

	(como é para grande parte da nossa linguagem mentalista), mas é prejudicial para o estudo psicológico da dor e irrelevante para a questão de saber se. . . ” (p. 10).]
Comentário	O autor explicita que a internalização de características dificulta o estudo dos fenômenos, além de não ser útil para explicações.
Definição/ Explicação	<p>“That there is a relation between human self-control and human altruism has been noted in modern philosophy (Parfit, 1984), economics (Simon, 1995), and psychology (Ainslie, 1992; Rachlin, 2002). Biologists have argued that we humans inherit altruistic tendencies, that evolution acts over groups as well as individuals (Sober & Wilson, 1998). Be that as it may, altruistic behavior may develop within a person’s lifetime by behavioral evolution, learning patterns (groups of acts) rather than individual acts” (p. 12).</p> <p>[“Existe uma relação entre o autocontrole humano e o altruísmo humano na filosofia moderna (Parfit, 1984), economia (Simon, 1995) e psicologia (Ainslie, 1992; Rachlin, 2002). Os biólogos argumentam que nós humanos herdamos tendências altruístas, que a evolução atua tanto em grupos quanto em indivíduos (Sober & Wilson, 1998). Seja como for, um comportamento altruísta pode se desenvolver dentro da vida de uma pessoa através da evolução comportamental, padrões de aprendizagem (conjunto de ações) ao invés de atos individuais” (p. 12).]</p>
Comentário	Rachlin (2012) expõe que o autocontrole e altruísmo são fenômenos que devem ser estudados de maneiras parecidas. Além disso, também argumenta que alguns biólogos defendem que o altruísmo é herdado geneticamente, mas ele defende que mesmo que existam tais tendências genéticas, o comportamento altruísta também se desenvolve durante a vida do indivíduo (ontogênese), e esse comportamento deve ser visto como um padrão e não como ações individuais.
Definição/ Explicação	<p>“. . . that the whole is greater than the sum of its parts; that combinations of things may be better than the sum of their components. To use a Gestalt example, a melody is not the sum of a series of notes. The pattern of the notes is what counts. The melody is the same and may have its emergent value in one key and another with an entirely different set of notes. A basketball player may sacrifice his or her own point totals for the sake of the team. All else being equal, a team that plays as a unit will beat one in which each individual player focuses solely on his or her own point totals”</p> <p>(pp. 12-13).</p>

	<p>[“. . . que o todo é maior que a soma de suas partes; que combinações de coisas podem ser melhores que a soma de seus componentes. Para usar um exemplo de Gestalt, uma melodia não é a soma de uma série de notas. O padrão das notas é o que conta. A melodia é a mesma e pode ter seu valor emergente em uma tecla e outra com um conjunto de notas totalmente diferente. Um jogador de basquete pode sacrificar seu próprio total de pontos por causa da equipe. Tudo o mais sendo igual, uma equipe que jogue como uma unidade vencerá aquela em que cada jogador individual focar exclusivamente em seu próprio total de pontos”(pp. 12-13).]</p>
Comentário	<p>A consequência molar do comportamento não é a simples soma das partes, consequências imediatas e menores. A consequência molar só existe quando o padrão é mantido, ela muda de magnitude e intensidade.</p>
Definição/ Explicação	<p>“Teams that play together, teams on which individuals play altruistically, will thus tend to rise in their leagues” (p. 13). [“Equipes que jogam juntas, equipes nas quais os indivíduos jogam de forma altruísta, tenderão a subir em suas ligas” (p. 13).]</p>
Comentário	<p>O comportamento altruísta pode ser prejudicial para o indivíduo isolado, mas se o foco de análise for o grupo, o comportamento acerta benefícios coletivos.</p>
Definição/ Explicação	<p>“In biological evolution, the inheritance of altruism has been attributed to natural selection on the level of groups of people (Sober & Wilson, 1998; Wilson & Wilson, 2008). In behavioral evolution, Locey and I claim, altruism may be learned by a corresponding group-selection process (Locey & Rachlin, 2011)” (p. 13). [“Na evolução biológica, a herança do altruísmo tem sido atribuída à seleção natural no nível de grupos de pessoas (Sober & Wilson, 1998; Wilson & Wilson, 2008). Na evolução comportamental, afirma Locey e eu, o altruísmo pode ser aprendido por um processo de seleção de grupo correspondente (Locey & Rachlin, 2011)”(p. 13).]</p>
Comentário	<p>A herança genética do altruísmo vem sendo atribuída a importância dessa tendência para a sobrevivência do grupo. Na ontogênese, Locey e Rachlin (2011) defendem o altruísmo como um padrão selecionado a partir de grupos correspondentes?</p>
Tese tradicional	-
Comentário	-
Crítica	-

Comentário	-
Tese alternativa	Altruísmo deve ser entendido como um comportamento molar, um padrão comportamental que só pode ser estudado desdendido no tempo.
Comentário	-
Conclusão	A humanidade não é uma essência que habita o ser humano, mas comportar-se como um humano. Não são os padrões neurofisiológicos que determinam a humanidade. São os padrões comportamentais, mesmo que eles necessitem de uma base neurofisiológica para existir. Da mesma forma, não é uma essência humana que torna um organismo humano, mas os padrões de comportamento que chamamos de humanos que tornam um organismo humano.
Principais contribuições do artigo para a discussão sobre altruísmo	Skinner foi usado na discussão de eventos privados. Rachlin foi usado para definir altruísmo e funções de desconto (DD – nível de autocontrole). Relação entre autocontrole e altruísmo. Consequencia molar não é a soma de consequencias menores e imediatas.

A tabela abaixo é referente à análise interpretativa do artigo de Rachlin e Locey (2011), recuperado com a combinação “*altruism*” and “*behavior analysis*”.

Referência	Rachlin, H., & Locey, M. (2011). A behavioral analysis of altruism. <i>Behavioural Processes</i> , 87, 25-33.
Objetivo do estudo	-
Altruísmo interessado ou desinteressado?	Altruísmo interessado
Definição/ Explicação	“The object of behavioral analysis is to identify reinforcers of acts. But an individual altruistic act apparently has no reinforcer; if it did, it would not be altruistic. Altruism thus seems to defy behavioral analysis. Altruistic acts have been defined, in economic terms, as . . . costly acts that confer economic benefits on other individuals (Fehr and Fischbacher, 2003)” (p. 25). [“O objeto da análise comportamental é identificar reforçadores de ações. Mas um ato altruísta individual aparentemente não tem reforçador; se o fizesse, não seria altruísta. O altruísmo parece desafiar a análise comportamental. Os atos altruístas foram definidos, em termos econômicos, como . . . os atos que conferem benefícios econômicos a outros indivíduos (Fehr e Fischbacher, 2003)” (p. 25).]

<p><i>Comentário</i></p>	<p>Os autores definem explicitamente o que estão chamando de altruísmo: um comportamento que não tem reforçadores para quem o emite. Contudo, essa definição parece conflitar com um princípio comportamental: comportamentos são mais prováveis de ocorrer quando são reforçados. Uma pergunta que surge então é: por que uma pessoa se comporta repetidamente de maneira altruísta se não há reforçadores mantendo esse comportamento? Talvez a palavra “aparente” seja crucial nessa análise. A ideia de que não exista um reforçador aparente não é o mesmo que afirmar que esse comportamento não está sendo mantido por reforçadores, mas que eles não são tão explícitos quanto são em outros comportamentos.</p>
<p><i>Definição/ Explicação</i></p>	<p>“If you put a dollar in a machine and someone else gets (and eats) the candy bar, your act is altruistic according to the definition above. It may be that few of us would pay a dollar to give a perfect stranger a candy bar but we might very well pay a penny. Or, if the benefit to the stranger were very high (say, he was starving) we might pay a dollar or even more than a dollar – to give him a candy bar. Or, if the beneficiary were not a stranger but our own child (and we were not at the moment worrying about cavities or obesity), many of us would pay the dollar” (p. 25).</p> <p>[“Se você coloca um dólar em uma máquina e outra pessoa pega (e come) a barra de chocolate, seu ato é altruísta de acordo com a definição acima. Pode ser que poucos de nós pagaríamos um dólar para dar a um estranho uma barra de chocolate, mas poderíamos muito bem pagar um centavo. Ou, se o benefício para o estranho fosse muito alto (digamos, ele estivesse morrendo de fome), poderíamos pagar um dólar ou até mais do que um dólar - para dar a ele uma barra de chocolate. Ou, se o beneficiário não fosse um estranho, mas nosso próprio filho (e não estivéssemos no momento se preocupando com cáries ou obesidade), muitos de nós pagaríamos o dólar” (p. 25).]</p>
<p><i>Comentário</i></p>	<p>Os autores argumentam que, em termos econômicos, o altruísmo se define quando uma pessoa se comporta, mas não tem lucro, enquanto outra pessoa terá lucro com esse comportamento. Nesse trecho os autores também mostram como o custo de resposta é importante para o comportamento altruísta. Se o custo for baixo, a probabilidade de um comportamento altruísta ser emitido é maior.</p> <p>Além disso, o grau de afeto e contato com a pessoa também influencia nesse tipo de comportamento, sendo mais provável que alguém se comporte de maneira altruísta se tiver algum tipo de</p>

	<p>relacionamento com a outra pessoa. Por fim, a necessidade de quem receberá a ajuda também é importante nesse tipo de comportamento, superando até mesmo o custo de resposta.</p>
Definição/ Explicação	<p>“Although there is indeed a bias in altruistic behavior toward relatives over non-relatives (Jones and Rachlin, 2008) numerous instances of altruism in everyday life are directed toward friends, acquaintances and even complete strangers” (p. 26).</p> <p>[“Embora haja de fato um viés no comportamento altruísta em relação a parentes em detrimento de não parentes (Jones e Rachlin, 2008), numerosos exemplos de altruísmo na vida cotidiana são direcionados a amigos, conhecidos e até completos estranhos” (p. 26).]</p>
Comentário	<p>Os autores afirmam que é mais provável que um comportamento altruísta seja direcionado a pessoas próximas, mas isso não exclui a possibilidade de alguém agir em prol de um desconhecido.</p>
Definição/ Explicação	<p>“• Commuters: Each goes faster if he drives, but if all drive each goes slower than if all take busses;</p> <p>• Soldiers: Each will be safer if he turns and runs, but if all do more will be killed than if none do;</p> <p>• Fishermen: When the sea is overfished, it can be better for each if he tries to catch more, worse for each if all do;</p> <p>• Peasants: When the land is overcrowded, it can be better for each if he or she has more children, worse for each if all do” (p. 26).</p> <p>[“• Viajantes: cada um vai mais rápido se dirigir, mas se todos dirigirem, cada um vai mais devagar do que se todos pegassem ônibus;</p> <p>• Soldados: cada um será mais seguro se ele se virar e correr, mas se todos fizerem mais serão mortos do que se nenhum deles o fizer;</p> <p>• Pescadores: quando o mar é superexplorado, pode ser melhor para cada um se ele tentar pegar mais, pior para cada um se todos tentarem;</p> <p>• Camponeses: quando a terra está superlotada, pode ser melhor para cada um se ele ou ela tiver mais filhos, pior para cada um se todos tiverem” (p. 26).]</p>
Comentário	<p>Os autores argumentam que o egoísmo é vantajoso para um indivíduo, mas só até certo ponto. Se existirem apenas organismos individualistas, haveria um prejuízo coletivo, chegando a ser perigoso para toda a espécie, comunidade, grupo etc.</p>
Definição/	<p>“A second reason that people may give for choosing Y is simply</p>

Explicação	<p>that choosing Y is altruistic (or good or generous or public-spirited) and they see themselves as altruistic (or good or generous or public-spirited) people. Choosing X would not fit in with their self-image and would make them feel bad about themselves” (p. 26).</p> <p>[“Uma segunda razão que as pessoas podem dar para escolher Y é simplesmente que escolher Y é altruísta (ou bom ou generoso ou de espírito público) e elas se veem como pessoas altruístas (ou boas ou generosas ou de espírito público). A escolha do X não se ajustaria à sua autoimagem e faria com que se sentissem mal consigo mesmas” (p. 26).]</p>
Comentário	<p>Os autores afirmam que, muitas vezes, um sujeito se comporta de maneira altruísta pois esse comportamento se adequa a autoimagem que ela tem: uma pessoa que se vê como “altruísta” precisa se comportar de maneira altruísta, pois se comportar de maneira egoísta é contrário ao conjunto de regras que ela tem, principalmente as regras sobre ela mesma.</p>
Definição/Explicação	<p>“Because altruistic behavior is so common and so useful in human society, it seems to us likely that three evolutionary mechanisms (biological, behavioral, and cultural) work together to produce it” (p. 27).</p> <p>[“Como o comportamento altruísta é tão comum e tão útil na sociedade humana, parece-nos provável que três mecanismos evolutivos (biológicos, comportamentais e culturais) trabalhem juntos para produzi-lo” (p. 27).]</p>
Comentário	<p>A complexidade do comportamento altruísta necessita de mecanismos complexo de explicação. Assim, essa complexidade exige se pensar nesse comportamento nos três níveis de seleção.</p>
Definição/Explicação	<p>“Of course, altruistic behavior like all learned behavior depends strongly on biological inheritance. The crucial question is: What is inherited and what may be learned over an organism’s lifetime? Some theorists believe that altruistic tendencies may be directly inherited by individuals in successful groups (Sober and Wilson, 1998); others believe that altruistic behavior results from the inheritance of a sense of fairness in allocation of resources (“strong reciprocity”) (Fehr and Fischbacher, 2003). But we believe that organisms may learn to be altruistic with neither an altruistic tendency itself nor an innate sense of fairness. The crucial inherited tendency necessary for the learning of altruism may be a direct sensitivity to the consequences of temporally extended patterns of acts” (p. 28).</p>

	<p>[“É claro que o comportamento altruísta, como todo o comportamento aprendido, depende fortemente da herança biológica. A questão crucial é: o que é herdado e o que pode ser aprendido durante a vida de um organismo? Alguns teóricos acreditam que tendências altruístas podem ser herdadas diretamente por indivíduos em grupos de sucesso (Sober and Wilson, 1998); outros acreditam que o comportamento altruísta resulta da herança de um senso de justiça na alocação de recursos (“forte reciprocidade”) (Fehr e Fischbacher, 2003). Mas acreditamos que os organismos podem aprender a ser altruístas sem uma tendência altruísta em si, nem com um senso inato de justiça. A tendência hereditária crucial necessária para a aprendizagem do altruísmo pode ser uma sensibilidade direta às conseqüências de padrões de ações temporalmente estendidas” (p. 28).]</p>
<p>Comentário</p>	<p>Os autores argumentam que o altruísmo não é um padrão comportamental complexo selecionado diretamente e pronto na filogênese. A sensibilidade às conseqüências dos padrões comportamentais molares são fundamentais para o altruísmo, e esse seria o papel da filogênese.</p>
<p>Definição/ Explicação</p>	<p>“It does not follow from the above argument that every altruistic act derives from self-control. Just as we learn over our lives to extend our effective selves beyond the present moment, so we may learn to extend our effective selves beyond our skins to others whose interests overlap with our own” (p. 29).</p> <p>[“Não decorre do argumento acima que toda ação altruísta deriva do autocontrole. Assim como aprendemos sobre nossas vidas para estender nossos eus efetivos além do momento presente, também podemos aprender a estender nossos eus efetivos além de nossas peles para outros cujos interesses se sobrepõem aos nossos próprios” (p. 29).]</p>
<p>Comentário</p>	<p>A compreensão de que os nossos <i>eus</i> podem se estender além da nossa própria pele faz com que a empatia por outros se torne mais palpável. É mais fácil sentir empatia por outra pessoa quando consideramos essa outra pessoa partes de nós mesmos.</p>
<p>Definição/ Explicação</p>	<p>“A person may have a history of reinforcement of altruistic behavior and, even though she believes that altruism will not be rewarded here and now, she does not want to break the pattern.</p> <p>Why not? Because in the past, in such situations, her best considered choices have been proven wrong. That is, her altruism here and now is an act of self-control, part of a soft-commitment</p>

	<p>pattern” (p. 32).</p> <p>[“Uma pessoa pode ter uma história de reforçamento de comportamento altruísta e, embora acredite que o altruísmo não será recompensado aqui e agora, ela não quer quebrar o padrão. Por que não? Porque no passado, em tais situações, suas melhores escolhas consideradas foram provadas erradas. Isto é, seu altruísmo aqui e agora é um ato de autocontrole, parte de um padrão de compromisso suave ”(p. 32).]</p>
Comentário	Os autores afirmam, mais uma vez, que o comportamento altruísta deve ser compreendido como um padrão comportamental, e esse padrão precisa ser entendido estendido no tempo.
Definição/ Explicação	<p>“From a behavioral viewpoint, the difficulty of explaining altruistic behavior is not intrinsically greater (or lesser) than the difficulty in explaining self-control in everyday life instances of complex ambivalence. It is not contradictory for a behaviorist to say that altruism is reinforced provided the reinforcer is understood as acting not on that act alone but on the pattern that the act is part of”</p> <p>(p. 32).</p> <p>[“Do ponto de vista comportamental, a dificuldade de explicar o comportamento altruísta não é intrinsecamente maior (ou menor) do que a dificuldade em explicar o autocontrole nas instâncias da vida cotidiana de ambivalência complexa. Não é contraditório para um behaviorista dizer que o altruísmo é reforçado desde que o reforçador seja entendido como atuando não apenas naquela ação, mas no padrão do qual a ação faz parte” (p. 32).]</p>
Comentário	A compreensão do altruísmo como um padrão molar de comportamento implica na possibilidade de estudar o altruísmo como um comportamento sem consequências imediatas para quem se comporta. Ainda teriam consequências mantendo o comportamento altruísta, mas essas consequências não seriam imediatas, mas estendidas no tempo e reforçariam o padrão altruísta como um todo, e não apenas atos esporádicos.
Tese tradicional	-
Comentário	-
Crítica	-
Comentário	-
Tese alternativa	-
Comentário	-
Conclusão	
Principais contribuições do	O presente artigo apresenta uma definição explícita de altruísmo e

<p><i>artigo para a discussão sobre altruísmo</i></p>	<p>defende uma visão molar de comportamento para argumentar a possibilidade desse comportamento ser estudado. Alguns fatores importantes para a emissão desse comportamento é o custo de resposta, o grau de parentesco entre quem se comporta e quem será beneficiado e a necessidade de quem será beneficiado. Além disso, a autoimagem é importante na manutenção do comportamento altruísta. Por fim, os autores defendem que é necessário um equilíbrio entre os comportamentos egoístas e altruístas, pois se existir apenas um deles, fatalmente haverá prejuízo para o grupo como um todo.</p>
---	--

A tabela abaixo é referente à análise interpretativa do artigo de Peláez (2001), recuperado com a combinação “*altruism*” and “*behavior analysis*”.

<p>Referência</p>	<p>Peláez, M. (2001). Morality as a system of rule-governed behavior and empathy. <i>Behavioral Development Bulletin, 1</i>, 8-14.</p>
<p>Objetivo do estudo</p>	<p>“The main emphasis, however, in this paper is the analysis of moral behavior and moral judgments based on verbal behavior and embedded in a system of rule-governed behavior” (p. 8). [“A ênfase principal, entretanto, neste artigo é a análise do comportamento moral e dos julgamentos morais baseados no comportamento verbal e presentes em um sistema de comportamento governado por regras” (p. 8).]</p>
<p>Definição/ Explicação</p>	<p>“... moral behavior has certain exclusive characteristics that make it different from other social behaviors: (a) behavior is intentional or deliberate; (b) behavior is perceived, named, or thought of as "right" or "good" by the agent and has no obvious or apparent direct beneficial consequences for that person; and (c) behavior is governed by verbal rules” (p. 8). [“... o comportamento moral tem certas características exclusivas que o diferenciam de outros comportamentos sociais: (a) o comportamento é intencional ou deliberado; (b) o comportamento é percebido, nomeado ou pensado como ‘certo’ ou ‘bom’ pelo agente e não tem consequências benéficas que sejam diretas e óbvias ou aparentes para quem se comporta; e (c) o comportamento é governado por regras verbais (p. 8).]</p>
<p>Comentário</p>	<p>O autor argumenta que o altruísmo é um tipo de comportamento moral. Sendo assim, as três características apresentadas também são aplicadas ao altruísmo. No primeiro ponto, o altruísmo então necessitaria de algum nível de consciência, deliberação ou intencionalidade. Contudo, o autor não define o que a “deliberação</p>

	<p>ou intencionalidade” são. No segundo ponto, o autor introduz a consequência como variável para definir o que é o altruísmo. A ideia de não ter consequências benéficas diretas óbvias ou aparentes para quem se comporta não faz com que essa seja uma definição tradicional, uma vez que podem existir consequências não óbvias ou aparentes. O terceiro ponto complementa os dois anteriores, dizendo que esse tipo de comportamento é governado por regras. Unindo as análises, é possível se pensar que existem consequências que não são diretas e óbvias que mantêm o comportamento de quem está se comportando de maneira altruística. Sendo assim, é possível fazer uma aproximação dessa definição com o altruísmo interessado. Mesmo que a regra descreva contingências muito futuras, o que mantém essa regra em vigor são as contingências presentes, ou seja, o que faz uma pessoa que se comporta de forma altruísta e está sendo governada por regras são as consequências atuais desse comportamento, e não somente as contingências futuras que a regra descreve.</p>
<p><i>Definição/ Explicação</i></p>	<p>“One basic question emerges: What maintains behaviors denoting "self-sacrifice" or "altruism" where no obvious direct contingencies for the actor appear to be controlling these kinds of behavior? Empathy is discussed as an establishing operation derived from aversive controlling histories and determined both biologically and contextually” (p. 8).</p> <p>[“Uma questão básica emerge: o que mantém comportamentos chamados de ‘auto sacrifício’ ou ‘altruísmo’ onde não existem contingência diretas óbvias para quem se comporta que pareçam estar controlando esse tipo de comportamento? A empatia é discutida como uma operação estabelecadora derivada de histórias de controle aversivo e determinada tanto biologicamente quanto contextualmente” (p. 8).]</p>
<p><i>Comentário</i></p>	<p>O autor afirma que muitas vezes o comportamento altruísta não parece ter consequências óbvias e aparentes para ser emitido. Contudo, muitas vezes uma operação estabelecadora está alterando a probabilidade da emissão do comportamento altruísta, mesmo que as contingências não sejam óbvias para o outro observador. Além disso, o autor também afirma que a empatia pode ser uma das operações estabelecadoras envolvidas na emissão de comportamentos altruístas, além de que essa empatia ser tanto biologia quanto contextual. Por fim, o autor expõe que essa empatia é fruto de uma história de controle aversivo, nos diversos níveis de</p>

	seleção.
Definição/ Explicação	<p>“As contextual factors or establishing operations, how do rules affect overt moral actions such as those involved in altruistic or self-sacrificial behaviors (i.e., to give one's life for a cause or to save others)? If one accepts the notion of morality as a system of rule-governed behavior, then one should identify and study the different forms of rules in addition to their different functions and controlling relations” (pp. 8-9).</p> <p>[“Sendo fatores contextuais ou operações estabelecadoras, como as regras afetam ações morais explícitas, tais como aquelas envolvidas em comportamentos altruístas ou auto sacrifícios (i.e., dar a vida por uma causa ou salvar outros)? Se aceitarmos a noção de moralidade como um sistema de comportamento governado por regras, então devemos identificar e estudar as diferentes formas de regras, além de suas diferentes funções e relações de controle” (pp. 8-9).]</p>
Comentário	<p>O autor argumenta que as regras são essenciais para a emissão de comportamentos morais, sendo o altruísmo uma desses comportamentos. Partindo desse ponto, as diferentes formas de regras, as diferentes funções e as formas distintas que essas regras controlam o comportamento são também essenciais para entender como os comportamentos morais são afetados.</p>
Definição/ Explicação	<p>“Paradoxical behaviors include those of self-sacrifice, martyrdom, and altruism, where no obvious direct-acting contingencies for the agent appear to be controlling his/her moral behavior. Actually, the consequences are rather obvious for the behaving agent” (p. 9).</p> <p>[“Comportamentos paradoxais incluem aqueles como auto sacrifício, martírio e altruísmo, onde não parece existir contingências óbvias e diretas controlando o comportamento moral. Na verdade, as consequências são bastante óbvias para quem se comporta” (p. 9).]</p>
Comentário	<p>Tendo definido os diversos comportamentos morais como influenciados por regras e operações estabelecadoras, o autor afirma que esses comportamentos podem não aparentar ter consequências claras para quem está observando de fora, mas para quem está se comportando dessa maneira, as consequências são bastante óbvias. Contudo, o autor não explicita quais seriam essas consequências óbvias para quem se comporta. É possível inferir, uma vez que o autor disse que essas operações estabelecadoras (como a empatia) são fruto de uma história de controle aversivo,</p>

	<p>que algumas das consequências desses comportamentos morais podem ser a retirada de uma condição de mal-estar, de culpa etc. Se essa hipótese se confirmar, mais uma vez o autor etária se aproximando de uma concepção interessada de altruísmo, uma vez que o que mantém esse comportamento é uma consequência direta e que beneficie o indivíduo que se comporta, mesmo que não seja óbvia para um observador.</p>
<p><i>Definição/ Explicação</i></p>	<p>“At a later point in development, moral behaviors are established through prosocial experiences such as sharing, caring, helping, and cooperation. These responses are shaped and maintained by direct positive social reinforcement (e.g., approval, acceptance, praise, affection) . . .” (p. 12).</p> <p>[“Em um momento posterior do desenvolvimento, os comportamentos morais são estabelecidos por meio de experiências pró-sociais, como compartilhar, cuidar, ajudar e cooperar. Essas respostas são modeladas e mantidas por reforços sociais positivos diretos (e.g., aprovação, aceitação, elogio, afeto) . . .” (p. 12).]</p>
<p><i>Comentário</i></p>	<p>Nessa passagem, o autor está tomando uma postura interessada de comportamento moral, uma vez que esses comportamentos são mantidos por consequências reforçadoras diretas.</p>
<p><i>Definição/ Explicação</i></p>	<p>“From a behavior-analytic perspective, empathy may work as a setting event or establishing operation. It refers to a vicarious emotional response signaled by another's emotional cue and responses. Therefore, showing altruistic behavior, self-sacrifice behavior, or helping in the presence of another person's distress, often times is facilitated by empathy working as an establishing operation. For example, feeling empathy, which works like feeling hungry or feeling thirst, or feeling emotionally aroused, may enhance the value of reinforcers associated with behaving. Empathy is not only manifested in sympathetic behavior, but also may be manifested with behaviors denoting anger or behaviors denoting guilt . . . empathy may increase the probabilities of altruistic behavior, but, on other occasions, may induce aggression. For example, it may appear as aggression towards an attacker, as when someone fights to defend another's rights. It may also appear as aggressive behavior towards a victim-as in the case of euthanasia. Another times, empathy may trigger self-deprecation or withdrawal from a given situation, as when a candidate for food in a prison or concentration camp may withdraw his opportunity to eat for the sake of another hungry or ill person” (p. 12).</p>

	<p>[“Do ponto de vista analítico-comportamental, a empatia pode funcionar como uma operação estabelecadora. Refere-se a uma resposta emocional indireta sinalizada pela sugestão e respostas emocionais de outra pessoa. Portanto, mostrar comportamento altruísta, comportamento de auto sacrifício ou ajudar na presença do sofrimento de outra pessoa, muitas vezes é facilitado pela empatia que funciona como uma operação estabelecadora. Por exemplo, sentir empatia, que funciona como sentir fome ou sentir sede, ou sentir-se emotivo, pode aumentar o valor dos reforços associados ao comportamento. A empatia não se manifesta apenas no comportamento simpático, mas também pode se manifestar com comportamentos chamados de raiva ou comportamentos intitulados como culpa . . . a empatia pode aumentar as probabilidades de comportamento altruísta, mas, em outras ocasiões, pode induzir a agressão. Por exemplo, pode parecer uma agressão a um atacante, como quando alguém luta para defender os direitos de outro. Pode também aparecer como comportamento agressivo para com a vítima - como no caso da eutanásia. Outras vezes, a empatia pode desencadear a auto depreciação ou a retirada de uma determinada situação, como quando um candidato a comida em uma prisão ou campo de concentração pode retirar sua oportunidade de comer por causa de outra pessoa faminta ou doente” (p. 12).]</p>
<p>Comentário</p>	<p>Mais uma vez, o autor está dizendo que a empatia é importante para a emissão de comportamentos altruístas, uma vez que ela serve como operação estabelecadora para esse comportamento moral. O autor também defende que o altruísmo não se dá somente na topografia de <i>simpatia</i>, mas pode ter uma topografia mais agressiva, em situações que é necessário atacar alguém para defender uma pessoa que não pode se defender sozinha, ou em situações em que é necessário ter uma topografia agressiva com outra pessoa, impedindo que esse indivíduo seja ainda mais prejudicado se não houver essa atitude. Assim, o altruísmo pode ter diversas topografias, desde as mais simpáticas, até as mais agressivas.</p>
<p>Definição/ Explicação</p>	<p>“Empathy may have various functions for human motivation and behavior: it can provide the basis for care giving of offspring, marital fidelity, group cohesion, and moral compliance as well as for helping, sharing, cooperative, and altruistic behavior” (p. 13).</p> <p>[“A empatia pode ter várias funções para a motivação e o comportamento humanos: pode fornecer a base para o cuidado da</p>

	prole, a fidelidade conjugal, a coesão grupal e a conformidade moral, bem como para ajudar, partilha, cooperação e comportamento altruísta” (p. 13).]
Comentário	O autor defende que a empatia como operação estabelecadora pode servir de diversas formas para que comportamentos morais sejam emitidos. Esses comportamentos seriam benéficos tanto para o próprio indivíduo que se comporta quanto para os outros indivíduos que compartilham o ambiente. Além disso, a empatia, que serve de base para esses comportamentos morais, parece ter alguma raiz filogenética, mas também é fruto de contingências ontogenéticas e culturais.
Tese tradicional 1	<i>Concepção cognitivo-desenvolvimentistas de moral</i> A compreensão do comportamento moral infantil deve ser tomada pelo raciocínio moral infantil, bem como o enfrentamento dos dilemas morais pelas crianças. Além disso, o julgamento moral e a razão são precursores das ações morais.
Crítica 1	As concepções cognitivo-desenvolvimentistas de moral falham por estudarem a moral por si mesma, desconsiderando as contingências. Nem sempre uma ação moral é precedida por julgamento ou raciocínio moral.
Tese alternativa 1	O raciocínio moral (comportamento verbal) e a conduta moral são resultados de processos independentes, produzidos por contingências distintas. A ligação entre dizer e fazer é fruto de treinamento. Portanto, para se estudar a ligação entre o raciocínio moral e a conduta moral, é necessário que seja feita uma análise funcional desse comportamento em contextos passados e atuais.
Altruísmo interessado ou desinteressado?	Altruísmo interessado
Conclusão	“Morality results from a system of rule-governed behavior, which conforms to the moral practices and values of the family and the culture. The effectiveness of moral rules in controlling moral behavior is based on how explicitly the rule describes the moral situation, the efficacy of contingencies and contextual variables involved, and how such a rule relates to other currently controlling moral rules” (p. 13). [“A moralidade resulta de um sistema de comportamento governado por regras, que se conforma às práticas e valores morais da família e da cultura. A eficácia das regras morais no controle do comportamento moral é baseada em como explicitamente a regra descreve a situação moral, a eficácia das contingências e variáveis

	contextuais envolvidas, e como tal regra se relaciona com outras regras morais” (p. 13).]
Principais contribuições do artigo para a discussão sobre altruísmo	<p>O presente artigo discute o altruísmo como uma forma de comportamento moral. Os comportamentos morais, segundo o autor, são influenciados pelas contingências. As regras são parte essencial para que os comportamentos morais sejam emitidos, bem como a empatia, que pode ser uma operação estabelecadora para a emissão desses comportamentos. Além disso, o autor se aproxima de uma concepção interessada de altruísmo, expondo contingências diretas que fomentam e mantêm os comportamentos morais (reforçamento negativo: evitar punições sociais, alívio da culpa etc.; reforçamento positivo: elogios, benefícios sociais etc.). O autor também expõe que as ideias de “bom” e “mau”, “certo” e “errado” são classificações para os comportamentos morais, sendo que essas classificações são controladas por agências controladoras. Sendo assim, é possível dizer que os comportamentos morais são diretamente ligados às agências de controle, e que sociedades com práticas morais mais fortes são também sociedades com agências que têm como foco e interesse que esses comportamentos sejam altamente frequentes.</p>

A tabela abaixo é referente à análise interpretativa do artigo de Fantino, Gaitan, Kennelly e Stolarz-Fantino (2007), recuperado com a combinação “*altruism*” and “*reinforcement*”.

Referência	Fantino, E., Gaitan, S., Kennelly, A., & Stolarz-Fantino, S. (2007). How reinforcer type affects choice in economic games. <i>Behavioural Processes</i> , 75(2), 107-114.
Objetivo do estudo	<p>Não foi descrito diretamente, em momento algum, o objetivo do estudo. Inferindo por meio do resumo do artigo, pode-se pensar que o objetivo foi:</p> <p>“Analisar a diferença entre a utilização de dinheiro real ou hipotético em pesquisas que utilizam os jogos econômicos”.</p> <p>E um segundo objetivo seria:</p> <p>“Qual forma poderia substituir o dinheiro real nos jogos econômicos sem ter prejuízos para a validade do estudo?”.</p>
Definição/ Explicação	“Sharing Game permits study of a wide variety of decisions. One of particular interest is the study of altruism (e.g., Rachlin, 2002; Fantino and Stolarz-Fantino, 2002). We are currently offering students a number of decisions including ones with an altruistic option. For example, on one problem the student has the option of

	<p>receiving 50 cents while the other player also receives 50 cents OR of receiving nothing while the other player receives \$5.00. What proportion of students would select altruistically, choosing nothing for themselves but bestowing a small windfall on an anonymous other? Shawn Charlton has collected data in our laboratory on a similar problem, but with hypothetical rewards; he found that about 20% of students selected altruistically. But the acid test for altruism comes when real money is involved. Since funds to bestow on participants are limited, another future direction is finding meaningful alternatives to money as commodities for allocation in economic games. One promising candidate is time” (p. 111). [“O <i>Sharing Game</i> permite o estudo de uma ampla variedade de decisões. Um interesse em particular é o estudo do altruísmo (e.g., Rachlin, 2002; Fantino e Stolarz-Fantino, 2002). Atualmente, estamos oferecendo aos alunos várias decisões, incluindo aquelas com uma opção altruísta. Por exemplo, em um problema, o aluno tem a opção de receber 50 centavos, enquanto o outro jogador também recebe 50 centavos ou não recebe nada enquanto o outro jogador recebe \$ 5,00. Que proporção de estudantes selecionaria altruisticamente, escolhendo nada para si mesmos, mas concedendo um pequeno ganho inesperado a um outro indivíduo anônimo? Shawn Charlton coletou dados em nosso laboratório sobre um problema semelhante, mas com recompensas hipotéticas; Ele descobriu que cerca de 20% dos alunos fez a opção altruísta. Mas o teste ácido para o altruísmo vem quando o dinheiro real está envolvido. Como os fundos para doar aos participantes são limitados, outra direção futura é encontrar alternativas significativas para o dinheiro como <i>commodities</i> para alocação em jogos econômicos. Um candidato promissor é o tempo” (p. 111).]</p>
<p style="text-align: center;">Comentário</p>	<p>Os autores afirmam que uma das opções de escolha do <i>Sharing Game</i> é uma opção altruísta. Sendo assim, a primeira implicação dessa afirmação é que é possível se estudar o fenômeno por meio do <i>Sharing Game</i>. No exemplo dado, os autores dizem que a opção altruísta seria aquela na qual um o participante abriria mão de uma vantagem para beneficiar outra pessoa. Nesse caso, o benefício do outro seria muito alto, enquanto ele não teria benefício algum. Já na outra opção, os dois receberiam a mesma quantidade, ainda que baixa. Os autores também apontam que uma minoria dos participantes (20%) faz a escolha altruísta. E ainda levanta a possibilidade de que esse número diminua se o dinheiro for real e</p>

	<p>não hipotético (como foi o caso do dado apresentado). Por fim, os autores sugerem que o tempo (<i>time-off</i>) possa ser uma boa opção para estudos futuros que desejam focar o altruísmo no <i>Sharing Game</i>.</p>
<p><i>Altruísmo interessado ou desinteressado?</i></p>	<p>Os autores não buscam explicar quais as condições que fazem o comportamento altruísta ser emitido em detrimento de um comportamento egoísta. Os autores só indicam que a minoria dos sujeitos faz a escolha altruísta, e ainda afirmam que o número seria menor se o dinheiro da pesquisa fosse real e não hipotético. Com os dados apresentados pelo estudo não é possível se fazer uma afirmação se a pesquisa tem uma concepção interessada ou desinteressada de altruísmo. A opção altruísta do experimento não traz benefícios claros para quem está se comportando, mas não há descrição de contingências para afirmar que esse seria um altruísmo desinteressado, uma vez que algumas contingências experimentais pudessem beneficiar diretamente quem está sendo altruísta.</p>
<p><i>Conclusão</i></p>	<p>“The present results have three central conclusions. First, real money is more effective than hypothetical money in terms of promoting closer approximations to optimal allocation strategies in economic games. Thus, researchers cannot use hypothetical rewards and assume that their results would be comparable to results with more meaningful rewards . . . Second, time-off can be utilized in studies of decision-making in economic games without incurring the monetary costs involved when real money is used and without incurring the criticism leveled against hypothetical resources, namely that they are not effective or ecologically valid resources. Third, the results extend the generality of findings with real money” (p. 113).</p> <p>[“Os resultados presentes têm três conclusões centrais. Em primeiro lugar, o dinheiro real é mais eficaz do que o dinheiro hipotético em termos de promover aproximações das estratégias de alocação ótimas nos jogos econômicos. Assim, os pesquisadores não podem usar recompensas hipotéticas e assumir que seus resultados seriam comparáveis aos resultados com recompensas mais significativas . . . Segundo, o <i>time-off</i> pode ser utilizado em estudos de tomada de decisões em jogos econômicos sem incorrer nos custos monetários envolvidos quando o dinheiro real é usado e sem incorrer em críticas feitas contra recursos hipotéticos, ou seja, que eles não são recursos eficazes ou ecologicamente válidos. Terceiro, os resultados ampliam a generalidade das descobertas com dinheiro</p>

	real” (p. 113).]
<i>Principais contribuições do artigo para a discussão sobre altruísmo</i>	<p>Uma primeira contribuição importante é a ideia de uma “opção altruísta” no <i>Sharing Game</i>. Como as pesquisas em Análise do Comportamento sobre altruísmo são ainda incipientes, adotar um método (ou parte dele) para as futuras pesquisas no tema seria um grande passo para a área. Em segundo lugar, os dados trazidos pelos autores mostram que em uma situação experimental controlada, poucas pessoas exibem comportamentos altruístas. Esse dado conflita com as pesquisas aplicadas que mostram um alto índice de comportamentos altruístas, mesmo em situações em que não há nenhum benefício para quem está se comportando.</p>

Anexos

Anexo A
Tabelas de sistematização

Tabela 8
Sistematização bibliométrica

Referências
Autor(es)
Natureza do trabalho
Ano de publicação
Periódico
<i>WebQualis</i>
Instituição
Palavras-chave
Cita Skinner?

Tabela 9
Análise de pesquisa aplicada

Referência
Objetivo do estudo
Sujeitos do estudo
Definição/ Explicação
Variável independente
Variável dependente
Conclusão
Comentários

Tabela 10
Análise de pesquisa básica

Referência
Objetivo do estudo
Sujeitos do estudo
Definição/ Explicação
Variável independente
Variável dependente
Conclusão
Comentários

Tabela 11
Análise de pesquisa teórica

Referência
Objetivo do estudo
Definição/ Explicação
Tese tradicional
Crítica
Tese alternativa
Altruísmo interessado ou desinteressado?
Conclusão
Comentários